

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Patrícia Bergamaschi Maciel Pilon

***O Senhor dos Anéis e Árvore Inexplicável* através de uma perspectiva
ecocrítica**

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

SÃO PAULO
2025

Patrícia Bergamaschi Maciel Pilon

***O Senhor dos Anéis e Árvore Inexplicável* através de uma perspectiva
ecocrítica**

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Literatura e Crítica Literária, sob orientação da Profa. Dra. Diana Navas.

SÃO PAULO

2025

Patrícia Bergamaschi Maciel Pilon

***O Senhor dos Anéis e Árvore Inexplicável através de uma perspectiva
ecocrítica***

Mestrado em Literatura e Crítica Literária

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Literatura e Crítica Literária, sob orientação da Profa. Dra. Diana Navas.

Aprovada em: _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diana Navas
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Prof. Dr. Bruno Anselmi Matangrano
Escola Normal Superior de Lyon (ENS-LYON)

Prof. Dr. Ricardo Celestino
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Para J.R.R. Tolkien, por sempre me lembrar, através de suas histórias, que existe um caminho de luz no meio da escuridão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – processo número 88887.920966/2023-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001 – process number 88887.920966/2023-00.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela bênção da vida.

Ao meu filho Bento, que nasceu com esta pesquisa.

Meu marido João, pelo apoio de sempre.

Aos meus pais, Cibele e Júnior, e minha irmã, Marcela. Minha base.

Meus amores de patas, Polar e Panqueca, também ao Tobi e ao Tomy (em memória), companheiros leais e entusiasmados. Todos muito amados.

À querida Professora Doutora Diana Navas, minha orientadora, pela recepção incentivadora e amorosa. Pelos conhecimentos, apontamentos e dedicação. É uma inspiração para mim na vida acadêmica, pessoal e profissional.

Aos caros Professores Doutores Bruno Anselmi Matangrano e Ricardo Celestino, que aceitaram prontamente o convite para participarem como examinadores desta investigação, enriquecendo-a com suas sugestões e correções.

À talentosa Carol Chiovatto, escritora, tradutora e doutora em Letras, pela motivação, acolhimento e estimável cooperação com o presente estudo.

À tolkienista Cristina Casagrande, doutora especialista em Tolkien, pelo auxílio e atenção concedidos para que este trabalho estivesse à altura de homenagear o legado do Professor John Ronald Reuel Tolkien.

À equipe do Programa de Pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, pessoas maravilhosas que tornaram meu caminho acadêmico mais leve, prazeroso e gratificante. Especialmente ao estimado coordenador Professor Doutor Fábio Roberto Lucas, à querida Ana Albertina e aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Literatura Juvenil: questões teóricas e práticas de leitura e do Grupo de Estudos em Literatura Fantástica, pelas vivências acadêmicas e pessoais compartilhadas.

A todos os meus familiares, amigos, colegas e alunos, que sempre me incentivaram com amor e contribuíram para a concretização feliz desta jornada.

A coragem se encontra em lugares inesperados (Tolkien, 2019b, p. 147).

PILON, Patrícia Bergamaschi Maciel. *O Senhor dos Anéis e Árvore Inexplicável através de uma perspectiva ecocrítica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2025. 124p.

RESUMO

Esta dissertação almeja refletir sobre o conceito de ecocrítica e sua importância na atualidade através das obras *O Senhor dos Anéis*, de John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), conhecido por J.R.R. Tolkien, importante escritor, professor universitário e filólogo britânico, e *Árvore Inexplicável*, da autora brasileira Carol Chiovatto, que também é tradutora e doutora em Letras. Com as atuais discussões sobre sustentabilidade e aquecimento global, a presente pesquisa possui como objetivo o aprofundamento em questões que refletem em nosso planeta ao ressaltar como a literatura de Tolkien é visionária e a ecocrítica presente em sua obra, atemporal. Tendo em vista a representação da natureza em *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*, uma minuciosa análise sobre o mundo natural desses aclamados universos é realizada com a finalidade de evidenciar a relação entre literatura e ecologia e sua relevância para a sociedade contemporânea, através de uma perspectiva ecocrítica. Para esses resultados, são utilizadas obras de renomados pesquisadores da obra de Tolkien, como Humphrey Carpenter. Para as reflexões ecocríticas, há o respaldo de especialistas como Greg Garrard, Maria Esther Maciel, Michel Collot e Yi-Fu Tuan. Na literatura de fantasia, o suporte de estudiosos como Brian Attebery, Edward James, Farah Mendlesohn e o próprio J.R.R. Tolkien.

Palavras-chave: Árvore Inexplicável. Ecocrítica. Literatura de fantasia. O Senhor dos Anéis.

PILON, Patrícia Bergamaschi Maciel. ***The Lord of the Rings and Unexplained Tree through an ecocriticism perspective.*** Dissertation for Master's Degree. Postgraduate Program in Literature and Literary Criticism. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brazil, 2025. 124p.

ABSTRACT

This dissertation aims to reflect on the concept of ecocriticism and its importance today through the works *The Lord of the Rings*, by John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), known as J.R.R. Tolkien, important writer, university professor and british philologist, and *Unexplained Tree*, by brazilian author Carol Chiovatto, who is also a translator and PhD in Literature. With the current discussions about sustainability and global warming, this research aims to delve deeper into issues that reflect on our planet by highlighting how Tolkien's literature is visionary and the ecocriticism present in his work, timeless. In view of the representation of nature in *The Lord of the Rings* and *Unexplained Tree*, a detailed analysis of the natural world of these acclaimed universes is carried out with the purpose of highlighting the relationship between literature and ecology and its relevance to contemporary society, through a ecocriticism perspective. For these results, works by renowned researchers of Tolkien's work are used, such as Humphrey Carpenter. For ecocriticism reflections, there is support from experts such as Greg Garrard, Maria Esther Maciel, Michel Collot and Yi-Fu Tuan. In fantasy literature, support from scholars such as Brian Attebery, Edward James, Farah Mendlesohn and J.R.R. Tolkien himself.

Keywords: Ecocriticism. Fantasy Literature. The Lord of the Rings. Unexplained Tree.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA, ECOCRÍTICA E LITERATURA DE FANTASIA	
1.1 Conscientização ecológica.....	17
1.2 Ecocrítica.....	23
1.3 Literatura de fantasia.....	38
2. O SENHOR DOS ANÉIS E ÁRVORE INEXPLICÁVEL: DUAS FANTASIAS ECOLÓGICAS	
2.1 Fantasia e ecologia.....	51
2.2 <i>O Senhor dos Anéis</i>	55
2.3 <i>Árvore Inexplicável</i>	71
3. O SENHOR DOS ANÉIS E ÁRVORE INEXPLICÁVEL ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA	
3.1 Animais não humanos.....	79
3.2 Paisagens topofílicas.....	89
3.3 Paisagens topofóbicas.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	107
APÊNDICE: Entrevista com Carol Chiovatto.....	113

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Untitled Landscape</i> , de J.R.R. Tolkien.....	14
Figura 2 – <i>Moria Gate</i> , de J.R.R. Tolkien.....	59
Figura 3 – <i>The Hall at Bag-End</i> , de J.R.R. Tolkien.....	64
Figura 4 – <i>The Misty Mountains</i> , de J.R.R. Tolkien.....	65
Figura 5 – <i>Bilbo woke up with the early sun in his eyes</i> , de J.R.R. Tolkien.....	81
Figura 6 – <i>Old Man Willow</i> , de J.R.R. Tolkien.....	90
Figura 7 – <i>The Hill: Hobbiton-across-the-Water</i> , de J.R.R. Tolkien.....	91
Figura 8 – <i>Rivendell</i> , de J.R.R. Tolkien.....	92
Figura 9 – <i>The Forest of Lothlorien in Spring</i> , de J.R.R. Tolkien.....	93
Figura 10 – <i>Barad-dûr The Fortress of Sauron</i> , de J.R.R. Tolkien.....	97
Figura 11 – <i>Orthanc</i> , de J.R.R. Tolkien.....	100
Figura 12 – <i>The Shire and Mordor</i> , de Clara Ferreira Santos.....	103

INTRODUÇÃO

Com as atuais discussões sobre sustentabilidade e aquecimento global, a oportunidade de explorar na literatura tolkieniana questões que se refletem na sociedade atual mostra como Tolkien era crítico e visionário. Os leitores podem visualizar, através de suas obras literárias de fantasia, o retrato e as necessidades do mundo contemporâneo. Dessarte, a obra de fantasia *O Senhor dos Anéis* (2019) é comparada à *Árvore Inexplicável* (2022), de Carol Chiovatto, colocando em evidência que a fantasia contemporânea cumpre seu papel ao destacar importantes temas sociais, como a preservação ambiental.

Mediante a necessidade de ações preventivas contra as mudanças climáticas no mundo, a ecocrítica é um conceito de grande importância na atualidade, sendo um ramo da teoria literária contemporânea que estuda a relação entre a literatura e o meio ambiente e que vê a natureza como centro dos interesses humanos. Consiste, assim, em uma interseção entre a crítica ambiental e os estudos literários. A crítica à modernidade, à ganância humana e ao consequente descuido com o meio ambiente é colocada de forma contundente nas obras analisadas.

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa possui abordagem de cunho qualitativo e de natureza básica, priorizando a fundamentação teórica na qual é embasada. Nesse sentido, a pesquisa é exploratória e bibliográfica, tendo em vista o objeto principal de estudo, analisar as obras do *corpus O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien, e *Árvore Inexplicável*, de Carol Chiovatto, através de uma visão ecocrítica. Sabe-se que, para a abordagem qualitativa, a intuição do pesquisador deve estar aliada à busca constante de repertório e de rigor metodológico, realizando revisão de leituras e elaboração de reflexões em diálogo com o *corpus*.

No primeiro capítulo, é abordada a importância da conscientização ecológica através de um panorama dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo em vista a importância da literatura em debater questões sociais, com a finalidade de chamar a atenção para a urgência da questão ambiental, que prevê a potencialidade catastrófica dos problemas ambientais no horizonte de uma ou duas gerações.

Em seguida, os estudos ecocríticos de grandes pesquisadores do tema são colocados em pauta, com destaque para o livro *Ecocrítica* (2006), do escritor britânico Greg Garrard, no qual reúne importantes análises feitas pelos mais renomados pesquisadores do tema no mundo, incluindo o próprio Garrard. O embasamento teórico sobre ecocrítica será ampliado através da obra *Poética e filosofia da paisagem*, do escritor francês Michel Collot, ao introduzir abordagens sobre temas como paisagem, ecologia, ecologia humana (relação homem-ambiente) e colapso ambiental, também abordados por importantes pesquisadoras brasileiras, como Alpina Begossi e Ida Alves, que foi, inclusive, quem coordenou a tradução do livro de Collot no Brasil.

O conceito de zooliteratura também é inserido e analisado por meio das reflexões de uma das mais renomadas pesquisadoras do assunto no mundo, a autora brasileira Maria Esther Maciel. O imaginário animal e sua representação, tema importante para as análises das obras do *corpus*, é aprofundado com o respaldo da pesquisa de Bruno Anselmi Matangrano, grande referência da área de zoopoética. Isso posto, ressaltam-se os termos topofilia e topofobia do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que contribuíram para enriquecer as análises realizadas sobre as distintas maneiras de relacionamento entre as personagens e os ambientes em que se encontram.

Nas análises sobre literatura fantástica que constam na última seção do capítulo, há o suporte de estudiosos como Tzvetan Todorov. A abordagem da literatura de fantasia traz estudos dos autores Brian Attebery, Edward James, Farah Mendlesohn e do próprio J.R.R. Tolkien. Há uma breve explicação dos conceitos de eucatástrofe e mundo secundário, desenvolvidos pelo professor Tolkien em seu livro *Árvore e folha*.

No segundo capítulo, é apresentada a relação entre fantasia e ecologia, que faz com que importantes discussões da temática ambiental do mundo real sejam levadas aos mais diversos públicos, com o objetivo de promover debates construtivos na busca de soluções eficazes para a preservação da biodiversidade na Terra. Os enredos de *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável* são descritos para situar o leitor, antecedendo as análises do capítulo final.

Sequencialmente, as análises dos livros *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável* são feitas através dos conceitos ecocríticos ressaltados no primeiro capítulo. A literatura de fantasia contribui para o atual debate sobre como viver em

equilíbrio com a natureza e oferece apoio às questões ambientais e sociais a partir de diversos textos, como o presente trabalho.

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 3 de janeiro de 1892 na cidade de Bloemfontein, África do Sul, sob domínio britânico na época. Filho mais velho de Arthur Reuel Tolkien e Mabel Suffield, perdeu o pai com apenas 4 anos. Após a morte do marido, Mabel decidiu permanecer com os filhos, John e Hilary, em Sarehole Mill, localizada na zona rural de Birmingham, na Inglaterra, onde recebeu o apoio da igreja católica através do padre Francis Xavier Morgan.

Essa foi uma das épocas mais felizes de sua vida, os irmãos faziam expedições até o moinho de Sarehole para observarem a roda-d'água e subirem em árvores. Carpenter (2018) cita na biografia oficial de Tolkien um incidente em particular, descrito pelo próprio autor, que permaneceu em sua memória:

Havia um salgueiro na margem do lago do moinho cujos galhos pendiam sobre a água, e aprendi a subir nele. Pertencia a um açougueiro da Stratford Road, acho. Um dia cortaram-no. Não fizeram nada com ele: o tronco simplesmente ficou jogado lá. Nunca me esqueci disso (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 35).

A representação da natureza na Terra-média de Tolkien contempla fauna, flora, seus habitantes e a relação entre eles, uma conexão que compõe a narrativa em seu *legendarium*¹ e reflete a visão do próprio autor sobre a importância da existência em harmonia com o mundo natural.

Era também um bom desenhista, principalmente quando o tema era uma paisagem ou árvore. A mãe lhe ensinou um bocado de botânica, ele foi receptivo e logo ficou bastante versado no assunto. Mas, também nesse caso, ele estava mais interessado na forma e na textura das plantas que em seus detalhes botânicos, especialmente no que dizia respeito a árvores. E, apesar de gostar de desenhar árvores, gostava mais ainda de estar *com* árvores. Subia nelas, encostava-se nelas e até falava com elas (Carpenter, 2018, p. 35).

Seu amor pelas árvores foi retratado através dos Ents, um dos povos criados por Tolkien, sobre os quais serão fornecidas mais informações no capítulo 2, na seção intitulada *O Senhor dos Anéis*.

¹ Termo do latim que se refere a um conjunto de lendas, especialmente referente à vida dos santos, foi escolhido por Tolkien para se referir ao seu conjunto literário de fantasia do universo mitológico da Terra-média.

A estima de Tolkien pela natureza também se fez presente em um intrigante discurso em 1958 na Holanda, concluído da seguinte maneira:

[...] faz agora exatamente 20 anos que comecei com seriedade a completar a história dos nossos venerados ancestrais hobbits da Terceira Era. Olho para leste, oeste, norte e sul e não vejo Sauron; mas vejo que Saruman tem muitos descendentes. Nós, Hobbits, não temos armas mágicas contra eles. No entanto, meus gentis-hobbits, faço-lhes este brinde: aos Hobbits. Que eles perdurem além dos Sarumans e vejam outra vez a primavera nas árvores (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 307-308).

Figura 1 – *Untitled Landscape*², de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/real-life/>, 2024.

A citação revela uma clara crítica à modernidade e industrialização daquela época, que substituíam as paisagens naturais por fábricas cobertas de fumaça e máquinas barulhentas, ao que Tolkien se opunha fortemente, considerando-se um hobbit, alguém que ama as plantas e tudo o que cresce, que prefere o cultivo orgânico e em menor escala, valorizando sua qualidade e harmonia com o ambiente natural.

A própria biografia de Tolkien pode ser analisada sob uma perspectiva ecocrítica, pois ele não era insensível ao ambiente que o cercava. A destruição da paisagem rural inglesa pelo homem durante a Revolução Industrial na Inglaterra o

² Paisagem sem título. Tolkien pintou essa cena em um pequeno caderno de desenho usado durante a sua infância.

deixava furioso. Uma angustiante descrição da paisagem de sua infância no moinho de Sarehole, em 1933, foi retirada do seu diário:

Omito a aflição que senti ao passar por Hall Green – que se tornou um enorme subúrbio dominado por bondes e sem significado, onde cheguei a me perder – e pelo que restou das queridas alamedas da infância, e até mesmo pelo portão do nosso chalé, agora rodeado por um mar de tijolos vermelhos. O velho moinho ainda está de pé e a casa da Sra. Hunt ainda avança até a Estrada, no trecho em que esta sobe a colina, mas a encruzilhada além da Lagoa, agora cercada, o lugar em que se encontravam a alameda onde cresciam campainhas e a alameda que dava no moinho é agora um cruzamento perigoso, cheio de automóveis e semáforos vermelhos. A casa do Ogro Branco (que as crianças estavam animadas para ver) tornou-se um posto de gasolina e a maior parte da Short Avenue e dos olmos entre ela e a encruzilhada desapareceu. Como invejo aqueles que não tiveram a preciosa paisagem da infância exposta a uma alteração tão violenta e particularmente hedionda (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 172-173).

Nessa altura, Tolkien já havia percebido os danos que o motor a combustão interna e as novas estradas causavam à paisagem e, depois da Segunda Guerra Mundial, não comprou outro carro nem voltou a dirigir.

A ênfase do escritor na proteção da paisagem natural, implícita em sua vida e obra, e seu posicionamento contrário à destruição provocada pela sociedade industrial, conforme é descrito no prefácio da segunda edição de *O Senhor dos Anéis*, se harmonizaram com o crescente movimento ecológico da época em que o primeiro volume do livro foi publicado (1954).

A região em que vivi na infância estava sendo miseravelmente destruída antes de eu fazer dez anos, nos dias em que automóveis eram objetos raros (eu jamais vira um) e os homens ainda construíam ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal uma imagem da última decrepitude do moinho de trigo junto à sua lagoa, outrora pujante, que muito tempo atrás me parecia tão importante (Tolkien, 2019b, p. 35).

Sarehole Mill era uma área repleta de árvores e de exuberante natureza, que sofreu grandes alterações com a construção de indústrias, algo que realmente impactou o autor.

Tolkien faleceu em 2 de setembro de 1973, aos 81 anos de idade, deixando um grande legado e leitores encantados por sua obra de fantasia.

A Fantasia é uma atividade natural humana. Ela certamente não destrói ou mesmo insulta a Razão; e não torna menos aguçado o apetite pela verdade

científica, nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais aguçada e clara a razão, melhor fantasia fará (Tolkien, 2020, p. 63).

E tudo começou em um belo dia, enquanto corrigia provas de universitários, até que se deparou com uma folha deixada em branco, na qual rabiscou: “Numa toca no chão vivia um hobbit” (Tolkien, 2019a, p. 27).

Carol Chiovatto nasceu em 1989 na cidade de Niterói (RJ), mas se mudou para São Paulo com apenas quatro meses de idade. É escritora, tradutora e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), na qual estudou a figura da bruxa como estereótipo do feminino transgressor. *Porém Bruxa* (2019), seu romance de fantasia urbana, recebeu o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2020 na categoria Narrativa Longa de Fantasia, e sua novela de ficção científica *Senciente nível 5* (2020) foi finalista do Prêmio Jabuti 2021 na categoria Romance de Entretenimento.

Conforme entrevista concedida para o apêndice desse trabalho, Chiovatto fala sobre a importância do cuidado com o meio ambiente para a sobrevivência da Terra e sua preocupação com o cenário político mundial, no qual pouco se faz a respeito para a contenção da crise climática, fato que resulta em catástrofes ambientais e que ela bem cita em *Árvore Inexplicável*, como os desastres que ocorreram no Brasil em Mariana, Pantanal e Amazônia.

Dessarte, na presente análise, tendo como base os romances *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável* a partir de uma perspectiva ecocrítica, será realizado um aprofundamento das diferentes abordagens dos autores de fantasia ao observar a relação das personagens que compõem a narrativa com o ambiente que as cerca. São abordadas as temáticas ecocríticas dos animais não humanos, das paisagens topofílicas e topofóbicas, contrapondo as duas obras.

O objetivo é compreender como o que foi proposto por Tolkien há 70 anos se reflete hoje na literatura contemporânea de fantasia e, através da obra de Chiovatto, possibilita novas abordagens ecocríticas, como as reflexões zooliterárias analisadas sob a ótica da zoopoética.

1. CONSCIENTIZAÇÃO ECOLÓGICA, ECOCRÍTICA E LITERATURA DE FANTASIA

1.1 Conscientização ecológica

A abordagem da importância social da ecocrítica, enquanto um ramo da crítica literária, faz com que esta reflexão sobre a conscientização ecológica seja pertinente e necessária.

Em 2024, o estado brasileiro do Rio Grande do Sul vivenciou a pior tragédia ambiental de sua história, com a maior parte de seus municípios sendo afetados por enchentes que causaram mortes e destruições em diversos locais.

O jornalista Fábio Munhoz, da CNN Brasil, apurou que mais de 90% das cidades do estado foram afetadas pelas enchentes, causadas pelo volume de chuvas na região. Ele afirma que, em relatório divulgado pela Defesa Civil, constatou-se que 467 das 497 cidades gaúchas foram afetadas pelas tempestades.

De acordo com a reportagem feita pela jornalista Mariana Zylberkan, da Folha de São Paulo, a prefeitura da cidade de Porto Alegre, capital do estado, havia sido informada sobre os riscos de falha no sistema contra enchentes há seis anos. Um parecer realizado por dois engenheiros em setembro de 2018 apontou as consequências em caso de cheia do rio Guaíba. No texto afirma-se que, nos últimos sete anos, as duas gestões municipais não utilizaram totalmente a verba destinada aos contratos para manutenção do sistema de prevenção.

O negacionismo e a má gestão dos recursos nas prefeituras em nosso país é uma triste realidade e, infelizmente, a população carente é sempre a mais severamente afetada. Centenas de animais humanos e não humanos perderam suas vidas, outros tantos perderam seus lares e tudo o que havia neles. Uma catástrofe ambiental sem precedentes, que devastou um estado e que poderia, ao menos, ter sido amenizada se as medidas corretas houvessem sido tomadas, se os políticos tivessem direcionado os recursos cabíveis para sua correta finalidade, se profissionais especialistas que anunciaram a possibilidade de ocorrer uma tragédia fossem ouvidos.

A cidade de São Paulo teve o ar mais poluído do mundo por dois dias consecutivos, em 9 e 10 de setembro de 2024, uma das consequências das queimadas devastadoras que deixaram o Brasil coberto por fumaça, oriundas do clima seco e de incêndios criminosos causados por animais humanos. O jornalista Bruno Laforé, da CNN Brasil, ressaltou que a umidade relativa do ar ficou abaixo da recomendada pela Organização Mundial da Saúde, fato que coloca em risco as vidas dos seres vivos.

Em reportagem do jornal Jovem Pan, constatou-se o número alarmante de 68.635 ocorrências de queimadas no mês de agosto de 2024, que foi o pior dos últimos 14 anos no país, concentrando 76% dos incêndios na América do Sul. O aumento na quantidade de focos de incêndio ocorreu principalmente no bioma Cerrado, que ultrapassou a Amazônia.

Mediante tantos outros desastres ambientais que já ocorreram no Brasil, como desmatamentos ilegais em áreas de preservação da Amazônia e Pantanal, essa pesquisa se faz necessária para fomentar reflexões sobre o cuidado com o meio ambiente através da literatura.

Na atualidade, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (Organização das Nações Unidas) são a principal referência mundial em termos de conscientização social e ecológica.

De acordo com Alves e Fernandes (2020), a sustentabilidade ambiental permeou o debate político-acadêmico sobre desenvolvimento e alguns temas ainda permanecem em discussão no âmbito dos objetivos do desenvolvimento sustentável. Os investigadores realizam uma revisão de literatura interdisciplinar para apresentar a trajetória dos estudos de desenvolvimento, culminando nos ODS, em uma abordagem multidimensional e transversal, que engloba as esferas social e ambiental.

Os ODS foram aprovados no ano de 2015 e estabelecem as metas da Agenda 2030, principal marco político-institucional de caráter global na temática do desenvolvimento, representando uma mudança no debate científico sobre esse conceito, com o intuito de superar um entendimento unidimensional e técnico para uma visão processual, multidimensional e transversal.

Alves e Fernandes (2020) realçam que a literatura sobre formação de agenda em políticas públicas permite que a sociedade compreenda o papel das ideias e das “janelas de oportunidade” como impulsionadoras dessas mudanças. A conexão da

temática ambiental com o debate acadêmico sobre o desenvolvimento no âmbito internacional gerou a discussão de agendamento da literatura, sobre o ciclo de políticas públicas, se instaurando como ponto de partida para compreender a escolha de certos temas, combinando problemas, soluções e conjuntura política.

Isso aliou-se à oportunidade aberta pelo consenso científico sobre a urgência da questão ambiental, que previa a potencialidade catastrófica dos problemas ambientais no horizonte de uma ou duas gerações, o contexto político internacional do final dos anos 1980 e começo dos 1990 tornou possível um maior incitamento à negociação e reflexão sobre a cooperação internacional sobre o tema. A definição da agenda ambiental aconteceu dentro de um sistema complexo e que se adaptava com a constante interação entre os agentes. As janelas de oportunidades fizeram com que a possibilidade de mudanças e ressignificação crescessem e fossem viabilizadas pelo contexto favorável do fim da Guerra Fria, com o reconhecimento da importância do problema da crise climática e pela existência de uma solução que seja realista e adequada, junto da cooperação internacional.

Isso posto, salienta-se que questões distintas são inseridas sobre as dimensões estruturais do desenvolvimento econômico e suas implicações para o meio ambiente. Um dos principais fatores para as mudanças paradigmáticas na literatura e na política internacional sobre desenvolvimento foi o predomínio do consenso científico nos anos 1980 e 1990 a respeito da degradação ambiental e ameaça da mudança climática antropogênica. Com a consolidação desses achados científicos, a discussão sobre o ambientalismo ganhou força política e foi espalhada para outras disciplinas, ocupando um espaço central no que reflete o desenvolvimento em escala internacional.

Conforme Alves e Fernandes (2020), a identificação do problema das ações humanas no meio ambiente geraram um contexto de maior predisposição à cooperação internacional, posterior à superação da Guerra Fria, e as contribuições aumentaram nos ramos da discussão da economia ambiental e dos debates ecológico-ambientais, resultando na inserção da questão sobre sustentabilidade do meio ambiente no processo de desenvolvimento na agenda internacional, política e científica. Os pesquisadores acrescentam que os ODS significam a elevação do interesse pela modificação, promovida através da agenda ambiental para além do debate e da interpretação do problema, atingindo o campo da implementação prática de políticas dentro de uma perspectiva multidimensional do desenvolvimento.

Segundo Okado e Quinelli (2016), os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram divulgados oficialmente na 70ª Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2015. São eles:

1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
2. Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável;
3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;
4. Garantir a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos;
5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos;
7. Garantir o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível de energia para todos;
8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todos;
9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação;
10. Reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles;
11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
12. Manter padrões de produção e de consumo sustentáveis;
13. Providenciar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos;
14. Conservar e usar sustentavelmente dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade;
16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;

17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Os objetivos e suas definições estão devidamente integrados e levam em consideração as realidades diversas de cada Estado, respeitando seus potenciais de desenvolvimento e suas prioridades internas. Existe uma concordância de autonomia aos países para planejarem por intermédio de discussões políticas e estratégicas a implementação dos ODS.

Embora não haja uma priorização entre estes objetivos, a Agenda 2030 reconhece que o fim da pobreza em todas as suas formas e dimensões (que consta no primeiro e segundo objetivos enumerados anteriormente) seja o maior desafio global. É válido ressaltar que os ODS foram formulados por um estudo prospectivo, de forma que as consultas que os precedem possuem somente maior amplitude geográfica, institucional e individual.

Para Kronemberger (2019), são muitos os obstáculos institucionais, metodologias e técnicas para elaborar indicadores ODS. As metodologias para alguns indicadores são escassas, há carências estatísticas sobre os mais diversos temas, não existem séries históricas e alguns dados não estão disponíveis para recortes territoriais mais restritos, como municípios.

Existem várias instituições que produzem, compilam e divulgam estatísticas que permitem a construção de indicadores, conforme menciona Kronemberger (2019). No entanto, é preciso avançar no sentido de produção e/ou compilação de mais informações, para que seja adquirida uma noção ainda mais abrangente do alcance da Agenda 2030. Os dados ambientais, por exemplo, ainda são poucos, pontuais e dispersos em diversas instituições, faltando um sistema organizado de informações para que fluam de maneira padronizada e sistemática. É considerável para os países que possuem suas plataformas ODS sinalizarem os indicadores que necessitam de melhorias e mostrarem que há lacunas, para orientação de futuras pesquisas e na captação de recursos e capacitação.

Para que algumas das pendências sejam solucionadas, um efetivo sistema de informações precisa ser implementado nos países, reunindo os principais produtores primários de dados e gestores de registros, padronizando metodologias, integrando dados, cobrindo temas atuais, definindo atribuições e metas, facilitando parcerias entre instituições, evitando duplicação de esforços, entre outras atividades.

Em um sistema de informações ambientais, poderiam participar agências de meio ambiente estaduais, municipais, órgãos de estatística, de meio ambiente e agências reguladoras federais e estaduais, institutos de pesquisa, ministérios da área ambiental, científica e agropastoril, e assim por diante.

Em suma, Kronemberger (2019) afirma que para produzir indicadores ODS são essenciais o desenvolvimento metodológico, métodos estatísticos, estruturas de governança, capacitação, assistência técnica, colaboração interinstitucional, mobilização de recursos, infraestrutura, novas fontes de dados, entre outros.

Portanto, conclui-se que a Agenda 2030 representa uma enorme oportunidade para o fortalecimento dos sistemas estatísticos nacional e internacional. Os indicadores dos ODS necessitam de utilização pelos governantes, seja no planejamento de ações ou na formulação de políticas públicas. A apropriação desses indicadores por tais agentes é fundamental para que a sua evolução seja assegurada, assim como as conclusões e ponderações deles obtidas na aplicação efetiva das metas da Agenda 2030.

A literatura cumpre seu papel social ao trazer temas importantes como este à tona, abordando-os de forma crítica e almejando construir soluções justas para os problemas da sociedade através de ações em palavras. Essas são colocadas em prática pelos autores aqui analisados, Tolkien e Chiovatto, que através de suas obras fornecem ensinamentos importantes para a justiça social e ambiental, como é demonstrado nessa pesquisa.

Em *O Senhor dos Anéis*, apenas a união dos diferentes povos livres da Terra-média seria capaz de derrotar o poder maligno do Senhor Sombrio, que prega devastação e dominação. As divergências culturais entre os povos não podem estar acima do bem maior, da luta pela vida e sobrevivência, mesmo com suas diferentes formas de pensar, o respeito entre eles é cultivado e as batalhas são vencidas. Valores como amizade, humildade e empatia são enaltecidos.

Da mesma maneira, em *Árvore Inexplicável*, nos deparamos com o poder do afeto e da união entre todos os seres humanos e não humanos em prol da preservação da espécie primata fictícia abaobi, cuja união também demonstra ser o fator-chave do sucesso final, da gloriosa vitória contra o mal, contrariando aqueles que só pensam em si mesmos, deixando-se dominar pela ganância e poder, corrompendo-se pelo mal em vez de fazer o que é certo, de lutar pelos direitos dos humanos e não humanos vítimas da injustiça social.

Nos dois livros há a mensagem de proteção, recuperação e promoção do uso sustentável dos ecossistemas terrestres, que enaltece a necessidade real sobre gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e estagnar a perda de biodiversidade.

1.2 Ecocrítica

A ecocrítica contribui para o debate contemporâneo sobre como viver em equilíbrio com a natureza e oferece apoio aos que querem discutir questões ambientais a partir dos mais diversos textos.

De acordo com Garrard (2006), autor do livro *Ecocrítica*, este conceito ganhou força em 1992, quando foi fundada a *Association for the Study of Literature and Environment*³ – ASLE, nos Estados Unidos. Na língua inglesa, é chamado de *ecocriticism*. “Os ecocríticos costumam vincular explicitamente suas análises culturais a um projeto moral e político ‘verde’” (Garrard, 2006, p. 14).

Ecocrítica, traduzido no Brasil por Vera Ribeiro, traz uma profunda análise sobre o conceito, que explora as formas com que se imagina e retrata a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, e ganhou força em 1992 com a fundação da ASLE⁴ (Associação para o Estudo de Literatura e do Meio ambiente, em português), nos Estados Unidos. É um valioso desdobramento dos estudos literários e culturais.

Garrard (2006) menciona diversos estudiosos renomados em sua obra, examina os conceitos mais relevantes para os ecocríticos, como apocalipse, poluição, pastoral, mundo natural, habitação da terra, animais e a Terra, além de colocar como a definição mais ampla do objeto da ecocrítica o estudo da relação entre o que é ou não humano, ao longo da história cultural, o que acarreta uma análise crítica do próprio termo “humano”.

Os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso implicará estudos

³ Associação para o Estudo de Literatura e do Meio ambiente.

⁴ Sigla de Association for the Study of Literature and the Environment.

interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia. O estudo da retórica fornece-nos o modelo de uma prática de leitura cultural ligada a interesses morais e políticos, bem como uma prática atenta às interpretações reais ou literais e às interpretações figuradas ou construídas da “natureza” e do “meio ambiente” (Garrard, 2006, p. 29).

O autor menciona que a ecocrítica se singulariza entre as teorias literárias e culturais contemporâneas por sua relação próxima com a ciência da ecologia. Os ecocríticos transgridem os limites disciplinares e desenvolvem sua própria “capacitação ecológica”, além disso, reconhecem que os problemas do meio ambiente são também científicos. Assim, não seria ilógico associar a ecocrítica à concepção ideal da Terra no futuro, um planeta atento à justiça ambiental, conciliando as reivindicações fundamentais do comércio e da tecnologia, baseando-se no discernimento ecológico científico e na compreensão artística, em comprometimento com a preservação da diversidade para todos os seus habitantes.

Os ecocríticos Glotfelty (1996) e Kerridge (1998), segundo Garrard (2006), sugerem em suas definições uma ecocrítica cultural ampla.

O que é ecocrítica, então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (Glotfelty *apud* Garrard, 2006, p. 14).

O ecocrítico almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com muito mais clareza um debate que parece vir ocorrendo, amiúde parcialmente encoberto, em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar os textos e as ideias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental (Kerridge *apud* Garrard, 2006, p. 15).

Através da literatura podem surgir ideias coerentes para auxiliar em discussões favoráveis ao meio ambiente, com soluções para a sua proteção e preservação, o que ressalta sua importância socioambiental e sociocultural na contemporaneidade. A ecocrítica, portanto, refere-se, essencialmente, à delimitação entre natureza e cultura humana, sua construção e reconstrução.

O conceito de poluição é descrito por Garrard como nocivo não apenas para a natureza, mas a todos os seres vivos, sendo comprovado a partir de análises químicas que detectam quantidades expressivas de substâncias tóxicas que estas podem comprometer a saúde e bem-estar, afetando organismos vivos.

Quando se refere ao conceito de apocalipse, o autor frisa que é tratado como uma tragédia predeterminada, que avança para uma conclusão catastrófica e episódica, também abordada por diversas religiões. Garrard o demonstra através de uma citação do autor Baarschers, conforme a seguir:

Ao lidar com relatórios, políticas ou normas ambientais, devemos sempre ter em mente que o que hoje é zero já não será zero amanhã. Já passamos da medição de microgramas, na década de 1950, para a de picogramas, nas décadas de 1980 e 1990. [...] Ao mesmo tempo, devemos ter em mente que não há relação entre os efeitos tóxicos e nossa capacidade de detectar uma substância química. As pequenas quantidades só têm importância quando realmente afetam os organismos vivos (Baarschers *apud* Garrard, 2006, p. 24).

É possível compreender as características da retórica apocalíptica trágica com a citação de Rachel Carson, bióloga marinha, cientista, escritora e ecologista norte-americana, feita por Garrard:

O mais alarmante de todos os ataques do homem ao meio ambiente é a contaminação do ar, da terra, dos rios e do mar por materiais perigosos e até letais. Essa poluição, em sua maior parte, é irresgatável; a cadeia de males que ela inicia nos tecidos vivos, é quase toda irreversível. Nessa contaminação do meio ambiente, hoje universal, os produtos químicos são os parceiros sinistros e pouco reconhecidos da radiação, por modificarem a própria natureza do mundo – a própria natureza de sua vida (Carson *apud* Garrard, 2006, p. 135-136).

Concomitantemente a essa retórica, segundo Garrard, pode-se concluir que o desafio moral e político da ecologia esteja talvez em aceitar que o mundo pode não estar prestes a acabar e que a humanidade sobreviva, mas somente se houver mudanças em seu estilo de vida, que infelizmente está fundamentado no consumo exacerbado. Afinal, é preciso prospectar um planeta habitável ao homem, porque somente imaginando que o planeta tem futuro é que irão assumir a responsabilidade de lutar por ele, de preservar o meio ambiente.

Garrard (2006) cita o ecocrítico escocês John Muir (1838-1914) como um grande estudioso do mundo natural, que afirma:

Ao tentarmos selecionar uma coisa em si, constatamos que ela está atrelada a tudo mais que existe no universo. Imaginamos que um coração como o nosso deve bater em todo cristal e toda célula, e sentimos vontade de parar para conversar com as plantas e animais, como amistosos co-habitantes das montanhas (Muir *apud* Garrard, 2006, p. 100).

É realçado pelo escritor que o estudo das relações entre humanos e animais divide-se entre os direitos dos animais e a análise cultural de sua representação. Os ecocríticos defendem que não dar atenção às outras espécies é desdenhoso, todas devem ser respeitadas e seus habitats preservados.

[...] A natureza selvagem exige que aprendamos a conhecer o terreno, cumprimentemos todas as plantas, animais e aves, cruzemos o vau dos rios e atravessemos as cordilheiras, e que contemos uma boa história ao voltar (Snyder *apud* Garrard, 2006, p. 122).

A peculiaridade distintiva dos animais está em que, sendo simultaneamente próximos e distantes do homem, aparentados com ele e inalteravelmente não humanos, eles podem alternar, como objetos do pensamento humano, entre a contiguidade da modalidade metonímica e a modalidade analógica e distanciada da metáfora (Willis *apud* Garrard, 2006, p. 197-198).

O mundo natural possui valor quase sacramental, guardando a promessa de um relacionamento renovado da humanidade com a terra, embasado em uma atitude de humildade e respeito.

A zooliteratura abrange as relações do homem com o animal não humano e o estudo dos animais na imbricação com o ambiente físico, a sociedade e a cultura, em uma associação direta entre a arte e os animais, conforme cita Maria Esther Maciel (2016), uma das principais pesquisadoras brasileiras a iniciar os estudos zooliterários na América Latina.

Segundo Maciel (2016), os dois eixos que sustentam os estudos animais são o que concerne ao animal propriamente dito e à “animalidade”, e o que tem foco nas complexidades das relações entre homens e animais não humanos. A zooliteratura está inserida neste último, pois estuda não apenas os animais nas obras literárias, mas também os pontos limites do humano e da animalidade. A autora frisa a importância de se admitir a complexidade do comportamento animal no meio acadêmico.

Na literatura brasileira, um exemplo que ilustra essa análise é o da cachorra Baleia, personagem de *Vidas Secas* (2023), do autor alagoano Graciliano Ramos. Ela possui pensamentos próprios, é amorosa e solidária, se importa e cuida dos integrantes de sua família na obra, sendo considerada parte dela.

A cachorra Baleia saiu correndo entre os alastrados e quipás, farejando a novilha raposa. Depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho. Fabiano consolou-a, afagou-a. Queria apenas dar um

ensinamento aos meninos. Era bom eles saberem que deviam proceder assim (Ramos, 2023, p. 19).

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: “Você é um bicho, Fabiano.” Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (Ramos, 2023, p. 16-17).

Através de Baleia e do personagem Fabiano, o pai da família, evidencia-se que assim como o animal não humano pode expressar suas emoções, o humano pode apresentar animalidade.

Lembrou-se da casa velha onde morava, da cozinha, da panela que chiava na trempe de pedras. Sinha Vitória punha sal na comida. Abriu os alforjes novamente: a trouxa de sal não se tinha perdido. Bem. Sinha Vitória provava o caldo na quenga de coco. E Fabiano se aperreava por causa dela, dos filhos e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente. Naquela viagem arrastada, em tempo de seca braba, quando estavam todos morrendo de fome, a cadelinha tinha trazido para eles um preá. Ia envelhecendo, coitada (Ramos, 2023, p. 32).

Sob a perspectiva da zoopoética, que analisa a zooliteratura, é possível notar um distanciamento de Graciliano Ramos da visão antropocêntrica, dando vazão ao altruísmo da personagem não humana, considerando-a um ser digno de sentimentos, pondera Maciel (2016). Baleia e os outros animais não humanos são capazes de gestos de altruísmo, demonstrações de solidariedade e compreensão de aspectos da vida, além de sentir medo e lutar pela própria sobrevivência.

Graciliano Ramos tratou dos mundos humano e não humano como sendo feitos de porosidade, ou seja, quando estão em contato próximo, se contaminam reciprocamente. Dessa maneira, a humanidade de um personagem se confunde com a animalidade do não humano, em uma mútua relação, independentemente da espécie a que pertencem.

Em seu livro *Animalidades: zooliteratura e os limites do humano* (2023), Maciel afirma que o evolucionismo de Charles Darwin contribuiu para novas abordagens literárias e estéticas dos animais, pois se aprofundou também nas origens animais do humano. Darwin foi essencial para que fosse atribuída aos animais a condição de sujeitos, reconhecendo sua capacidade de memória, emoções complexas, inteligência, imaginação, atenção, humor e autoconsciência.

A morte de Baleia, desenvolve Maciel (2023), é o ponto alto do romance e ocupa todo o nono capítulo da história, não somente por ser experienciada pelos

humanos, mas também por causar uma forte comoção nos leitores. Antes de morrer devido aos tiros recebidos da espingarda de Fabiano, que imaginara que a cachorrinha havia contraído hidrofobia, Baleia sente desejo de dormir e sonhar para, então, acordar feliz em um mundo repleto de preás. Esse sonho só reforça o que hoje já se sabe cientificamente, que os animais possuem tanto a capacidade de sonhar quanto de imaginar.

Essas reflexões, conforme Maciel (2023), possibilitaram que as reflexões sobre essa literatura fossem ampliadas e adquirissem novos conceitos, como “zooliteratura”, que designa um conjunto de obras ou práticas literárias que têm como prioridade o enfoque em animais não humanos a partir de diferentes recursos ficcionais e estratégias narrativas, e “zoopoética”, que nomeia tanto o estudo teórico de obras literárias e artísticas a respeito de animais não humanos, quanto as produções poéticas de autores voltadas ao universo animalista.

A zoopoética denomina o conjunto de diferentes práticas literárias que se voltam para os animais não humanos, numa visão que ultrapassa a perspectiva das representações metafóricas que marcam as obras. Ela busca se envolver com temas atuais, visto que as condições animal e humana são discutíveis e necessitam de análises cada vez mais profundas. Esse conceito permite que o conhecimento dos animais, animalidade e relações humanas/não humanas sejam compreendidas e difundidas, o que expande a questão animal em sintonia com os estudos sobre meio ambiente. Isso posto, salienta-se que a zooliteratura detém potencial de não somente provocar atos internos nos leitores, como também os ensina a lidar com os saberes presentes nos mais variados espaços do mundo “zoo”, ademais se abre à complexidade múltipla do mundo natural.

De acordo com Matangrano (2019), através de abordagens teóricas sob a perspectiva da zoopoética, os textos zooliterários demonstram potencialidades que os elevam à importante leitura simbólica nos estudos animais. Entretanto, a relação entre humanos e animais sempre teve altos e baixos, algumas vezes pautada pela admiração e devoção, em outras pelo temor e aversão. Tais sentimentos possuem origem pela ideia de inferioridade perante o desconhecido e superioridade dos que creem poder dispor do outro como melhor lhes convém, sem sentir remorso por isso.

Por conseguinte, as discussões contemporâneas pautadas pela ecologia humana dialogam com a zoopoética, uma vez que ambas levantam o debate sobre os conceitos de humano, humanidade, animal e animalidade, justapondo-se com os

problemas socioculturais do tempo presente que necessitam de análises mais profundas. Anteriormente, o interesse pela presença do animal na literatura era voltado, em sua maior parte, para a análise textual.

Begossi (1993) pondera que a ecologia humana abrange todas as questões que dizem respeito à relação entre o homem e a natureza e, uma vez que ela é formada por animais, plantas, microorganismos e sociedades humanas, que são interligadas por energia e pelo fluxo de substâncias químicas.

Apesar da ecologia humana se basear em conceitos oriundos da ecologia, ou seja, de uma das sub-áreas da biologia, a ecologia humana não é necessariamente vista como uma das ramificações da ecologia. Para muitos, estudar a "relação do homem com o ambiente" inclui tantos outros fatores (como econômicos, sociais, psicológicos) que a ecologia humana transcende a ecologia. Para outros, a ecologia humana tem objetivos e metodologias mais específicos e que incluem entender o comportamento humano sob variáveis ambientais. Para estes, generalizar acerca da ecologia humana implica em perda de precisão (Begossi, 1993, p. 2).

Para compreender a relação do homem com a natureza é preciso conhecer ambos. Os conceitos e modelos analíticos de ecologia trazem uma contribuição para o entendimento da natureza e de sua relação com as populações humanas.

Os questionamentos que existem entre a humanidade e a natureza deixam de possuir sentido se forem considerados exclusivos, de modo que não cabe mais separar o ser humano e o mundo natural, mas sim promover uma junção social de ambos, visto que a sobrevivência de um está entrelaçada a do outro.

Os conceitos de topofobia e topofilia, criados pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan em seu livro *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012), são utilizados nas análises do *corpus* dessa pesquisa e estabelecem uma interface entre Literatura e Geografia, a qual se destaca pelas contribuições da Geografia Humanista, que almeja analisar os comportamentos e as relações entre o ser humano e o lugar habitado.

Consoante Tuan (1982), é a subjetividade (espaço íntimo do indivíduo, seus sentimentos) unida ao meio que sinaliza a possibilidade de definição dos dois termos. Topofilia remete à familiaridade, apego ao lugar, já que *topo* denota o lugar e *filia* a filiação, e topofobia traz um significado oposto, visto que *fobia* é aversão, medo de um ambiente. Desse modo, conclui-se que essa subjetividade do ser pode indicar tanto afeição quanto desafeto por um determinado lugar.

O autor reflete que existe tanto apreço quanto repulsa no que diz respeito aos termos seres, lugar e natureza. Essas percepções topofílicas e topofóbicas são eminentes nos cenários em *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*, a agradabilidade de locais como o Condado, Valfenda e Lothlórien contrapõem-se ao horror de Mordor, tal como o alívio de estar em um local arborizado e calmo, como o Parque Ibirapuera em São Paulo, contrapõe-se aos locais com trânsito, barulho e poluição na cidade.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (Tuan, 2012, p. 135-136).

A topofilia seria o elo afetivo entre a personagem e o ambiente físico, sendo difundido como conceito vívido e concreto de sua experiência particular, enquanto a topofobia seria o quadro antagônico, no qual existe aversão, medo ou repulsa a determinados lugares, paisagens e regiões. Nesse sentido, o lugar ou o meio ambiente é o veículo de ocorrências emocionalmente fortes, podendo até ser percebido como um símbolo.

Uma sociedade começa a apreciar e desejar a simplicidade da natureza quando alcança um certo nível de desenvolvimento, segundo o autor. Essa apreciação de forma romantizada é um privilégio de quem vive na zona urbana.

Para os filósofos e poetas, em particular, a natureza chegou a representar sabedoria, conforto espiritual e santidade; supunha-se que as pessoas podiam derivar dela entusiasmo religioso, retidão moral e uma compreensão mística do homem e de Deus (Tuan, 2012, p. 154).

O prazer visual provocado pela natureza pode sofrer variação de tipo e intensidade, visto que a apreciação da paisagem natural costuma ser pessoal e duradoura, especialmente quando se está relacionada a memórias de determinados incidentes. Consoante o autor, um cenário simples, que antes passava despercebido, pode revelar novos aspectos da realidade.

A natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de belezas definidas. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança se quiser desfrutar polimorficamente da natureza. Ele necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro de feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matações, o canto das cigarras e do tráfego distante. Um meio ambiente como este pode romper todas as regras formais de eufonia e estética, substituindo a confusão pela ordem e, no entanto, ser completamente desfrutável (Tuan, 2012, p. 140).

Tuan (2012) afirma que sua obra preenche uma lacuna real na literatura ambiental. De acordo com ele, há distinções consideráveis no modo como as pessoas percebem o mundo, ao ponto de existirem “mundos pessoais”, percepções e atitudes em relação à maneira de viver e ao meio onde se vive, pois refletem necessariamente percepções individuais, que podem mudar de acordo com o tempo.

A superfície da terra é extremamente variada. Mesmo com um conhecimento casual, sua geografia física e a abundância de formas de vida muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente (Tuan, 2012, p. 21).

Segundo a visão de Tuan (2012), os conceitos de “cultura” e “meio ambiente” equivalem aos de “homem” e “natureza”, por esse motivo é feita uma descrição dos diferentes povos criados por J.R.R. Tolkien na seção do capítulo dois intitulada *O Senhor dos Anéis*, com a finalidade de expor suas principais características, que refletem em sua percepção do mundo natural na narrativa.

A ecocrítica estuda as imbricações entre a literatura e a ecologia, as relações entre os animais humanos e não humanos e o ambiente em que se inserem, ademais suscita imersões que levam à compreensão dessas relações.

A análise das obras literárias através dessas visões são enriquecidas com o detalhamento das paisagens relacionadas a elas, ou seja, às descrições dos ambientes físicos em que as personagens se encontram nas narrativas estudadas.

O autor francês Michel Collot é referência nos estudos sobre literatura e paisagem. Em seu livro *Poética e filosofia da paisagem* (2013), que no Brasil contou

com a coordenação de tradução de Ida Alves, outra importante pesquisadora brasileira da área que também é citada nesta pesquisa, escreve de forma reflexiva sobre a importância da conscientização da existência de uma crise climática e de como a paisagem da Terra foi afetada ao longo dos séculos, propondo um novo olhar sobre a relação entre homem e natureza e suas representações na arte.

Contudo, esse progresso indiscutível do qual somos herdeiros e beneficiários tem também seus reveses, que apareceram, de maneira mais clara, ao longo do último século. Ele levou ao esgotamento dos recursos naturais e à desfiguração da face da Terra, engendrada pela poluição industrial e por uma urbanização maciça. As tecnologias modernas e os 25 imperativos econômicos impuseram, de uma ponta a outra do planeta, o mesmo estilo de construção padronizada, desprezando as soluções engenhosas e harmoniosas que cada povo havia inventado para conciliar as exigências do habitat humano e a preservação do equilíbrio natural (Collot, 2013, p. 44).

Para Collot (2013), o interesse crescente pela paisagem não é somente um fenômeno da sociedade, mas um fato verdadeiro correspondente a uma profunda evolução das mentalidades em nossa civilização, a qual se opõe à atitude que prevaleceu durante muito tempo.

Após a Segunda Guerra Mundial, no que concerne ao planejamento das cidades e territórios, passou a não ser levado muito em conta os aspectos históricos, sociais, culturais e naturais onde eram realizadas modificações. Mesmo que o ser humano tenha conquistado autonomia sobre seu ambiente mediante o desenvolvimento das ciências e técnicas, a alteração do ambiente que nos cerca não foi privada dos legados da experiência sensível.

Segundo Collot (2013), seguramente existe uma filiação do mundo humano ao animal, ambos experimentam a espacialidade constitutiva de todo sujeito e a subjetividade do espaço que os cerca, a natureza humana e a natureza dos demais seres vivos estão reunidas na mesma palavra e na mesma emoção.

Dessarte, a paisagem implica um sujeito que passa a residir fora e não mais em si mesmo, se abre ao mundo e ao outro, o espaço é uma dimensão dessa abertura e fornece argumentos para uma redefinição da subjetividade humana, não mais como substância autônoma, mas como relação. Essa experiência resulta no prolongamento das trocas que o organismo dos seres vivos mantém com o meio natural, o corpo é também a natureza e através dele as diferentes formas de vida comunicam-se com ela, pois todos fazem parte dela.

O advento de uma sociedade da informação tende a nos fazer perder de vista a paisagem que nos rodeia. A fascinação pelas imagens nos faz perder o contato com este mundo que, no entanto, deveriam nos abrir. A televisão nos dá uma visão truncada do mundo, às vezes enganosa. Os sites da Rede Mundial não são mais situados em lugar algum; os motores de busca navegam em um oceano que não forma ondas. Esse ciberespaço, que ocupa cada vez mais nossas vidas, está totalmente deslocalizado: é uma antipaisagem, não podemos habitá-la senão por máquinas interpostas. É uma formidável abertura ao mundo, mas a um mundo puramente virtual (Collot, 2013, p. 44).

O autor afirma, embasado em Deleuze e Guatarri, que “o sujeito e o objeto dão uma má aproximação do pensamento. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um ao redor do outro. Pensar se faz, antes, na relação do território com a terra” (Deleuze e Guatarri *apud* Collot, 2013, p. 34).

Muitas vezes a arte e o pensamento modernos se afastaram da experiência da paisagem. Desse modo, corre-se o risco de deixar o mundo sem herança, na prisão de uma racionalidade objetivante, à legislação de uma economia que rompe laços simbólicos, sociais e ecológicos entre o homem e a paisagem, o que faz com que muitos da sociedade contemporânea tentem amenizar essa separação ao reencontrar uma relação perdida com o mundo sensível.

A paisagem nas obras é descrita de maneira que nela podem ser investidos significados e valores tanto coletivos como individuais, todo um imaginário para o qual a ficção e a poesia podem dar sua plena expressão. A ideia de paisagem, conforme Collot, envolve ao menos três itens unidos em uma relação de complexidade: um local, um olhar e uma imagem; sendo uma importante estrutura significativa na composição da escrita literária e na cultura contemporânea.

A definição de paisagem é dada pelo ponto de vista dos sujeitos e suas subjetividades sobre o mundo. Ela consiste em um caso exemplar da aliança necessária entre o ambiente interior e o exterior, é uma linha imaginária que se abre em direção a lugares invisíveis, que apelam à viagem e à imaginação, é um fato de cultura e de natureza que contribui para a invenção de uma nova modernidade, conforme salienta o escritor e professor francês.

Considerar a relação entre os seres e a natureza como partes um do outro, não mais no modo de superação e dominação, mas sim no de interação e colaboração, é

a preocupação da paisagem, uma considerável questão para o debate intelectual e político, mas também para a literatura e a arte.

Alves (2015) conclui que a relação entre homem e paisagem nas obras literárias torna impossível evitar questionamentos em torno das intervenções no meio ambiente, provenientes da industrialização maciça e exploração desequilibrada dos recursos naturais, pauta atualíssima para todos os que se preocupam com a sobrevivência do mundo e sua habitação sustentável.

Frente a essas preocupações, não surpreende a afirmação cada vez mais forte de uma ciência do meio ambiente, a ecologia, e seu diálogo com diferentes áreas de pensamento em busca de novos paradigmas de existência que possam deter o esgotamento dos recursos naturais e transformar as relações de habitação, ocupação e exploração dos espaços naturais. Diante disso, a paisagem tornou-se um tema de relevância, o que se vê, por exemplo, em diferentes estudos de geografia humanista e cultural desenvolvidos em diversos centros de investigação nas Américas, Europa e Ásia (Alves, 2015, p. 29).

Alves e Antunes (2023) refletem sobre como o homem era dominado pela natureza em sua origem e, à medida que ocorrem as revoluções científicas, industriais e sociais, este se julga superior, acreditando possuir controle e domínio sobre ela. Esse pensamento fez com que se começassem a realizar transformações complexas no meio ambiente e nas formas de vida que nele estão inseridas, algo que gerou um grande impacto sobre os sistemas naturais e as condições cotidianas, concomitantemente com a consolidação do sistema capitalista. Nesse contexto, a ciência moderna aparece como uma dimensão ontológica que é responsável pela separação crítica entre homem e natureza, entre seres humanos e outros seres vivos, suprimindo a relação homem-natureza, que tem presença na literatura desde a antiguidade.

Para Magalhães e Pinto (2013), os conhecimentos ambientais podem contribuir para uma melhor compreensão do literário e para uma visão da literatura em sala de aula de forma interdisciplinar e mais democrática, tanto nos mais básicos quanto nos mais elevados níveis de ensino. Salienta-se que não existe leitura inocente, no sentido político, e ignorar esse fato significa ignorar também os vários sistemas e subsistemas que formam a realidade, sem considerar um elemento mais ou menos relevante do que o outro. Nesse sentido, estimar o texto pelo texto é uma postura questionável, visto que é preciso considerar que todos estão envolvidos em uma

cadeia relacional e são influenciados pelos distintos meios de produção cultural que emergem e fazem emergir no sujeito novas subjetividades.

Finalmente, a ecocrítica pode contribuir para conferir mais rigor à abordagem do literário, mas também mais leveza, uma vez que os estudos ambientais da atualidade nos ensinam que não há abordagens certas ou erradas, ultrapassadas ou não ultrapassadas, mas simplesmente abordagens. No grande tabuleiro holográfico em que o paradigma ecoambiental situa seus objetos de estudo e no qual a ecocrítica insere o texto literário, uma das mais acabadas metáforas da Teoria da Complexidade, tudo pode ser atualizado, nenhuma abordagem é melhor ou pior, mas todas participam, enquanto possibilidades, na construção de sentidos e na emergência da fruição. É possível que tais saberes possam contribuir para resgatar o texto literário das várias redomas em que se acha preso no cotidiano da escola, libertando-o para ser o que é ou o que pode ser, transformando o ato de ler num processo vivo, dinâmico e pleno de prazer (Magalhães e Pinto, 2013, p. 48).

O fato de, eventualmente, o texto literário não ter sido criado para influenciar moral e politicamente o homem, não o exime de participar da formação das subjetividades no tempo e no espaço. A temática ecológica sempre esteve presente na literatura, que destaca o quanto importante é a sua preservação, que equivale ao bem-estar e sobrevivência das espécies que habitam o planeta Terra.

Conforme Silva (2021), a escrita de textos com fragmentos predominantemente ambientais, aponta para um autor que possui sensibilidade ecológica. A leitura sobre o espaço, a paisagem e a região presentes no ato da escrita da obra sugere um reflexo imaginativo e crítico da percepção do ambiente físico.

O autor passa a ser um leitor que capta as nuances da natureza viva que o cerca antes do texto ganhar uma "vida concreta". Tal escritor pode fornecer uma resposta às diversas crises ambientais através de suas ideias, críticas e percepções traduzidas pela linguagem.

Esse autor torna-se um ecocrítico ao redigir a sua obra, pois assume uma visão ambientalista e ecológica frente à inscrição e à materialização do texto. Ele, como leitor do ambiente, amplifica e reorganiza os sentidos do que é tido como "natural" em seu imaginário crítico-sensível. Essas significações retiram esses ambientes de uma dominação que almeja domesticá-los, da mesma maneira que os liberta de significados ausentes de vida.

Segundo Brugioni e Melo (2022), entre os estudos literários contemporâneos, a ecocrítica se sobressai, principalmente no que tange ao campo da literatura comparada, da reflexão pós-colonial e do debate sobre a literatura mundial,

entretanto, é uma perspectiva teórica e analítica ainda pouco consolidada no Brasil, sobretudo no âmbito da teoria e da crítica literárias.

Esse ramo de análise observa o impacto dos seres humanos em suas diversas subjetividades no meio ambiente, a ser compreendido o meio entre pessoas, animais e a natureza, que se configura como um tema e um problema também literários e oferece a possibilidade de se redefinir a literatura (estéticas, formas e gêneros), assim como seus paradigmas críticos e conceituais, a partir de uma perspectiva ecoambientalista.

Conforme Siscar (2014), é necessário observar que o interesse pela visão do fim do mundo encontra base na tradição literária. O fim, propriamente dito, não se apresenta e é por meio de sua não realização que o mundo se faz mundo. A própria ideia de “crise”, compreendida como mutação constitutiva do processo histórico, pode ser vista como uma nova oportunidade para se repensar nossa condição de maneira ampla.

A capacidade que o discurso ecológico detém de colocar esse questionamento na sociedade, a partir do seu fim, deve ser valorizada; no entanto, um foco literário da ecologia não pode se contentar com apenas esse debate, tal como é geralmente colocado pelos ecologistas. Para o pesquisador, é preciso associar a radicalidade do pensamento ao tratar de retomar a intensidade da contraposição ecológica, repensando inteiramente a ecologia a partir de uma perspectiva poético-filosófica.

O enfoque ecológico não deve se limitar à ordem natural do meio ambiente, mas se aprofundar no modo de conceber a habitação. É necessário, assim, estabelecer uma comunicação com o pensamento sobre a abertura do ser e o terrível “não” profético da ecologia, que está no sentido de que perder a terra é também perder a possibilidade de habitar o mundo.

Mendes (2020) desenvolve que a premissa crucial da ecocrítica está na reflexão entre os universos humano e físico, o que suscita inúmeras investigações, publicações e debates em vários continentes. A crise ambiental é mundialmente reconhecida como um dos mais preocupantes problemas contemporâneos e a Literatura também tem o seu papel a cumprir nesse aspecto.

A ecocrítica, enquanto área dos estudos literários, problematiza assuntos que a colocam em diálogo com outras áreas do conhecimento e da cultura, proporcionando uma dimensão interdisciplinar sobre o pensamento ecológico.

A promoção da consciência ecológica através da ecocrítica não significa, contudo, a possibilidade de definir de uma forma única e conclusiva o termo. Este pode ser utilizado como referência em diversos aspectos, como preservação da natureza, justiça ambiental, valorização de lugares, elementos naturais e animais não humanos, ambientalismo, multiculturalismo e sustentabilidade, por exemplo.

A abordagem ecocrítica das obras literárias auxilia na conscientização das consequências da interferência humana no planeta e na importância da mudança de atitude frente a isso. De suas origens até a contemporaneidade, a ecocrítica evoluiu e deixou de estar restrita ao texto literário, passando a ser contemplada nas mais diversas manifestações culturais, como cinema, música e o ambiente digital.

Além de chamar a atenção da sociedade para a crise ambiental e as consequências dos atos humanos na natureza, a ecocrítica abre os olhos de todos para que percebam que seu destino, dos demais seres e do mundo natural estão entrelaçados, ou seja, a sobrevivência de um implica diretamente na do outro, fato que não pode mais ser desconsiderado.

O ecocrítico americano Bill McKibben está entre as primeiras pessoas que alertaram sobre os perigos do aquecimento global e é um dos fundadores da organização ambientalista chamada 350. Garrard (2006) menciona uma citação de Bill, presente em seu livro *The End of Nature* (“O fim da natureza”):

Modificamos a atmosfera e, com isso, estamos modificando o clima. Ao modificar o clima, fazemos com que cada local da Terra seja feito pelo homem e seja artificial. Privamos a natureza de sua independência, e isso é fatal para seu significado. A independência da natureza é seu significado; sem ela, não há nada além de nós (McKibben *apud* Garrard, 2006, p. 103-104).

A ecocrítica é fundamental para a análise das obras *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*, que compõem essa pesquisa. Através dele e da habilidade dos autores em suas narrativas, é possível demonstrar a urgência em colocar em prática e com rigor ações que diminuam o impacto humano na natureza, pois se trata da sobrevivência do planeta.

Essas questões já haviam sido exploradas por Tolkien e são retomadas por Chiovatto, o que demonstra a relevância da ecologia nas obras de fantasia analisadas.

1.3 Literatura de fantasia

A abordagem do gênero literário de fantasia é fundamental para o presente trabalho, visto que nele estão inseridos os livros *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*, objetos de análise ecocrítica da pesquisa.

Antonio Candido (2002) aponta que a fantasia não costuma se desvincular da realidade, o que evidencia que a realidade pode ser pensada de modos imaginativos e simbólicos. Dessarte, a literatura de fantasia propicia uma experiência enriquecedora e prazerosa ao leitor através da exploração tanto de aspectos do mundo real quanto do imaginário, o que torna possível uma reflexão sobre a obra, sendo que esta é também uma reflexão sobre o mundo.

Apesar de o gênero literário de fantasia se diferir do fantástico, é relevante uma abordagem desse gênero, justamente para a compreensão das características que o diferem da fantasia, através de estudos que foram atualizados e aprofundados, como os dos autores Brian Attebery, Edward James e Farah Mendlesohn.

Conforme Todorov (2017), autor búlgaro radicado na França, um dos principais teóricos a estudar a literatura fantástica e seus atributos, o fantástico aparece na história a partir de algo capaz de fragmentar as leis tidas como naturais no mundo real, sem precisar fornecer explicações, ele se dá pela suspeita do leitor e dos personagens entre uma explicação natural (o estranho) e uma sobrenatural (o maravilhoso), sendo que este momento de hesitação é determinante na narrativa. Essa hesitação preservada do leitor é a primeira condição do fantástico; a segunda é opcional, se refere à hesitação da personagem, caso haja uma identificação do leitor com ela, na qual ele se veja representado dentro da narrativa; a terceira e última condição abrange não somente o acontecimento fantástico que provoca a hesitação, mas também a forma como é realizada a sua leitura, pois ela não deve ser alegórica.

O autor ressalta que examinar obras literárias a partir de um determinado ponto de vista de um gênero, como a literatura fantástica, é algo absolutamente peculiar. Para ele, o fantástico possui duração somente durante o tempo de uma hesitação, comum ao leitor e à personagem, que decidem se o que observam depende ou não da “realidade”. Sobre o conceito de “estranho”, cita que faz a descrição de algumas reações, especialmente o medo. O “maravilhoso”, por sua vez, abrange a própria

natureza dos acontecimentos narrados, que ultrapassam as emoções e sensações agradáveis ou terrificantes. “A literatura fantástica é como um terreno estreito, mas privilegiado, a partir do qual se podem levantar hipóteses concernentes à literatura em geral. O que, evidentemente, cabe verificar” (Todorov, 2017, p. 163-164).

Para Selma Calasans Rodrigues (1988), o fantástico é uma resposta à racionalização defendida por pensadores do Iluminismo. As verdades metafísica e racional são colocadas em xeque, não existe uma apologia à razão nos textos fantásticos. Como o gênero é estruturado pela causalidade mágica e a magia é um elo entre coisas distantes, há foco no tipo de mecanismo que dá forma ao fantástico, aos acontecimentos que não se aplicam ao mundo real.

Batalha (2012) salienta que o fantástico, seja em sua especificidade genérica ou modal, está fortemente vinculado ao primórdio da modernidade. A demarcação semântica maravilhoso/fantástico é resultado de evoluções estéticas e sua contraposição metatextual foi construída gradativamente, uma vez identificadas as condições inerentes exigidas para a existência dos dois gêneros ou subgêneros.

A autora desenvolve que o fantástico não pode ser encaixado em uma categoria literária monolítica, visto que supõe um conjunto de gêneros, subgêneros e categorias que a ele se amarram e com os quais possui em comum a negação do real por parte do autor. Compreende-se que o fantástico, independentemente das categorias de modo ou de gênero, se baseia na solução impossível, seja ela da ordem do “natural” ou “sobrenatural”, pois é o fato de serem incompatíveis que define um relato que se pode chamar de “fantástico” em seu sentido restrito.

Para Silva (2023), os materiais sobre a literatura fantástica são escassos, por este motivo, os debates sobre ela não são tão extensos e, mesmo ao considerá-la como um todo, a maior parte dos trabalhos disponíveis enfatiza o horror e a ficção científica, não a própria fantasia.

O *fantasismo*, conforme Matangrano e Tavares (2018), fomenta uma ousada discussão, com evidências concretas, e espera-se que a crítica não tarde a se interessar por sua investigação e debate, a fim de um entendimento mais profundo dos fazeres literários no Brasil.

Instigar mais debates e investigações sobre a fantasia é de fundamental relevância, pois as crianças fazem seu primeiro contato majoritariamente com esse tipo de literatura, através de histórias para dormir como os contos de fadas, que inspiraram os filmes da Disney. Ao refletir sobre a fantasia, tão presente na vida de

crianças e jovens, torna-se fundamental levantar o questionamento sobre como tais narrativas são estruturadas.

A fantasia oferece um meio de escape, uma espécie de alívio e consolação para a sociedade, fazendo com que as pessoas voltem a crer que uma realidade melhor está por vir, que é possível, apesar de tudo. Contudo, não é apenas uma consolação para a tristeza do mundo, mas uma satisfação e resposta à questão do que é real, salienta Tolkien (2020).

Farah Mendlesohn e Edward James apontam em seu livro, *A short history of fantasy* (2012), quatro métodos para categorizar as obras fantasiosas. O primeiro dita que a fantasia é comumente associada a dragões, fadas, vampiros e outros tipos de criaturas que surgem do imaginário de seus autores ou de contos populares, entretanto, a presença desses seres não se faz necessária para que um livro seja categorizado como fantasioso. O segundo, defende que outra maneira de definir o que é uma obra fantasiosa é a partir de uma análise histórica, visto que para definir que algo é impossível se faz necessário um avanço científico que prove os limites do real. O terceiro método é estabelecido a partir da perspectiva de cada pesquisador ou autor, ao considerar que não só escreveram ficções como as analisaram de forma teórica. O quarto e último método é feito através de editoras e livrarias, que decidem o gênero em que se enquadra uma obra após realizarem análises e muitas vezes inserem “fantasia” e “ficção-científica” na mesma seção por falta de um aprofundamento mais criterioso.

Segundo Mendlesohn e James (2012), os materiais produzidos a partir das características do gênero de fantasia não ficaram estagnados entre a Idade Clássica e a Moderna ou a Contemporânea, eles já existiam no formato de lendas heroicas locais e culturais, como por exemplo sobre o Rei Arthur. Os autores elaboraram uma linha cronológica da fantasia, na qual mencionam os contos de fadas dos irmãos Grimm, de Andersen e Perrault, as fábulas, as narrativas góticas, épicas, mitológicas, de cavalaria, entre outras.

Os autores destacam a obra de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, como parte da formação do gênero literário *fantasy*, que inspirou até mesmo uma das categorias de subdivisão dele, a *Portal-Quest*. Eles também ressaltam, dentre outras, *O Mágico de Oz*, na qual L. Frank Baum introduz a ideia de que seria possível o elemento insólito irromper no mundo primário sem necessariamente causar espanto.

Os autores também enaltecem a contribuição de Tolkien para a fantasia, pois para muitos leitores a principal atração de *O Senhor dos Anéis* é justamente a sensação de que há veracidade na Terra-média. O leitor imerge na cultura e nos lugares onde vivem aqueles diferentes povos, pois existe uma lógica por trás de cada detalhe apresentado, o que torna os cenários coerentes e as narrativas possíveis. “Tolkien sempre disse que ele escrevia sua fantasia para explicar o mundo no qual seus idiomas poderiam ter existido” (James; Mendlesohn, 2012, p. 55, tradução livre).

Em sua obra *Rhetorics of Fantasy* (2008), Mendlesohn discorre sobre a fantasia e a define com maior profundidade, classificando-a como o gênero que é e com características próprias que a separam do fantástico. Ademais, faz uma subdivisão da fantasia em três grandes categorias: de portal, imersiva e intrusiva, as quais são descritas de modo geral:

A estrutura de portal é aquela onde se entra em um novo mundo, fantasioso, através de um portal, indo de um mundo conhecido para um novo, no qual o leitor depende da personagem para conhecer esse local, como ocorre em *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis. A narração se dá principalmente em terceira pessoa. As origens desse tipo de narrativa se encontram nas fantasias épicas, bíblicas, arturianas e dos contos de fadas.

Na narrativa imersiva, diferentemente da anterior, o mundo fantasioso não é explicado, mas sim apresentado como o primário dos protagonistas. O narrador é onisciente e existe a possibilidade da construção de novos mundos, conforme acontece em *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien.

A forma intrusiva, mostra um enredo que se passa no mundo primário e no qual há a invasão do elemento sobrenatural, que precisa ser aceito ou rejeitado e normalmente vai da negação à aceitação, tal como em *Árvore Inexplicável*, de Carol Chiovatto.

A autora afirma que a forma “final” da fantasia foi definida por Tolkien, que codifica em *O Senhor dos Anéis* grande parte de como o gênero lida com as paisagens, personagens, o isolamento dos protagonistas na narrativa e com o posicionamento do leitor. No livro há a constante presença de um passado distante, que é utilizado para construir seu mundo secundário e criar profundidade para a fantasia. Ao enquadrar esse mundo como um cenário viável do passado, projeta-se um futuro real e potencial do mesmo, que está entrelaçado com o nosso.

O estudo teórico de Mendlesohn introduz uma nova perspectiva teórica, mais abrangente, formada em diálogo com o fantástico, porém que introduz uma maior profundidade e distinção ao gênero da literatura de fantasia ou *fantasy*, em inglês. Esse aprofundamento difere a literatura de fantasia da fantástica, separando-a do que Todorov estruturou. Apesar da difusão mais recente, esse novo gênero existe há bastante tempo, tendo como base o sobrenatural nas histórias e na criação de novos mundos, ainda que coexistentes ao mundo primário ou real.

Para Attebery (1992) a fantasia pode ser fórmula e modo, ou seja, representada como uma promoção da realização de desejos e um instigante meio de investigação da maneira como as ficções são utilizadas para construir a própria realidade. O autor menciona em seu livro *Strategies of Fantasy* que pensar em fantasia como fórmula a limita à associação a uma narrativa popular, recente, especializada em apelo e audiência, como um produto comercial que serve de marca para o consumidor, com consistência e previsibilidade. Todavia, quando a colocamos como modo, sua abrangência de todas as manifestações literárias faz com que se torne um assunto vasto, no qual a capacidade de imaginar se transforma em algo acima do meramente possível.

Um modo é uma forma de fazer algo, neste caso, de contar histórias. Mas contar histórias é um negócio complicado. Para retratar as essências de personagem, diálogo, ação e cenário físico, uma escritora deve encontrar maneiras não apenas para apresentar, mas também para interpretar a aparência, o comportamento, o pensamento e o discurso. Ela deve basear suas descrições em alguma concepção de identidade, causalidade, intencionalidade e em uma benignidade, malignidade ou indiferença do universo. Um modo é, portanto, uma postura, uma posição no mundo, bem como um meio de retratá-lo (Attebery, 1992, p. 2, tradução livre).

O conceito de mimese é abordado pelo autor como uma imitação superficial e de senso comum que, embora seja um modo contrastante, não é oposto ao de fantasia. Eles podem coexistir e coexistem em qualquer trabalho, sendo que mimese sem fantasia nada mais seria do que relatar as percepções de alguém sobre eventos reais, enquanto fantasia sem mimese seria uma invenção puramente artificial, sem reconhecíveis objetos ou ações. Mesmo que uma história completamente fantástica pudesse ser escrita, nenhum leitor sentiria qualquer compreensão ou prazer.

A fantasia depende da mimese para sua eficácia. Nós devemos ter um terreno sólido para permanecer, algum ponto de contato, mesmo que seja apenas com a linguagem em que a história é comunicada. Obviamente menos, a mimese depende de algo semelhante da fantasia, a sua

habilidade de organizar e interpretar dados sensoriais, porque todo esquema organizador é produto da imaginação em vez de simples observação (Attebery, 1992, p. 4, tradução livre).

Attebery menciona que ambos os modos estão profundamente enraizados na experiência comum e não literária, visto que a imitação do comportamento dos pais pela criança é mimese, tal como contar a um amigo ou desenhar uma árvore. Mentiras, jogos e sonhos são todos fantasia. Um escritor faz uso desses modos, assim como usa a linguagem para construir um organismo, uma história, da qual as palavras, frases, imitações e imaginações são, respectivamente, os átomos, moléculas, tecidos e órgãos.

Para o autor, a fantasia é também gênero, no qual cada escritor o remodela, demonstrando a utilidade de novas restrições.

Minha divisão da fantasia em fórmula e gênero é, portanto, um tanto artificial. No entanto, a categoria de gênero parece ser uma forma útil de designar histórias que são mais parecidas do que o exigido pelo modo, e ainda assim, menos uniformes do que o ditado pela fórmula. É necessária alguma noção de gênero para explicar como o trabalho maduro de Garner difere de suas tentativas anteriores e para mostrar que não é porque ambos contêm dragões que *Um Feiticeiro de Earthsea* (1968) pode ser comparado com *O Senhor dos Anéis* (Attebery, 1992, p. 11, tradução livre).

Isso posto, o escritor se refere à fantasia como gênero e ao fantástico como modo, salienta que Tolkien e outros escritores de fantasia foram, no mínimo, mais conscientes das operações fundamentais da narrativa do que os críticos que aceitavam como absolutos conceitos como enredo, personagem, ponto de vista e a separação de texto e mundo. Ademais, frisa que uma forma de caracterizar o gênero de fantasia seria como um conjunto de textos que, de uma forma ou de outra, se assemelham a *O Senhor dos Anéis*, visto que tendem a possuir três aspectos fundamentais da obra: conteúdo, resposta do leitor e estrutura.

Sobre o conteúdo, Attebery ressalta que o campo do fantástico pode conter o improvável, o implausível, o altamente improvável e o ainda inexistente. Contudo, a fantasia, tal como cristalizada em livros como *O Senhor dos Anéis*, exige uma ruptura mais acentuada com a realidade.

A resposta do leitor consta no deslumbramento em se afastar do mundo primário ou real, a adorável sensação de adentrar em um novo universo, repleto de novas experiências, capazes de provocar emoções e fascínios diversos. Ele se sente parte da narrativa, cuja retórica é uma forma de apresentar informações sobre

personagens, cenários e eventos, os quais são determinados diante dos parâmetros do próprio leitor.

A respeito da estrutura, é cômica, começa com um problema e termina com sua resolução. Morte, desespero, horror e traição podem estar presentes, mas não são a palavra final. Nem toda fantasia possui o que é conhecido por “um final feliz”. Em *O Senhor dos Anéis*, afirma Attebery, ela se assemelha ao tradicional conto de fadas, pois contempla uma viagem de ida e volta ao maravilhoso, que se completa com a missão do herói, contendo assistências sobrenaturais, um confronto e o estabelecimento de uma nova ordem no lar, essa que se busca encontrar no mundo real. Para ele, o próprio Tolkien acreditava que tal movimento está conectado com o fantástico, com cada conto de fadas, ou seja, toda fantasia em sua estrutura intacta deve ter uma virada final em direção à libertação, para a qual ele propôs o termo “eucatástrofe”, que possui implicações religiosas.

Segundo Klautau (2007), nas estórias de fantasia existe também um momento crucial, chamado por Tolkien de “eucatástrofe”, que significa a boa catástrofe, o momento de virada em que o bem prevalece sobre o mal, o que revela que as virtudes sempre serão recompensadas e nenhum sacrifício é inútil. Essa característica é o que diferencia as histórias de fantasia de outras narrativas, o momento em que tudo parece perdido e algo repentina acontece, como a glória da ressurreição, pois há de se considerar que Tolkien era um católico devoto.

Mas a “consolação” das estórias de fadas tem outro aspecto além da satisfação imaginativa de desejos antigos. Muito mais importante é a Consolação do Final Feliz. Quase me aventuraria a afirmar que todas as estórias de fadas completas devem tê-lo. No mínimo, eu diria que a Tragédia é a verdadeira forma do Drama, sua mais alta função; mas o oposto é verdadeiro no caso da Estória de Fadas. Já que não parecemos possuir uma palavra que expresse esse oposto, eu o chamarei de *Eucatástrofe*. O conto *eucatastrófico* é a verdadeira forma do conto de fadas e sua mais alta função (Tolkien, 2020, p. 75).

Carpenter (2018) descreve em sua biografia uma conversa entre os grandes autores de fantasia Tolkien e Lewis, na qual ressalta a visão de Tolkien de que a criatividade humana vem de uma percepção dos elementos de criação, principalmente das qualidades de todas as coisas, aprimorando o ato de “subcriar”.

Viemos de Deus e inevitavelmente os mitos que tecemos, apesar de cometerem erros, refletem também um fragmento da verdadeira luz, da verdade eterna que está com Deus. De fato, apenas ao criar mitos, ao se

tornar ‘subcriador’ e inventar histórias, é que o Homem pode se aproximar do estado de perfeição que conhecia antes da Queda. Nossos mitos podem ser mal orientados, mas se dirigem, ainda que vacilantes, para o porto verdadeiro, ao passo que o ‘progresso’ materialista conduz apenas a um enorme abismo e à Coroa de Ferro do poder do mal (Tolkien *apud* Carpenter, 2018, p. 203).

Em seu livro *Árvore e Folha*, Tolkien escreve sobre as estórias de fadas e afirma que a fantasia é uma arte subcriativa e que, mesmo que possa parecer infantil para alguns, é uma atividade natural humana, que não torna menos aguçado o desejo pela verdade científica, justamente porque quanto mais aguçada for a razão, melhor será feita a fantasia.

O Encantamento produz um Mundo Secundário no qual tanto planejador como espectador podem entrar, para a satisfação de seus sentidos enquanto estão ali dentro; mas, em sua pureza, ele é artístico em desejo e propósito. A Magia produz, ou finge produzir, uma alteração no Mundo Primário. Não importa por quem seja praticada, fada ou mortal, ela permanece distinta dos outros dois; não é uma arte, mas uma técnica; seu desejo é *poder* neste mundo, dominação de coisas e vontades (Tolkien, 2020, p. 62).

Lopes (2006), tradutor do livro *Árvore e Folha* no Brasil, onde se encontra o ensaio “Sobre Estórias de Fadas”, menciona em sua dissertação de mestrado que Tolkien via nas estórias de fadas possibilidades e valores para exploração teórica, poética e teológica, o que destacava sua importância e significância para o mundo real, ou primário, especialmente em dilemas que a civilização industrial estava impondo à humanidade.

Ele ressalta que Tolkien, embora apegado à tradição medieval inglesa, se revela um autor típico do século XX, pois é veterano da Primeira Guerra Mundial e seus filhos lutaram na Segunda Guerra Mundial, fatos que influenciam em sua perspectiva desiludida sobre o progresso e tecnologia.

Tolkien passa a considerar que a escravização tecnológica da natureza pode ter como subproduto a escravização do próprio homem. O papel da fantasia e da subcrição é ajudar a fugir dessa armadilha: com elas, o homem deixa de ser escravo ou tirano da natureza para se tornar seu amante, argumenta Tolkien (Lopes, 2006, p. 36).

Para Tolkien, o suposto “escapismo” proporcionado pela fantasia faz com a humanidade o veja como forma de sobrevivência em épocas de desgosto. No mundo há fome, sede, pobreza, injustiça, dor, morte. Nas palavras do autor, “coisas

mais sombrias e terríveis das quais fugir do que barulho, o fedor, a crueldade e a extravagância do motor de combustão interna" (Tolkien, 2020, p. 73).

O ensaio "Sobre Estórias de Fadas", relaciona-se diretamente com um poema sobre mitos também presente em *Árvore e Folha*, chamado *Mitopeia*, escrito por Tolkien, como resposta para seu amigo C.S. Lewis, também autor de fantasia e então professor de Oxford, que, na época não acreditava na veracidade dos mitos, embora gostasse de lê-los.

O poema tem como dedicatória os dizeres "alguém que disse que mitos eram mentiras e, portanto, inúteis, ainda que "inspirados através da prata"" (Tolkien, 2020, p. 91). Desse modo, no poema há Filomito (Tolkien), o "Amante dos Mitos", que mostra os equívocos da opinião de Misomito (Lewis), "Inimigo dos Mitos".

No prefácio de *Árvore e Folha*, escrito em 1988 por Christopher Tolkien, filho de John Ronald Reuel Tolkien, é informado que esta conversa entre Tolkien e Lewis sobre os mitos, que inspirou "Mitopeia", ocorreu na noite de 19 de setembro de 1931, quando Lewis convidou Tolkien e Hugo Dyson, também membro dos *Inklings*⁵, para jantar no Magdalen College, onde Lewis lecionava na Universidade de Oxford, Inglaterra. Enquanto caminhavam pelo Magdalen, as ideias propostas por Tolkien durante a conversa sobre o "mito verdadeiro" resultaram na conversão ao cristianismo do autor de *As Crônicas de Nárnia*, na época ateu.

Lewis (2018) foi o primeiro a ler os manuscritos dos livros de Tolkien e sempre o incentivava a prosseguir com suas histórias.

Estou quase inclinado a estabelecer como parte do cânone que uma história infantil que é apreciada apenas por crianças é uma história infantil ruim. As boas permanecem. [...] Esse cânone parece-me ainda mais óbvio e verdadeiro sobre o tipo de história infantil em especial que mais aprecio: a fantasia ou o conto de fadas (Lewis, 2018, p. 55).

Cristiano Camilo Lopes (2017) afirma que Clive Staples Lewis (1898-1963) não escreveu somente um dos maiores *best-sellers* do mundo, como também produziu obras de diferentes gêneros literários: literatura infantil e juvenil, ficção científica, crítica literária, apologética e autobiografia são alguns deles. Sobre *O Senhor dos Anéis*, Lewis menciona que "Tal livro é como um raio num céu claro; tão

⁵ Grupo de amigos cristãos que se reuniam e tinham em comum o interesse pela literatura. Outro importante grupo de amigos para Tolkien foi o T.C.B.S. (*Tea Club and Barrovian Society*), formado por Tolkien, Geoffrey Bache Smith, Christopher Wiseman e Robert Gilson, que foi desfeito após a 1^a Guerra Mundial, com a morte de Smith e Gilson.

marcadamente diferente, tão imprevisível em nossa época quanto as *Canções da inocência* o foram em sua" (Lewis, 2018, p. 146).

"Jack", como era chamado, ainda afirma que se tratando da mitologia criada por Tolkien, "dificilmente você poderá colocar o pé em qualquer lugar [...] sem mexer com o pó da história" (Lewis, 2018, p.151).

Em primeiro lugar, devemos entender claramente que, embora *A Sociedade do Anel*, em certo sentido, continue o conto de fadas do autor, *O Hobbit*, ele não é, de modo algum, um "juvenil" crescido. O contrário é a verdade. *O Hobbit* era apenas um fragmento arrancado do enorme mito do autor e adaptado para crianças, inevitavelmente perdendo algo pela adaptação. A Sociedade nos dá finalmente os contornos desse mito "em sua verdadeira dimensão, como eles mesmos". O mal-entendido sobre esse ponto poder ser facilmente encorajado pelo primeiro capítulo, no qual o autor escreve quase da maneira do livro mais antigo e mais distante. Para os que acharão o corpo principal do livro profundamente comovente, esse capítulo pode não ser o favorito. No entanto, havia boas razões para essa abertura, e ainda mais para o prólogo que a precede. É essencial que sejamos primeiro bem imersos no caráter "acolhedor", na frivolidade, até mesmo na vulgaridade das criaturas chamadas hobbits; esses seres não ambiciosos, pacíficos, mas quase anárquicos, com rostos "mais bem-humorados que bonitos" e "bocas prontas ao riso e a comer", que fazem do fumar uma arte e gostam de livros que lhes dizem o que já sabem. Eles não são uma alegoria dos ingleses, mas talvez sejam um mito que apenas um inglês poderia ter criado. O tema central de quase todo o livro é o contraste entre os hobbits e o destino terrível ao qual alguns deles são chamados, a descoberta terrível que a humilde felicidade do Condado, que eles pensavam ser certamente normal, é, na realidade, um espécie de acidente local e temporário, que sua existência dependa de sua proteção por poderes que os hobbits não se atrevem a imaginar, que qualquer hobbit pode se ver forçado a sair do Condado e se envolver nesse grande conflito. Mais estranhamente ainda, o advento desse conflito entre coisas mais fortes pode depender deles, que são quase os mais fracos (Lewis, 2018, p. 148-149).

É desse modo que *O Senhor dos Anéis* não surge apenas como uma continuação de *O Hobbit*, mas faz a conexão entre a jornada isolada do despreparado Bilbo Bolseiro com a magia e o mistério dos Dias Antigos das primeiras Eras. Os próprios títulos das duas narrativas já evidenciam essa diferenciação de tom e estilo, segundo Stainle (2021).

Alexander (1971) nomeia um termo a partir do título do seu artigo, "Alta fantasia", que passou a ser um meio de categorizar textos fantasiosos. Alta fantasia se refere à construção do mundo fictício em que a narrativa se passa. Para se encaixar nessa nomenclatura, o enredo deve se situar em um local completamente imaginário, chamado de mundo secundário, que pode ser parecido com a realidade do leitor, mas não pode existir de fato no mundo primário ou real.

Tolkien reflete que o mundo primário, nossa realidade, é a criação de Deus, enquanto o homem, criado à imagem e semelhança de seu criador, busca uma subcriação, por meio de um mundo secundário, em que pode compreender os sofrimentos do primário através da fantasia. Em uma palestra apresentada em St. Andrews, na Escócia, no dia 8 de março de 1939, Tolkien desenvolveu argumentos convincentes de que não há função mais elevada do que a “subcriação” para o homem, tal como ele fez em *O Senhor dos Anéis*, e expôs sua esperança de que essa história e toda mitologia a ela relacionada fossem consideradas “verdadeiras”. Todo escritor que cria um mundo secundário almeja ser um verdadeiro criador.

“O que acontece de fato”, escreveu, “é que o criador da história é um ‘subcriador’ de sucesso. Ele faz um mundo secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é ‘verdade’, concorda com as leis daquele mundo. Portanto acreditamos, enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro. No momento em que surge a incredulidade, o encanto se rompe; a magia, ou melhor, a arte fracassou. Estamos então de novo no mundo primário, olhando de fora o pequeno e malogrado mundo secundário” (Tolkien apud Carpenter, 2018, p. 261-262).

Conforme afirma Klautau (2007), esta capacidade de adentrar em um mundo secundário é mais perceptível nas crianças. Entretanto, a subcriação fantástica se torna uma investigação de mistérios da vida dos seres vivos, tanto para crianças quanto para adultos. O autor menciona que Tolkien chegou à conclusão de que a confecção de mitos para uma experiência religiosa é a origem das estórias de fadas, sendo a crença secundária necessária para os leitores, e, desse modo, o autor é um subcriador. Em suas histórias, propõe a subcriação como um ato de reviver de forma inédita a realidade do mundo primário.

No artigo *Ordem vermelha: filhos da degradação, entre a alta fantasia e a distopia*, Bruno Anselmi Matangrano ressalta as referências aos mundos primário e secundário. Segundo o próprio autor:

A fantasia se define pela existência de outra realidade, chamada para fins didáticos de “mundo secundário”, sendo o “mundo primário”, ou de partida, a própria realidade. Esse outro mundo pode ser um local totalmente distinto, com leis físicas, químicas, geográficas e biológicas próprias (como é o caso da Terra-Média de Tolkien), quanto um espaço alternativo dentro do mundo primário (como é o caso dos lugares onde vivem os bruxos na série *Harry Potter*, de J.K. Rowling). A proximidade e/ou a relação com o mundo primário definiria quando se trata de uma alta fantasia (pautada inteiramente no mundo secundário), ou de uma baixa fantasia (centrada no contato e diálogo entre os dois) (Matangrano, 2019, p. 3).

Conforme Matangrano (2019), o ofício do escritor de literatura fantástica, em seu sentido mais amplo, e da fantasia, particularmente, é enxergar além do horizonte, extrapolar o que é nomeado como realidade. Afinal, a fantasia é uma tentativa de criar outra realidade em um outro universo.

Os conceitos de “alta fantasia” e “baixa fantasia” se encaixam nas obras analisadas no presente trabalho, posto que no primeiro se enquadra *O Senhor dos Anéis*, em que a história se situa completamente em mundo fictício, e no segundo se insere *Árvore Inexplicável*, da escritora brasileira Carol Chiovatto, no qual o enredo se passa no estado de São Paulo.

“A fantasia, no entanto, é uma vertente em franca expansão, de modo que comumente surgem novas subcategorias para abarcar as produções atuais, sobretudo aquelas produzidas nas décadas finais do século XX e primeiros anos do novo milênio” (Matangrano, 2019, p. 4).

Segundo os conceitos de fantasia apresentados anteriormente por Farah Mendlesohn, em *Rhetorics of Fantasy*, as obras também se enquadram nos conceitos de fantasia imersiva e intrusiva. *O Senhor dos Anéis* possui estrutura imersiva, em que a história se passa em um ambiente totalmente imaginário. *Árvore Inexplicável* se enquadra na estrutura intrusiva, na qual a fantasia invade a realidade, ou seja, se passa em um local real, pertencente ao nosso mundo primário.

Entre tantas definições, o fato é que as obras de fantasia continuam encantando pessoas em todo o mundo e contribuindo para a formação de novos leitores, cumprindo seu papel social ao abordar temas relevantes que não são apenas uma mera coincidência quando possíveis de serem comparados ao mundo real. Essa pesquisa comprova tal fato ao trazer o importante debate sobre a crise climática através da consagrada obra de Tolkien, que transcendeu gerações e se faz presente na fantasia da atualidade, como será demonstrado na análise de *Árvore Inexplicável*, da brasileira Carol Chiovatto.

As autoras Diana Navas e Ana Margarida Ramos ressaltam que os estudos voltados para a área do conhecimento literário juvenil são escassos.

O conceito da Literatura Juvenil é ainda bastante recente [...]. A relativa “novidade” do conceito suscita algumas indagações que marcaram os debates em torno da literatura infantil: existe uma obra especificamente juvenil? O que a distingue dos textos destinados às crianças e aos adultos? (Navas; Ramos, 2021, p. 15).

Se a literatura infantil, hoje, já viu reconhecidas as suas especificidades, o mesmo ainda não ocorre, pelo menos não de forma tão evidente e sistemática, no que respeita à literatura juvenil, apesar de todas as qualidades que possui (Navas; Ramos, 2021, p. 45).

Os jovens podem apresentar soluções para os problemas ambientais de nosso planeta e se conscientizarem para defender um estilo de vida mais sustentável para a sua geração e as futuras, o que eleva a relevância da literatura ecológica para esse público.

Para León (2010), muitos autores consideram que a literatura infantil e juvenil sempre se mostrou sensível à natureza e disposta a entendê-la para entrar em contato com ela. Os humanos viviam mais próximos do mundo natural em épocas passadas, o que a tornou fonte de inspiração para os autores quando escreviam para crianças e jovens. Contemporaneamente, são abordados assuntos como a contaminação atmosférica, a contaminação visual, olfativa ou acústica, as chuvas ácidas, o desmatamento e a diminuição dos recursos hidráulicos potáveis.

As preocupações sociais da atualidade estão refletidas na literatura infantil e juvenil, a temática ambiental é uma delas, na qual a visão apocalíptica da ação humana sobre a natureza mostra a necessidade de atuação da sociedade para deter as consequências dessa ação, ressalta León (2010).

Na contemporaneidade, o sentimento de perigo ecológico é ainda mais iminente, não há mais tempo para culpar um modelo cultural que demonstrou práticas nefastas ao meio ambiente. Chegou o momento dos chefes de estado e todos os demais fazerem sua parte e aderirem a uma nova mentalidade e práticas sustentáveis. Dessarte, a união entre literatura e ecologia fomenta pautas de condutas respeitosas ao mundo natural.

2. O SENHOR DOS ANÉIS E ÁRVORE INEXPLICÁVEL: DUAS FANTASIAS ECOLÓGICAS

2.1 Fantasia e ecologia

Segundo Seixas (2023), a leitura fantasiosa é prazerosa não apenas devido à magia que faz os olhos brilharem e a mente se iluminar, mas devido ao árduo trabalho realizado pelos autores do gênero, os quais defenderam seu posicionamento dentro do mercado e do universo artístico, sendo que muitos deles foram grandes pesquisadores e teóricos literários, como é o caso de J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis.

As fantasias ecológicas são aquelas que abordam a ecologia, ou seja, o meio ambiente e seus seres, na qual esses possuem importante papel no enredo e há uma constante interação entre eles e os protagonistas, através de descrições de paisagens, animais não humanos e elementos naturais.

O legendário do professor Tolkien contempla essas descrições, tal como Árvore *Inexplicável*, pois nas duas obras o mundo natural assume papel fundamental na narrativa e há uma aventura cercada de perigos para que ele seja preservado, conforme abordado no capítulo anterior.

Dickerson e Evans (2006) explicam que não somente o mundo vivo importa na ecologia de Tolkien, mas também montanhas, estrelas, mares, ventos. Esses elementos naturais estão diretamente relacionados aos Valar, governantes divinos, que têm suas personalidades e poderes relacionados aos diferentes elementos da natureza.

A obra *O Silmarillion* (2019) mostra o momento da criação da natureza na Terra-média de Tolkien, que é feita por Yavanna, chamada de Provedora de Frutos, uma das rainhas dos Valar. Ela é assim descrita:

Então as sementes que Yavanna semeara principiaram rapidamente a brotar e medrar, e assim surgiu uma multidão de coisas que cresciam, grandes e pequenas, musgos e relva e grandes avencas e árvores cujos dosséis estavam coroados com nuvem, como se elas fossem montanhas

vivas, mas cujas raízes estavam envoltas em um crepúsculo verde (Tolkien, 2019e, p. 64).

Klautau (2015) afirma que a natureza na Terra-média é símbolo da presença divina na composição e manutenção deste mundo. No livro acadêmico *A subcriação de mundos: estudos sobre a literatura de J.R.R. Tolkien*, que organizou junto à Cristina Casagrande e Maria Zilda da Cunha, publicado em 2019, o estudioso menciona que a dimensão mágica está associada à natureza, sendo ela a principal face das estórias de fadas.

Tolkien (2020) afirma que foi apresentado à zoologia e à paleontologia quase tão cedo quanto à Feéria⁶, gostava de ver figuras de bichos vivos e de animais pré-históricos; ansiava por estudar a natureza, até mais do que para ler a maioria das estórias de fadas.

E, na verdade, as estórias de fada lidam largamente, ou (as melhores) principalmente, com coisas simples ou fundamentais, intocadas pela Fantasia, mas essas simplicidades são tornadas ainda mais luminosas por seu cenário. Pois o criador de estórias que se permite ser “livre com” a Natureza pode ser seu amante, não seu escravo. Foi nas estórias de fadas que eu primeiro adivinhei a potência das palavras e a maravilha de coisas tais como pedra, madeira e ferro; árvore e grama; casa e fogo; pão e vinho (Tolkien, 2020, p. 68).

É a natureza como criação que está presente no legendário tolkieniano, seus fenômenos físicos, geológicos, de fauna e flora, de composições minerais e climatológicas, cuja contemplação e interferência por atos dos personagens são associados com a mágica nessa ambientação, fato que também ocorre em *Árvore Inexplicável*, visto que o uso moral da mágica para fazer o bem e salvar seres inocentes é uma forte característica das histórias fantasiosas, assim como a contemplação das belezas da natureza e a compreensão do lugar dos povos nessa mesma criação.

Ao abordar a relação entre fantasia e ecologia, encontra-se um vasto repertório, do qual é feita uma seleção de duas obras, além das do *corpus*, para demonstrar essa união. Cada uma delas se encontra na mesma categoria de fantasia de *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*.

⁶ Palavra utilizada pelo autor para se referir à Terra das Fadas, seu Mundo Secundário, o universo da Fantasia.

As *Crônicas de Gelo e Fogo* (2019-2020), série do estadunidense G.R.R. Martin, é uma fantasia de estrutura imersiva, assim como *O Senhor dos Anéis*, pois a narrativa inteira se passa em um mundo secundário com geografia única, ou seja, paisagens e locais que diferem da realidade ou mundo primário.

Cada lugar do continente Westeros, de maior relevância na obra, possui descrições próprias, como Winterfell, lar da família Stark, ao norte, caracterizado como um local frio com sua paisagem repleta de neve no inverno, que se contrapõe ao deserto árido e seco de Dorne, localizado ao sul do continente.

Através da zoopoética é possível analisar a relação das personagens com seus animais não humanos, fortemente presente na saga, como a da família Stark com os lobos. O símbolo da casa Stark é um lobo e cada um dos filhos do patriarca, Ned Stark, ganha um filhote, até mesmo aquele que é considerado bastardo, Jon Snow. Eles refletem as características de seus donos e os acompanham durante a narrativa.

Nymeria, a loba de Arya, se conecta com ela diversas vezes de forma mental, em uma delas, sentindo a aversão da dona em relação a outro personagem, Joffrey Baratheon, ela o ataca e acaba fugindo depois a pedido da dona. Assim como Arya, ela é destemida e independente.

Lady, a loba de Sansa Stark, acaba sendo sacrificada no lugar de Nymeria, seu nome reflete a principal característica de sua dona, que deseja desempenhar as funções de uma lady, sempre polida e atendendo ao que se espera de uma mulher em sua posição, como por exemplo, um bom casamento.

Vento Cinzento, pertencente a Robb Stark, o primogênito de Ned, possui a mesma coragem do dono, o acompanhando em suas batalhas, os dois morrem da mesma forma, decapitados, e a família Frey, inimiga dos Stark, cose a cabeça do lobo no corpo do dono, que era conhecido como “o jovem lobo”, esse fim trágico de ambos mostra que sua relação era tão forte que até mesmo na morte estavam interligados.

Cão Felpudo, o lobo de Rickon, possui o mesmo gênio forte de seu dono, muitas vezes agressivo, considerando as terríveis mudanças pelas quais passou em sua vida com tão pouca idade, como a perda dos pais.

Verão pertence a Bran e está sempre ao seu lado, fazendo companhia mesmo em momentos traumáticos, como após a queda que o deixou paraplégico; os dois são calmos e permanecem unidos, um sempre protege o outro.

Fantasma, o lobo de Jon, torna-se o maior da ninhada. Ele é o último a ser encontrado, pelo próprio Jon. Ned afirma que ele pode ter sido afastado da ninhada pelos outros, fato que reflete a realidade de Jon, que é tratado diferente em relação aos irmãos, por ser considerado um bastardo. Eles possuem uma forte conexão e seguem juntos pela narrativa até o último livro publicado pelo autor, que segue trabalhando na sequência da série.

Há também destaque para os dragões entre os animais não humanos do universo de Martin. Eles são símbolo de outra família poderosa da narrativa, os Targaryen. Daenerys Targaryen possui três dragões, Rhaegal, Viserion e Drogon, que a acompanham durante sua jornada em busca da conquista do Trono de Ferro em Porto Real, capital de Westeros. Ela é considerada a “mãe dos dragões”, referindo-se a eles como seus filhos na história.

Por sua vez, a série de livros *Harry Potter* (2015) é considerada uma fantasia com estrutura intrusiva, assim como *Árvore Inexplicável*, visto que se passa no mundo primário, em Londres, na Inglaterra, onde a fantasia invade a realidade, transportando o protagonista ao universo bruxo.

O protagonista da história, Harry, descobre ser um bruxo e é aceito na escola de magia e bruxaria de Hogwarts. O castelo e seus arredores podem ser considerados paisagens tanto topofílicas quanto topofóbicas para Harry no decorrer da história, trazendo momentos eufóricos e trágicos para ele.

Harry possui uma coruja chamada Edwiges, que se torna sua companheira durante toda a trajetória narrada em sete livros. Ela morre ao tentar protegê-lo dos comensais da morte, aliados de seu inimigo, Lord Voldemort, evidenciando que havia uma forte conexão entre eles.

A zooliteratura se faz presente também através de animais fantásticos na obra, entre eles os Testrálios, cavalos alados que só podem ser vistos por aqueles que já presenciaram a morte; Fawkes, a fênix de Alvo Dumbledore (diretor de Hogwarts), cujas lágrimas têm poderes curativos e também é capaz de carregar cargas extremamente pesadas; e Bicuço, o hipogrifo de Rúbeo Hagrid (meio-gigante guardião das chaves e das terras da escola de magia e bruxaria), cuja parte dianteira é igual a de uma águia e a traseira a de um cavalo. Estes animais possuem características próprias e ajudam Harry durante a sua trajetória para derrotar o mal.

Essas breves análises foram colocadas com o intuito de fomentar mais pesquisas nas obras de fantasia sob perspectivas ecocriticas, exaltando que ainda

há muito a ser explorado e aprofundado, como nestes exemplos citados, que possuem a mesma estrutura de fantasia do *corpus*, conforme desenvolvido por Farah Mendlesohn em seu livro *Rhetorics of Fantasy*.

2.2 O Senhor dos Anéis

Tolkien concluiu *O Senhor dos Anéis* após doze anos, se dedicou à sua obra-prima de 1937 até 1949. Alguns desentendimentos com a editora Allen & Unwin ocorreram até haver a publicação da obra, sendo um deles o fato de Tolkien exigir um volume único para a história e não uma divisão em três (como acabou ocorrendo devido ao alto preço do papel na época). *O Senhor dos Anéis* teve seu primeiro volume publicado em 29 de julho de 1954, mais de 16 anos depois que o autor começou a escrever o livro.

As vendas dos três volumes que compõem a obra, *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei*, continuavam aumentando, chegando a aproximadamente três milhões de exemplares vendidos no final de 1968 em todo o mundo, numerosas traduções feitas em vários idiomas, conforme Carpenter (2018).

Nos anos que se seguiram, *O Senhor dos Anéis* foi traduzido para todas as principais línguas europeias e para muitas outras, e, consequentemente, Tolkien recebeu diversos convites para viajar ao exterior e receber homenagens (Carpenter, 2018, p. 307).

A história da missão de Frodo com o Anel fez tanto sucesso entre os jovens norte-americanos da época, que foram criados *slogans* como “Frodo vive”, “Gandalf para presidente” e “Venha para a Terra-média”, os fãs organizavam “piqueniques de hobbits” e se vestiam como personagens da história.

A obra serviu como grande estímulo para a contracultura que teve início nos anos 1960, ressoando também em muitas canções de rock que foram inspiradas por ela, como “Ramble on”, “Misty Mountain Hop” e “The Battle of Evermore”, do grupo Led Zeppelin, “The Wizard”, do Black Sabbath, e “Rivendell” e “The Necromancer”, do Rush.

A narrativa se passa durante a Terceira Era da Terra-média, período em que há uma ameaça crescente sob o poder maligno de Sauron, o Senhor Sombrio, que almeja recuperar seu poderoso Anel, criado por ele para controlar os outros Anéis de Poder e dominar toda a Terra-média. O Anel cai nas improváveis mãos de Frodo Bolseiro, um hobbit de Bolsão, localizado na pacífica região do Condado.

O perigo que o objeto representa é notado pelo mago Gandalf, que decide reunir representantes dos povos livres da Terra-média em uma Sociedade do Anel. Cada povo possui atributos e habilidades próprios. Entre os membros da Sociedade estão os hobbits Frodo, Sam, Merry e Pippin, os homens Aragorn e Boromir, o elfo Legolas, o anão Gimli e o próprio Gandalf.

A Sociedade do Anel inicia uma jornada perigosa para destruir o Um Anel, partindo em direção ao Monte da Perdição, onde ele foi forjado pelo próprio Sauron, para que assim seja destruído e o mal seja derrotado. Essa aventura os leva por terras perigosas e diversos encontros, como com os elfos da floresta de Lothlórien, o misterioso Gollum e o corrompido mago Saruman.

A ameaça de Sauron paira continuadamente sobre eles e a tensão gerada através da separação dos membros da sociedade representa uma reviravolta na narrativa, pois eles começam a lidar com obstáculos individuais e a preparação para as batalhas e provações que estão por vir na busca pela sobrevivência da Terra-média, culminando na batalha final, nomeada “A Guerra do Anel”.

Lopes (2009) salienta que a diversidade de línguas criadas por Tolkien, filólogo por formação, representa as diferentes culturas de seu mundo ficcional. Os diversos povos possuem sua própria visão de mundo, com costumes peculiares, detalhes que enriquecem a obra e fazem com que seja possível refletir sobre a valorização da diferença cultural em nossa sociedade.

Rossi e Stainle (2021) ressaltam que os estudos sobre Tolkien vêm crescendo no Brasil nos últimos anos. As qualidades artísticas e estéticas de suas obras são inquestionáveis e sua contribuição para a literatura fantástica se mostra fundamental e determinante ao longo dos séculos XX e XXI.

Todavia, os autores frisam que ainda existem poucos livros acadêmicos sobre o autor e seu universo ficcional, pois em termos de coletâneas de ensaios críticos só há dois, um organizado por Cristina Casagrande, Diego Klautau e Maria Zilda da Cunha publicado em 2019, cujo título é *A Subcrição de Mundos: estudos sobre a*

literatura de J.R.R. Tolkien e o volume organizado pelos próprios Aparecido Rossi e Stéfano Stainle em 2021, nomeado *Folhas da Árvore: a ficção de Tolkien*.

Os pesquisadores acadêmicos realçam que Tolkien ficou muito famoso nos países anglófonos na década de 1950 e *O Senhor dos Anéis* foi a sua primeira obra traduzida no Brasil por uma pequena editora do Rio de Janeiro, chamada Artenova, que publicou o romance em seis volumes na década de 1970, entretanto, sabe-se que foi uma tradução não autorizada, pois a primeira a ser autorizada foi a da Martins Fontes, em 1994.

Foi a partir de 1974 que o público brasileiro começou a se familiarizar com a primeira tradução da obra, houve êxito e impacto na publicação do mercado nacional, o que gerou uma primeira leva de leitores e fãs.

Destaca-se que em 1974 também surgiu a primeira plataforma artística desenvolvida a partir do universo ficcional de Tolkien, o RPG⁷, com a publicação do sistema-cenário *Dungeons & Dragons* nos Estados Unidos, de modo que é possível observar que o RPG e *Dungeons & Dragons* vão ser fundamentais na formação e consolidação do nicho de leitores e fãs de Tolkien, especialmente de *O Senhor dos Anéis*, em terras nacionais, a partir da década de 1980.

Realça-se que este foi o primeiro momento do contexto de Tolkien no Brasil, no qual se inclui o estudo acadêmico inaugural que foi escrito por Lúcia Lima Polachini, orientada por Carlos Daghlian, que escreveu a dissertação de mestrado intitulada *O Senhor dos Anéis: estrutura e significado*, defendida no ano de 1984 na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), pesquisa que inaugura os estudos de Tolkien no Brasil.

A segunda tradução de *O Senhor dos Anéis* foi publicada pela editora Martins Fontes, de São Paulo, em 1994. Entretanto, Tolkien e sua obra-prima se consolidaram no imaginário nacional somente após o lançamento do primeiro filme da premiada trilogia dirigida pelo neozelandês Peter Jackson, *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* (*The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring*), em dezembro de 2001.

Conforme Rossi (2009), *O Senhor dos Anéis* foi publicado e adquiriu notoriedade pelo público leitor na segunda metade do século XX e início do século XXI. O livro é considerado como marco da literatura fantástica desse período, de

⁷ Sigla para *role-playing game*, “jogo de interpretação de papéis”.

modo que praticamente toda a literatura, o cinema e os quadrinhos de temática fantástica que vieram posteriormente lhe têm como referência.

Klautau (2007) menciona que a obra criada por Tolkien é incomparável em detalhes, enredo e beleza descritiva, com diversas histórias que se relacionam de modo coerente. O trabalho de criar alfabetos, línguas e dialetos realizado pelo autor, traz ainda mais verossimilhança a seu universo mitológico.

O livro explora temas como amizade, coragem, sacrifício e resiliência. Ao passo que enfrentam desafios e obstáculos cada vez mais difíceis, os personagens são testados e transformados por suas experiências em uma narrativa envolvente e complexa, que explora temas universais e se aprofunda em um mundo minuciosamente detalhado, com descrições de paisagens, mapas e povos, que possuem idiomas e atributos próprios.

A descrição das principais características desses povos se faz necessária mediante a posterior compreensão de sua relação com os animais não humanos, as paisagens topográficas e topofóbicas, nos quais se embasam as análises do terceiro e último capítulo deste trabalho.

Anões

Os anões, diferentemente dos elfos e dos homens, não foram criados por Eru Ilúvatar, único Deus soberano na mitologia tolkieniana, mas sim pelo vala Aulë, que não conseguiu esperar a criação dos primogênitos de Eru, os elfos, e decidiu criar sozinho um povo a quem pudesse amar e ensinar seus dons.

Enquanto Aulë trabalhava em sua obra, decidiu contar para Yavanna, sua esposa, o que havia acontecido. Ela, então, lhe disse:

Eru é misericordioso. Agora vejo que teu coração se regozija, como de fato pode fazê-lo: pois recebeste não só perdão como mercê. Contudo, porque ocultaste esse pensamento de mim até seu cumprimento, teus filhos terão pouco amor pelas coisas que amo. Amarão primeiro as coisas feitas por suas próprias mãos, como o pai deles. Cavarão a terra, e às coisas que crescem e vivem sobre a terra não darão ouvido. Muita árvore há de sentir o gume do ferro deles sem piedade (Tolkien, 2019e, p. 75).

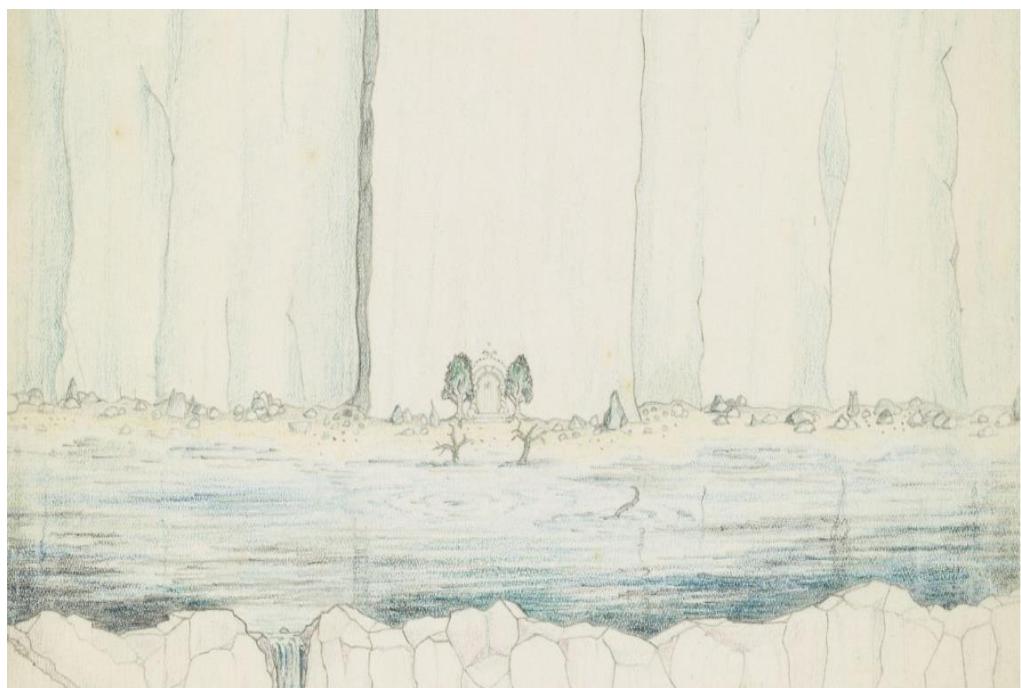
Assim ocorre, os anões não se dão bem com os elfos, tornam-se excelentes mineradores, escavam a terra e encontram preciosos minérios, não se interessam

pelos *kelvar*⁸ e *olvar*⁹, seres das florestas, que possuem forte ligação com o povo élfico. Os anões vivem sob as montanhas, em seu recinto rochoso, são rígidos como as próprias rochas, além de serem dotados de certa ganância e teimosia.

Os anões possuem uma língua própria chamada de Khuzdûl, que mantêm em sigilo e conservam como um tesouro, sendo assim poucos de outras raças conseguiam aprendê-la.

É isso: anões não são heróis, mas gente calculista que dá muita importância ao valor do dinheiro; alguns são matreiros e traiçoeiros, uma turma bem ruim; outros não, são um pessoal bastante decente, feito Thorin e Companhia, se você não esperar demais deles (Tolkien, 2019b, p. 237).

Figura 2 – *Moria Gate*¹⁰, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

Glóin suspirou. “Moria! Moria! Maravilha do mundo setentrional! Demasiado fundo escavamos ali e despertamos o medo sem nome. Por longo tempo suas vastas mansões estiveram vazias desde que fugiram os filhos de Durin. Mas agora outra vez falávamos dela com anseio, porém com temor; pois nenhum anão ousou passar pelas portas de Khazad-dûm durante muitas vidas de reis, exceto por Thrór, e ele pereceu” (Tolkien, 2019b, p. 347).

⁸ Animais, “coisas vivas que se movem”.

⁹ Plantas, “coisas que crescem com raízes na terra”.

¹⁰ Portão de Moria.

Apesar das diferenças e limitações de cada um dos povos da Terra-média, todos são convidados a se unirem em *O Senhor dos Anéis* e, por meio da prática das virtudes, acabar com o poder maligno de Sauron, o Senhor Sombrio, conforme menciona Semmelmann (2017).

Elfos

Os elfos foram chamados pelo Vala Oromë, que primeiro os encontrou, de Eldar, palavra em élfico que significa “Povo das Estrelas”, entretanto, o termo passou a ser utilizado para designar apenas os Elfos dos Três Clãs (Noldor, Teleri e Vanyar), que partiram para o Oeste.

No princípio, os Filhos Mais Velhos de Ilúvatar eram mais fortes e maiores do que se tornaram desde então; mas não mais belos, pois, embora a beleza dos Quendi nos dias de sua juventude estivesse além de toda outra beleza à qual Ilúvatar deu ser, ela não pereceu, mas vive no Oeste, e pesar e sabedoria a enriqueceram. E Oromë amou os Quendi e lhes deu o nome, na própria língua deles, de Eldar, o povo das estrelas; mas esse nome foi mais tarde dado apenas àqueles que o seguiram na entrada para o oeste (Tolkien, 2019e, p. 81).

Conforme Silva Neto (2021), a vida do povo élfico sempre esteve ligada ao mundo natural e, assim como ele, os elfos foram destinados a viver pela eternidade. O autor reforça que as vidas dos outros povos eram dependentes umas das outras, assim como do ambiente que os cercava, contudo, os elfos possuíam uma ligação mais profunda com o meio natural, visto que foram criados para cuidar do mundo, enquanto ele existir. São portadores da imortalidade e estão diretamente ligados ao destino da Terra-média, enquanto as outras raças, como os humanos, são mortais e não precisam esperar o desfecho do universo para partirem.

Os elfos possuem um vasto conhecimento sobre o mundo e seus povos, adquiridos através dos séculos de vida. Stainle (2021) frisa que são associados aos grandes feitos das três eras da Terra-média, estiveram conectados com todos os grandes eventos, são os primogênitos de Ilúvatar, por isso seu conhecimento é profundo e sua imortalidade ressalta o dom do eterno advindo da sabedoria e do poder primordial.

A *Primeira Era* terminou com a Grande Batalha, em que a Hoste de Valinor rompeu Thangorodrim¹¹ e derrotou Morgoth. Então a maior parte dos Noldor retornou para o Extremo Oeste e habitou em Eressëa¹² à vista de Valinor; e muitos dos Sindar¹³ também atravessaram o Mar. A *Segunda Era* terminou com a primeira derrota de Sauron, serviçal de Morgoth, e com a tomada do Um Anel. A *Terceira Era* chegou ao fim na Guerra do Anel; mas só se considerou que a *Quarta Era* fora iniciada quando Mestre Elrond partiu, e chegara a época do domínio dos Homens e do declínio de todos os demais “povos falantes” da Terra-média. Na *Quarta Era*, as eras anteriores costumavam ser chamadas de *Dias Antigos*; mas esse nome era atribuído corretamente apenas aos dias antes da expulsão de Morgoth. As histórias desse tempo não estão registradas aqui (Tolkien, 2019d, p. 1538).

Os elfos possuem uma forte conexão com a natureza, conseguem sentir a energia e os sentimentos das florestas onde vivem, apreciam morar perto das plantas e de tudo o que cresce. Amam e compreendem a natureza e seus seres, sabendo que seus destinos estão atrelados e a sobrevivência de um é essencial para o outro. São considerados os mais sábios entre os povos, devido ao tempo de sua existência e sua compreensão do mundo.

Essa conexão é tão forte que os três anéis de poder élficos são nomeados de acordo com elementos naturais.

Dos Três Anéis que os Elfos tinham preservado sem mácula nunca se dizia palavra clara entre os Sábios, e poucos, mesmo entre os Eldar, sabiam onde estavam. Contudo, depois da queda de Sauron, o poder deles estava sempre operando e onde se encontravam também habitava a alegria, e todas as coisas escapavam da mancha das tristezas do tempo. Portanto, antes que a Terceira Era terminasse, os Elfos perceberam que o Anel de Safira estava com Elrond, no belo vale de Valfenda, sobre cuja casa as estrelas do céu mais claramente brilhavam; enquanto o Anel de Adamante estava na Terra de Lórien, onde habitava a Senhora Galadriel. Rainha era ela dos Elfos das matas, esposa de Celeborn de Doriath, mas ela mesma vinha dos Noldor e recordava o Dia antes dos dias em Valinor, e era a mais poderosa e a mais bela de todos os Elfos que permaneciam na Terra-média. Mas o Anel Vermelho permaneceu oculto até o fim, e ninguém exceto Elrond, Galadriel e Círdan sabiam a quem tinha sido confiado (Tolkien, 2019b, p. 389).

Os três anéis élficos estão ligados a elementos da natureza, reforçando a conexão deste povo com ela. Vilya foi feito com uma safira azul e possui como elemento natural o ar; Nenya, o anel de diamante, detém o elemento água; e Narya, feito com rubi, tem o fogo como elemento natural. Este, posteriormente, é descrito

¹¹ Uma montanha com três picos construída por Melkor (chamado posteriormente de Morgoth, mestre de Sauron, o Senhor Sombrio) por cima de Angband, sua fortaleza.

¹² Palavra élfica que significa “Ilha Solitária”, localizada próxima de Aman, terra dos Valar.

¹³ Também conhecidos como Elfos Cinzentos, eram um subgrupo dos Teleri, que optaram por permanecer em Beleriand e, portanto, não completaram a Grande Jornada a Aman.

como pertencente ao mago Gandalf, que o recebe de Círdan, responsável pelos Portos Cinzentos e navios que partiam de Arda.

Ents

Os ents, chamados de onodrim pelos Elfos, são pastores-das-árvores, guardiões das florestas, expressam o amor de Tolkien pelas árvores. Entre eles, há destaque para Barbárvore no livro, o mais velho entre seu povo e os seres que vivem na Terra-média, guardião da Floresta de Fangorn. “Barbárvore é Fangorn, o guardião da floresta; é o mais velho dos Ents, o mais velho ser vivo que ainda caminha sob o Sol nesta Terra-média” (Tolkien, 2019c, p. 736).

Nada ouvi sobre isso em minha própria terra, exceto por canções que contam como os Onodrim, que os Homens chamam de Ents, habitaram ali muito tempo atrás; pois Fangorn é antiga, antiga como os próprios Elfos a avaliariam (Tolkien, 2019c, p. 661).

Alguns da minha espécie já se parecem muito com árvores e precisam de algo grande que os incite; e só falam em sussurros. Mas algumas de minhas árvores têm membros ágeis, e muitas conseguem falar comigo. Os Elfos começaram com isso, é claro, despertando árvores, ensinando-as a falar e aprendendo sua fala-arvoresca (Tolkien, 2019c, p. 696).

Ents, assim como as árvores, são diferentes entre si e possuem uma forma de crescimento e história também distintos. Alguns lembravam os hobbits de faias ou carvalhos, outros o castanheiro e ainda bétulas, sorveira e tília, todos possuíam um reluzir verde.

Havia alguns Ents mais velhos, barbudos e retorcidos como árvores sãs, porém antigas (apesar de nenhum parecer tão antigo quanto Barbárvore); e havia Ents altos e fortes, de membros retos e pele lisa, como árvores da floresta no seu apogeu; mas não havia Ents jovens, não havia rebentos. No total, cerca de duas dúzias estavam de pé no amplo fundo gramado do recôncavo, e outro tanto entrava marchando (Tolkien, 2019c, p. 711).

Barbárvore menciona que os ents não participam das guerras travadas por outros povos, afirma que não está do lado de ninguém, pois também ninguém está ao seu lado e não há quem cuide das matas como ele, nem mesmo os elfos. Apesar disso, é convencido pelos hobbits a se unir aos povos da Terra-média contra Sauron e Saruman, para evitar que seu povo pereça.

A ajuda dos ents é vital para a tomada de Orthanc em Isengard, onde o mago Saruman dominava os orques e ordenava a destruição das florestas, em prol de alimentar com madeira os fogos de sua indústria criada para fabricação de armas de combate e outros itens de destruição do mundo natural. Essa é uma clara crítica de Tolkien aos abusos da industrialização e às armadilhas da modernidade de sua época, mas que continua viável e pertinente diante da sociedade atual.

Após a conquista, Barbárvore fica responsável por vigiar Saruman e cuidar do local, que nomeia como “Jardinárvore de Orthanc”. Ele demonstra orgulho dos ents, que desempenharam seu papel com honra e contribuíram para a vitória dos povos livres da Terra-média.

Hobbits

Os hobbits, chamados de Pequenos pelos Homens e Periannath pelos Elfos, são discretos e levam uma vida tranquila. Gostam da área rural bem ordenada e cultivada, usam roupas que possuem cores vivas e raramente usam sapatos, devido a seus pés possuírem solas endurecidas e rijas. Não possuem um idioma peculiar, tendo adotado a fala comum para se comunicarem.

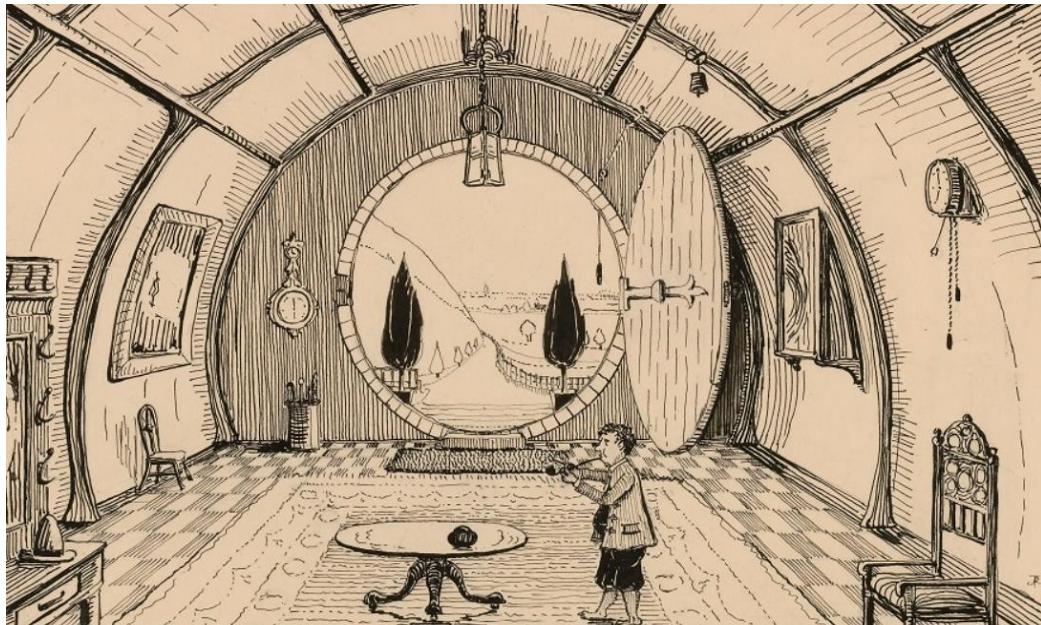
Conforme atentam Alves e Seixas (2023), J.R.R. Tolkien criou para o mundo e o imaginário da sociedade um novo tipo de ser, tendo em vista que elfos, anões e magos já existiam em narrativas desde os primeiros registros mitológicos europeus, todavia nenhum hobbit havia sido mencionado. Portanto, Tolkien reconheceu a necessidade de descrever de modo mais aprofundado essas novas criaturas.

Eles são menores que os anões, hospitaleiros, gostam de festas e de seis refeições por dia. Muitas vezes, são esquecidos pelos outros povos, por serem pacíficos e valorizarem o conforto do lar, mantendo-se afastados de viagens, conflitos ou aventuras.

Ainda assim, é claro que os Hobbits de fato haviam vivido tranquilamente na Terra-média por muitos longos anos antes que outras gentes se dessem conta deles. E, afinal de contas, já que o mundo estava repleto de incontáveis criaturas estranhas, aquele povo pequeno parecia ter muito pouca importância. Mas, nos dias de Bilbo e de seu herdeiro Frodo, eles de repente, sem que eles próprios o desejassesem, se tornaram ao mesmo tempo importantes e renomados e perturbaram os conselhos dos Sábios e dos Grandes (Tolkien, 2019b, p. 39).

Os pequenos viviam em tocas no solo, os mais pobres em escavações mais primitivas, meros buracos, também possuíam o hábito de construir casas de fazenda e celeiros. Gostam de tudo que cresce, respeitam o mundo natural e valorizam sua beleza e existência.

Figura 3 – *The Hall at Bag-End*¹⁴, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-hobbit/>, 2024.

O primeiro parágrafo de *O Hobbit: ou lá e de volta outra vez* (2019) é um dos mais instigantes da história da literatura infantil. Sua descrição é como um convite para entramos num túnel onde fica o inusitado lar de Bilbo Bolseiro.

Numa toca no chão vivia um hobbit. Não uma toca nojenta, suja, úmida, cheia de pontas de minhocas e um cheiro de limo, nem tampouco uma toca seca, vazia, arenosa, sem nenhum lugar onde se sentar ou onde comer: era uma toca de hobbit, e isso significa conforto (Tolkien, 2019a, p. 27).

Em *O Senhor dos Anéis*, há destaque para quatro hobbits do Condado, são eles Frodo Bolseiro, Samwise Gamgi, Meriadoc Brandebuque e Peregrin Tûk. Frodo é parente de Bilbo Bolseiro, que encontrou o Um Anel criado por Sauron em uma passagem dentro de uma caverna de gobelins (um tipo de orque) nas Montanhas Nevoentas, como é descrito em *O Hobbit*.

¹⁴ O salão em Bolsão.

Tentou adivinhar da melhor maneira que podia e rastejou adiante por um bom pedaço, até que de repente sua mão topou com o que parecia ser um minúsculo anel de metal frio caído no chão do túnel. Era uma grande virada em sua carreira, mas ele ainda não sabia disso. Colocou o anel em seu bolso quase sem pensar; decerto não parecia ser algo particularmente útil no momento (Tolkien, 2019a, p. 94).

Figura 4 – *The Misty Mountains*¹⁵, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

A tarefa de portador do Anel em *O Senhor dos Anéis* é designada a Frodo, que passa por sacrifícios e tentações até chegar a seu destino no Monte da Perdição (Orodruin), em Mordor, local onde Sauron forjou o objeto e que somente nele, nas fendas da perdição, poderá ser destruído.

Klautau (2007) recorda que, entre os hobbits, aquele que foi completamente corrompido pelo Um Anel é Gollum, chamado de Sméagol antes da transformação causada pelo objeto. “Ele era Gollum – tão escuro quanto a escuridão, exceto pelos dois grandes olhos redondos e pálidos em seu rosto magro.” (Tolkien, 2019a, p. 97)

Gollum também possui papel fundamental na narrativa, pois é quem guia Frodo e Sam até Mordor, traindo-os ao deixá-los para morrer na toca de Laracna, aranha gigante que habita em Mordor. Mesmo sem obter sucesso em seu plano, ele os segue até o Monte da Perdição, onde se lança nas chamas atrás do Anel, sabendo que essa será a única forma de manter seu “precioso”, modo como se refere ao objeto maligno forjado por Sauron.

Stainle (2021) cita que os hobbits são seres invisíveis para o mundo, visto que passam despercebidos e moram em terras distantes dos povos de maior poder que

¹⁵ As Montanhas Nevoentas.

os cerca, além disso sua experiência não deriva dos tradicionais conhecimentos adquiridos pela vivência de seus antepassados ou por textos que contenham registros de ensinamentos. Contudo, há exceções, dentre elas a do próprio Bilbo Bolseiro, que escreve suas histórias e aprende com os ensinamentos ancestrais. Sua história não começa com o início da Terra-média e não termina com o início da quarta era, portanto, encontra-se em uma posição tangente à história dos demais povos livres.

Bilbo, Frodo, Sam, Merry, Pippin e até Gollum são aqueles, entre o seu povo, que possuem contato com o mundo externo e aprendem a conviver com os outros povos que habitam além de suas fronteiras. Eles transmitiram esse conhecimento adquirido, visto que registraram tudo no Livro Vermelho do Marco Ocidental, que passou de Bilbo para Frodo e depois dele para Sam.

Homens

Silva Neto (2021) enxerga que o universo subcriado por Tolkien traz diversas formas de interpretação e gera reflexões, pois, embora haja diversos povos e raças, as histórias refletem os humanos, que se envolvem nas guerras, estabelecem seus reinados e registram seus feitos. Isso tudo se torna um ótimo operador cognitivo para se tecer reflexões acerca dos problemas enfrentados pela sociedade existente na Terra-média.

Os homens são os filhos mais novos de Eru, não entendem os propósitos de seus poderes, nem são hábeis para interpretar suas mensagens. Se tornam companheiros e discípulos dos elfos sendo, diferentemente destes, mortais.

Ao primeiro nascer do Sol, os Filhos Mais Novos de Ilúvatar despertaram na terra de Hildórien, nas regiões a leste da Terra-média; mas o primeiro Sol se ergueu no Oeste, e os olhos dos Homens, ao se abrir, voltaram-se para ele, e seus pés, conforme vagavam pela Terra, em sua maior parte desgarraram-se naquela direção (Tolkien, 2019e, p. 150).

Esse foi o princípio daquele povo que na fala élfico-cinzenta é chamado de Dúnedain: os Númenóreanos, Reis entre Homens. Mas não escaparam assim da sina da morte que Ilúvatar pusera sobre toda a Gente dos Homens, e eram mortais ainda, embora seus anos fossem longos e não conhecessen enfermidade antes que a sombra caísse sobre eles. Portanto, tornaram-se sábios e gloriosos, e em todas as coisas mais semelhantes aos Primogênitos do que todos os outros das gentes dos Homens; e eram altos, mais do que os mais altos dos filhos da Terra-média; e a luz de seus olhos era como a das estrelas brilhantes. Mas seu

número só aumentava devagar na terra, pois, embora filhas e filhos lhes nascessem, mais belos que seus pais, suas crianças eram poucas (Tolkien, 2019e, p. 343).

Desse povo, descende Aragorn, filho de Arathorn, no qual a esperança pela continuação da vida e paz na Terra-média é depositada em *O Senhor dos Anéis*. “Ele é Aragorn, filho de Arathorn”, disse Elrond; “e descende, através de muitos pais, de Isildur, filho de Elendil, de Minas Ithil. É Chefe dos Dúnedain do Norte, e agora já restam poucos desse povo” (Tolkien, 2019b, p. 355).

“Mas restam poucos na Terra-média como Aragorn, filho de Arathorn. A raça dos Reis de além do Mar está quase extinta. Pode ser que esta Guerra do Anel seja a última aventura deles.” “Você realmente quer dizer que Passolargo é do povo dos antigos Reis?”, indagou Frodo admirado. “Pensei que todos tinham desaparecido muito tempo atrás. Pensei que ele era só um Caminheiro.” “Só um Caminheiro!”, exclamou Gandalf. “Meu caro Frodo, é exatamente isso que são os Caminheiros: o último remanescente no Norte do grande povo, os Homens do Oeste. Eles me ajudaram antes; e hei de precisar de sua ajuda nos dias que virão; pois alcançamos Valfenda, mas o Anel ainda não está em repouso” (Tolkien, 2019b, p. 321-322).

Membro da Sociedade do Anel, recebe a alcunha de Passolargo e luta pela salvação dos povos desde o início da história, ajudando Gandalf e, após a vitória na Guerra do Anel, torna-se rei. A ele cabe o legado e a remissão do povo Númenóreano, que caiu por orgulho e confrontação perante Eru Ilúvatar.

Sauron ofereceu nove anéis aos reis dos homens e estes se mostraram fáceis de domar, tornando-se poderosos em seus dias, obtiveram glória e riqueza, porém isso se revelou sua perdição, pois a vida se tornou insuportável para eles, que acabaram transformados em espectros do anel, os Nazgûl.

Podiam caminhar, se quisessem, sem ser vistos por todos os olhos neste mundo sob o sol, e podiam ver coisas em mundos invisíveis para homens mortais; mas mais frequentemente contemplavam apenas os espectros e as ilusões de Sauron. E um por um, mais cedo ou mais tarde, de acordo com sua força nativa e com o bem ou o mal de suas vontades no princípio, caíram sob a servidão do anel que portavam e sob o domínio do Um, que era de Sauron. E se tornaram para sempre invisíveis, salvo para aquele que usava o Anel Regente, e entraram no reino das sombras. Os Nazgûl eram eles, os Espectros-do-Anel, os mais terríveis serviçais do Inimigo; a escuridão os acompanhava, e gritavam com as vozes da morte (Tolkien, 2019e, p. 378).

Apesar da fraqueza dos homens no passado, a eles é dada uma nova oportunidade de fazer o bem e dar continuidade à existência da Terra-média quando

os elfos partirem. Aragorn se mostra digno de ser rei por intermédio de seus atos durante a saga do Anel e assim ocorre, com sua coroação em Gondor.

Conforme Stainle (2021), os homens estão relacionados com a história da configuração das três primeiras eras da Terra-média, assim como os elfos, todavia, na condição de mortais, estão fadados à morte e ao esquecimento, a fugacidade da vida. Início, meio e fim são os eventos que permeiam a breve vida dos homens, enquanto aos elfos foi destinada uma cronologia diversa, na qual sua vivência possui a mesma longevidade das coisas que os cercam e sua trajetória só acaba quando acabar a história do mundo.

Magos

Os magos, chamados de *Istari*¹⁶ pelos elfos, apareceram no oeste da Terra-média enquanto as primeiras sombras surgiram em Trevamata. São cinco, nomeados Gandalf, Radagast, Saruman, Alatar e Pallando, enviados para a Terra-média com a missão de impedir o retorno de Sauron.

Saruman costumava visitar mais os homens, Gandalf era mais próximo dos elfos e Radagast era amigo das feras e aves. Enquanto Gandalf (ou *Mithrandir*¹⁷) e Radagast (*Aiwendil*¹⁸) respeitavam e tinham uma relação amigável com o mundo natural, Saruman (*Curunír*¹⁹) foi corrompido pelo mal, destruindo as florestas e enxergando os outros como tolos por recusarem se submeter a Sauron.

Gandalf foi o único que permaneceu fiel à missão, pois Alatar e Pallando, também chamados de “Magos Azuis”, foram para o leste da Terra-média e nunca mais retornaram. Radagast se apaixonou pelos animais e aves e abandonou os demais povos para passar seus dias entre eles.

Saruman, como citado, se deixou seduzir pelo poder, tornando-se orgulhoso e cruel, destruindo o mundo natural e desejando o domínio de tudo, assim como Sauron. É ele quem ordena o desmatamento da floresta de Fangorn, onde vivem os Ents.

¹⁶ Os Magos, são os Maiar que foram enviados de Aman na Terceira Era para resistirem a Sauron.

¹⁷ “O Peregrino Cinzento”, nome em quenya (alto-élfico) de Gandalf (*Olórin*, grande espírito dos Maiar).

¹⁸ “Amante das Aves”, nome em quenya (alto-élfico) de Radagast (*Hrávandil*, “amigo das feras selvagens”, grande espírito dos Maiar).

¹⁹ “Aquele de artifícios astutos”, nome em quenya (alto-élfico) de Saruman (*Tarindor*, *Curumo*, “o de mente elevada/sábia”, grande espírito dos Maiar).

Gandalf une os povos da Terra-média no chamado Conselho de Elrond para combater o poder maligno criado por Sauron, que almeja destruir todas as formas de vida e tomar todo o poder possível para si, com a ajuda de Saruman.

É sabedoria reconhecer a necessidade quando todas as outras rotas foram sopesadas, por muito que pareça loucura àqueles que se apegam à falsa esperança. Bem, que a loucura seja nossa capa, um véu diante dos olhos do Inimigo! Pois ele é muito sábio e pesa todas as coisas com grande precisão na balança de sua malícia. Mas a única medida que conhece é o desejo, o desejo de poder; e assim julga todos os corações. Não penetra em seu coração o pensamento de que alguém o recuse, de que possuindo o Anel nós busquemos destruí-lo. Se buscarmos isso havemos de frustrar seus cálculos (Tolkien, 2019b, p. 384).

Conforme evidencia Stainle (2016), Gandalf domina as línguas faladas pelos povos e animais de toda a Terra-média.

Ele possui um relacionamento afetuoso com os animais, especialmente com Gwaihir, líder das Grandes Águias, e Scadufax, líder dos Mearas, que são uma raça nobre de cavalos pertencente ao reino de Rohan, onde habitam os Rohirrim, senhores-de-cavalos, cujo rei é Théoden. Eles também ajudam nas batalhas contra o poder maléfico de Sauron.

O mago possui profundo conhecimento sobre profecias, canções, tradições, poesias, senhas e charadas, é guardião de inúmeros saberes que seriam humanamente impossíveis de se adquirir, mesmo possuindo idade avançada. Atua como mensageiro e guia, coleta informações e as dispersa com o objetivo de contribuir para a destruição do Anel. Convence Bilbo a passar o Um Anel para Frodo e organiza todos os passos para que este cumpra sua missão de levar o artefato maligno até o Monte da Perdição, em Mordor.

Orques

Os orques possuíam vida e se multiplicavam do mesmo modo dos filhos de Ilúvatar, embora tivessem sido corrompidos por Melkor, a quem serviam por medo, visto que fora o causador de sua miséria. Segundo Barbárvore, em *O Senhor dos Anéis* (Tolkien, 2019c, p. 719), assim como os Trolls foram criados pelo Inimigo na Grande Treva como escárnio dos Ents, os Orques o foram dos Elfos, e este foi o feito mais cruel de Melkor aos olhos de Ilúvatar. Também é dito em *O Silmarillion*:

[...] todos aqueles dos Quendi que caíram nas mãos de Melkor, antes que Utumno fosse destroçada, lá foram postos na prisão e, por lentes artes de crueldade, foram corrompidos e escravizados; e assim Melkor fez surgir a raça hedionda dos Orques, em inveja e zombaria dos Elfos, de quem foram depois os inimigos mais amargos (Tolkien, 2019e, p. 82).

Cruéis, executavam povos, saqueavam seus lares, recolhiam o que encontravam e forneciam em tributo a Sauron, ademais destruíam o mundo natural sem pudor. Existem tipos diferentes de orques, como os gobelins e os uruks, também descritos como grandes e malignos, sendo esses mais fortes e ágeis que os orques comuns. Alguns costumam montar em wargs, que são uma espécie de lobo, mas muito maior e mais feroz.

Ora, os gobelins são cruéis, perversos e de mau coração. Não fabricam coisas bonitas, mas fabricam muitas coisas engenhosas. Conseguem abrir túneis e minas tão bem quanto qualquer um, com exceção dos anões mais habilidosos, quando se dão ao trabalho, embora os seus em geral sejam bagunçados e sujos. Martelos, machados, espadas, adagas, picaretas, tenazes e também instrumentos de tortura eles sabem fazer muito bem, ou forçam outras pessoas a fazer segundo suas ordens, prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrer por falta de ar e luz. Não é improvável que tenham inventado algumas das máquinas que desde então atormentaram o mundo, especialmente os aparelhos engenhosos para matar grande número de pessoas de uma vez, pois engrenagens e motores e explosões sempre os deleitaram, e também a ideia de não trabalhar com as próprias mãos mais do que precisassem; mas naqueles dias e naquelas partes selvagens eles não tinham avançado (como se diz) tanto assim. Não odiavam os anões de modo especial, não mais do que odiavam todo mundo e todas as coisas e, particularmente, a gente ordeira e próspera; em alguns lugares, anões perversos até fizeram alianças com eles (Tolkien, 2019a, p. 88-89).

A máquina pode ser vista como um meio de dominação, sob a perspectiva ecocrítica de Tolkien, se mostra destrutiva, não apenas alterando a paisagem, mas todo o espaço natural e os que nele habitam, trazendo apenas morte, devastação e sofrimento.

Os orques realizam o que lhes é ordenado por Saruman em Isengard, derrubando árvores para alimentar a indústria por ele criada para produzir armamentos e artefatos malignos.

De acordo com Cunha (2019), a amizade entre diferentes povos, cada um com sua cultura e características, nas narrativas de Tolkien, torna-se condição essencial para o desenvolvimento das histórias. Esse legado se faz presente entre todos que se aproximam de sua obra e a acompanham, seja pelo prazer da escrita de suas narrativas, traduzidas em diversos idiomas e pela transposição intersemiótica para

diversos suportes, seja pela ação do intelecto que se volta para entender essa qualidade de sentimento que a sua obra provoca. Por conseguinte, tanto no âmbito de leituras solitárias quanto no de grupo de amigos e estudos acadêmicos, as lições de Tolkien e sua ficção fantástica se fazem analisadas, retomadas e reverenciadas.

A acadêmica destaca a necessidade de estudos mais aprofundados sobre a obra de Tolkien, mediante o apreço que os jovens de nosso milênio revelam por ela. Essa demanda implica o desafio de abordar o respeitado filólogo, reconhecido professor universitário e premiado escritor; investigar as suas concepções filosóficas, que se fazem fulgurar na complexa obra que construiu, entender a importância que suas narrativas ganham, entre outras, na constelação do universo de ficção que compreende o maravilhoso, o fantástico e o *fantasy*.

Segundo Rossi e Stainle (2021), ainda há muito para se investigar no maravilhoso e inesgotável *legendarium* de Tolkien. Desse modo, o presente trabalho visa contribuir com futuras pesquisas e estudos daqueles que se interessam pelas obras do autor, que ultrapassam gerações.

2.3 Árvore Inexplicável

Carol Chiovatto é escritora, tradutora e doutora em Letras com pesquisa sobre a imagem da bruxa enquanto estereótipo do feminino transgressor, pela Universidade de São Paulo. Ela nasceu em Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro, em 1989, mas foi morar em São Paulo com apenas quatro meses, integra o grupo de pesquisa “Nós do Insólito”, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e é considerada uma das vozes mais talentosas da literatura fantástica brasileira contemporânea.

Em seu livro, *Árvore Inexplicável*, lançado em 2022 pela editora Suma, Chiovatto aborda a ecocrítica através da luta da protagonista Diana e seus amigos pela preservação de uma espécie fictícia de macacos chamada abaobi, cujo principal responsável por estudá-los e acompanhá-los é o biólogo Miguel Floresta.

[...] – Sou o responsável por um bando de uma espécie de primatas neotropicais nativa da Mata Atlântica, em perigo crítico de extinção. A gente chama eles de abaobis. Tem trezentos e três indivíduos no mundo,

todos no Brasil. Mas você nunca leu sobre eles e nem vai ler, porque, pra todos os efeitos, não existem. Nem têm nome científico. Eu e outras famílias iguais à minha protegemos esse segredo e, sempre que uma pessoa de fora é informada, todos são notificados. Desde que voltei pra São Paulo, eu decido quem pode saber, na nossa região (Chiovatto, 2022, p. 113).

Depois de passar a madrugada inteira e a manhã do dia seguinte incapaz de pensar em outra coisa, acabei usando meu horário do almoço para procurar “abaobi” no Google. Só encontrei referências a dicionários de tupi, teses de etimologia, sites de vocabulário. Nenhum deles trazia essa palavra; só aquelas que a compunham: *aba* significava “homem”, e *obi*, “azul”, “verde” ou “roxo”. Aparentemente, não havia na língua uma distinção entre essas três cores. Embora a composição por justaposição não dissesse muito, parecia se referir à pelagem azulada dos macacos. E, se os antigos tomavam peixes-boi por sereias, chamar um símio de homem não era difícil (Chiovatto, 2022, p. 122).

Ademais, a autora deixa a crise climática em pauta ao tratar de desastres ambientais no Brasil, como a tragédia do rompimento de barragem em Mariana e os incêndios florestais na Amazônia e no Pantanal.

Em geral, minha preocupação com questões ambientais era meio frágil; ficava revoltada ao ler sobre incêndios criminosos na Amazônia ou no Pantanal, ou notícias sobre o governo cedendo à bancada ruralista. Aí vinha a vida e me atropelava, e eu me esquecia. Só voltava a pensar no assunto quando ressurgia na imprensa (Chiovatto, 2022, p. 34-35).

A autora nos entrega um livro repleto de magia e amor à natureza, no qual mostra a importância do respeito aos animais não humanos, ressalta que eles possuem inteligência e sentimentos próprios e que cada espécie evolui conforme seu ambiente exige, sendo que cada uma é única e especial, ou seja, o ser humano não é o auge da evolução.

Árvore Inexplicável é uma fantasia urbana e científica, repleta de mistérios, aventura, amizade e romance, que traz uma instigante aventura e coloca em foco a crise climática, a importância da pesquisa em nosso país, o zelo pelos animais e a preservação da natureza como sendo essenciais para a saúde e sobrevivência humanas. Ademais, uma exploração científica antiética em espécies com perigo de extinção é retratada, realizada em laboratórios clandestinos, refletindo a realidade em uma escrita envolvente e sensível. São temáticas contemporâneas importantes, bem abordadas por Chiovatto, que eleva o nível da fantasia brasileira e explora, inclusive, o ecossistema do Brasil.

A narrativa é cativante e um ponto alto é a forma como a magia é abordada, de forma sutil, o que traz verossimilhança aos contextos em que é utilizada pelas personagens para protegerem o meio ambiente, sua fauna e flora.

Árvore Inexplicável e *O Senhor dos Anéis* pertencem a categorias distintas de fantasia. A primeira consiste em uma fantasia intrusiva, com elementos fantasiosos presentes em nosso mundo primário; já a segunda se enquadra no conceito de fantasia imersiva, ambientada totalmente em um universo imaginário coerente e distinto do nosso, ambas envolvem ecologia, por isso denominam-se também ecológicas.

A obra é dividida em três partes, cada qual com ilustrações de animais que possuem importante papel no desenvolvimento da história, como as aranhas-do-fio-de-ouro, os abaobis, bem-te-vis e formigas, e mostra a rotina da protagonista Diana, que vive uma rotina similar a de muitos brasileiros, conciliando trabalho e estudos, pegando ônibus e metrô, mal tendo tempo para se dedicar a algum momento de lazer.

A vida *tinha* de ser mais do que um emprego meia-boca, trânsito, cansaço, choro no banho e contas a pagar. Embora o mistério não passasse de uma distração, ao menos investigá-lo me levaria a caminhar por lugares verdes da cidade cinza e a respirar um ar um pouco menos poluído (Chiovatto, 2022, p. 19).

Durante seus trajetos diários, ela se depara com uma poderosa magia, uma névoa colorida próxima a árvores, perto de teias de aranhas. Um fenômeno que primeiramente se mostra perceptível apenas para ela.

Nem sempre a misteriosa névoa brilhante aparecia perto de teias, embora geralmente sim. Às vezes, surgia em meio às folhagens de uma árvore ou num tronco coberto por líquens. De vez em quando, não era nem uma névoa colorida, mas uma espécie de embaçamento no ar, como quando o asfalto está quente demais e vemos gases transparentes por causa da distorção que causam na vista (Chiovatto, 2022, p. 19).

No entanto, em uma noite na Universidade de São Paulo, onde está para finalizar o curso de história, Diana nota que um rapaz também parece observar o fenômeno, que ocorre em uma árvore próxima à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH).

Somente após Diana começar a tomar remédios receitados por uma psiquiatra, por achar que está perdendo sua sanidade mental, visto que presencia os

fenômenos desde muito jovem, seu melhor amigo, Tiago, decide revelar o que está por trás desse mistério.

Ele conta que, assim como seu irmão Miguel (biólogo especialista em aracnologia, que é quem parece perceber o fenômeno na noite em que a protagonista também o presencia na USP), também consegue ver as névoas brilhantes que ocorrem nas teias da espécie aranha-do-fio-de-ouro, em árvores centenárias.

Os irmãos, de sobrenome Floresta, participam de um grupo de pesquisa que preza pela proteção dos abaobis, uma espécie fictícia de primatas com capacidade de autocura, que se torna possível ao se alimentarem das aranhas-do-fio-de-ouro, cujo alimento é justamente a energia que Diana enxerga. É justamente essa energia que detém um poder de cura de ferimentos e doenças.

[...] As árvores transbordantes são importantes pra espécie por vários fatores: as aranhas marcadas constituem uma parte importante da dieta dos abaobis, e, quando eles estão com resquícios de uma no organismo e a energia excedente verte, se curam de ferimentos e doenças. Não imagino como. Além disso, quando estão na árvore eleita, não ficam visíveis a humanos comuns. Quando a figueira do Burle Marx que você chama de árvore *inexplicável* transborda, ficam agitados, porque ela faz todas as outras transbordarem (Chiovatto, 2022, p. 114).

As descrições de paisagens presentes no livro são ricas e fazem com que o leitor se insira no cotidiano de Diana, acompanhando-a em seu trajeto exaustivo entre Guarulhos, onde vive com a família, e São Paulo, onde trabalha e estuda.

Após concluir o curso de história na USP, Diana vai morar sozinha em São Paulo, onde se passa majoritariamente a narrativa, pois seus pais não possuem um relacionamento saudável. Contudo, ela conta com o apoio de sua irmã, Natália, que passa no vestibular de medicina veterinária da mesma universidade.

A reação de Nati havia sido melhor do que eu esperava, mas ela era minha irmãzinha, minha companheira de todas as horas. Minha mãe sempre contava — e eu até me lembra de lampejos — que, durante a infância, eu sofria muito com dor de garganta e ficava de cama. Ela não queria deixar Natália comigo, embora fôssemos grudadas, porque minha irmã era só um bebê. Mas a questão é que Nati se enrolava em mim feito um gatinho, e chegava a ter febre e chorava sem parar se a minha mãe a tirasse de perto (Chiovatto, 2022, p. 56).

A árvore inexplicável responsável pelo título da obra é real e está localizada na Praça Burle Marx, dentro do Parque Ibirapuera em São Paulo, conhecida como a

figueira do Burle Marx, que foi o paisagista do parque e utilizou uma técnica de “plantar” galhos maiores para virarem troncos. No enredo, quando ela transborda, faz com que todas as outras árvores transbordem, ou seja, gerem energia para alimentar as aranhas, que por sua vez alimentam os abaobis.

Eu só vira o fenômeno mais de uma vez no Parque Ibirapuera, numa árvore que mais parecia um portal druida para um conto de fadas. Na verdade, não sabia se era só uma árvore ou várias interligadas. Havia um tronco central, espalhando galhos em todas as direções. Dos mais grossinhos entre estes, vinham sete ou oito árvores, ao redor daquela principal, decerto mais velha. Não parecia haver uma delimitação entre os galhos de uma e os troncos das outras; formavam um absurdo contínuo (Chiovatto, 2022, p. 19).

Há diversos locais da capital paulista descritos na obra, como a Universidade de São Paulo, os parques Ibirapuera e Trianon, o laguinho de Interlagos e o zoológico da cidade. Os Institutos Butantan e Adolfo Lutz também são mencionados. Na cidade de Guarulhos, pertencente à Grande São Paulo, aparecem o Bosque Maia e o Hospital Padre Bento.

Chiovatto aborda também o contexto da pandemia na história, ela retrata os sentimentos de incerteza que as pessoas vivenciaram durante esse período, no qual os parques onde a protagonista Diana costuma ver os transbordamentos de árvores foram fechados para o público, a fim de conter aglomerações. Além disso, o cenário pandêmico impacta diretamente na relação entre as personagens, que precisam usar máscaras, mantendo o isolamento e distanciamento social. “O alerta de mensagem me fez parar na esquina do Trianon, perto do portãozinho da Alameda Jaú, cuja existência quase ninguém conhece porque está sempre trancado. Ainda mais durante a pandemia, com todos os parques da cidade fechados” (Chiovatto, 2022, p. 97-98).

Com as ruas da cidade de São Paulo mais vazias, os amigos veem isso como uma vantagem perante seus perseguidores, por facilitar sua identificação, caso começem a segui-los. No entanto, Diana acaba sendo capturada pelos antagonistas e passa por diversos testes neurológicos forçados, sendo torturada em um local de experimentos antiéticos, situado em um laranjal na cidade de Botucatu, no interior do estado de São Paulo. A trama passa por várias reviravoltas entre relacionamentos e perigos, até o desfecho final com a vitória de Diana e seus amigos.

A importância da pesquisa científica também vem à tona durante os acontecimentos da história, temática extremamente necessária, principalmente na atualidade, em que há cada vez menos respaldo ao trabalho dos pesquisadores.

[...] Tem uma espécie altamente inteligente, com uma capacidade regenerativa só vista em invertebrados, demonstrando uma *cultura*, e você vem me dizer que ela precisa ficar escondida nesse raio de país. Enquanto ninguém sabia, Ok. Agora que tem gente antiética na jogada? Vocês têm obrigação moral de angariar apoio de quem vai se importar em fazer alguma coisa. Cientistas. Pesquisadores de verdade, não essa laia vendida. Professores universitários, a galera dos centros de pesquisa. O povo que tira dinheiro do bolso pra pagar conserto de janela enquanto a verba pública tá empacada [...] (Chiovatto, 2022, p. 252).

Miguel faz uma reflexão sobre a pesquisa, em que tudo se inicia com a ponta de um iceberg, mas depois há um continente embaixo a ser explorado. O incessante trabalho de pesquisadores em busca de soluções é exaltado e deve cada vez mais ser valorizado, em nosso mundo primário foi necessário acontecer uma pandemia para evidenciar isso, todavia os recursos que deveriam ser destinados para fins acadêmicos e científicos seguem escassos.

O principal antagonista em *Árvore Inexplicável* é Luciano, um médico neurologista antiético que chefia as pesquisas ilegais e torturantes em pessoas e animais, realizadas em um laranjal localizado na cidade de Botucatu, São Paulo, e financiadas por um deputado ganancioso do alto escalão do cenário político brasileiro. “– Esse é aquele cretino que propôs o projeto de lei pra reduzir as áreas de reserva ambiental em mais de cinquenta por cento – lembrei na hora. – Se a gente não tivesse com pressa, eu ia lá acabar com o investimento dele” (Chiovatto, 2022, p. 278).

Outros personagens que possuem destaque na narrativa são os irmãos Shimura, Yoko (namorada de Tiago, melhor amigo de Diana) e Tadashi, e Mayara, melhor amiga da Diana, que conclui o curso de medicina veterinária na USP e trabalha no zoológico de São Paulo, onde cuida dos primatas neotropicais e é fascinada pela sua racionalidade. Ela destaca a variedade das mentes animais na história, sua capacidade de sentir, suas emoções. “Pensei no Chico, o bugio que havia feito Mayara se desencantar com o trabalho no zoológico. Animais selvagens não nasceram para permanecer confinados, não importava o quanto os espaços fossem bem planejados” (Chiovatto, 2022, p. 140).

A zooliteratura de *Árvore Inexplicável* é rica e possibilita seu aprofundamento em análises zoopoéticas, conforme conceito definido no primeiro capítulo, que estão contidas na seção “Animais não humanos” do capítulo final. O abaobi Sabido, que acompanha os protagonistas desde o início, ganha o coração do leitor.

Presumi que conversavam sobre os bugios vitimados pela febre amarela após o crime ambiental de Mariana. Provavelmente Miguel estava lendo a respeito e alguma figura chamara a atenção de Sabido. Era impressionante o abaobi ver uma imagem numa tela e entender que se tratava de uma representação; eu achava que só os grandes primatas fossem capazes disso (Chiovatto, 2022, p. 179).

Sabido possui forte conexão com Miguel, eles se compreendem e se ajudam durante a jornada para proteger os demais abaobis, o que demonstra a grande cumplicidade e amizade existente entre eles. Assim como ocorre com diversas pessoas em todo o mundo, a conexão que é possível se estabelecer entre animais humanos e não humanos transcende quaisquer explicações, apenas quem já foi amado por um animal pode entender a forma mais nobre de pureza desse sentimento, há muito mais a aprender com eles do que se imagina.

Quando se nota a destruição do habitat de seres inocentes pelo homem deve-se saber que é ele o mais prejudicado, pois acaba colocando a sua própria espécie em risco, ocasionando consequências catastróficas para as futuras gerações.

E, entretanto, fazíamos isso todos os dias, não? Ler notícias ruins, nos sensibilizar um momento e seguir em frente. Para cuidar da saúde mental, era preciso boa dose de desapego. Acaso para nos afetarmos de verdade com uma tragédia, ela tinha de nos tocar diretamente? Deveríamos ter um interesse pessoal no assunto? Me senti egoísta (Chiovatto, 2022, p. 137).

A chácara em Parelheiros serve de refúgio para Diana e seus amigos, que enfrentam perseguições angustiantes durante a história, pois um grupo de cientistas liderado pelo médico neurologista Luciano deseja realizar experiências ilegais com os abaobis, almejando adquirir seu poder de cura para os humanos. Eles levam os primatas para a chácara, onde se sentem livres e seguros, lugar que se enquadra no conceito de topofilia, descrito no primeiro capítulo e retomado nas análises da seção “Paisagens topofílicas”, do capítulo a seguir.

Na obra também há uma reflexão sobre os incêndios criminosos na Amazônia e no Pantanal, além do desastre ambiental do rompimento da barragem na cidade de Mariana, ocorrido em 2015. Cenários de degradações ambientais sem

precedentes no Brasil, com impactos irreparáveis para a flora, fauna e população, o que os categorizam como apocalípticos para a ecocrítica, cujas análises são feitas explorando o conceito de topofobia, apresentado no primeiro capítulo, que remete ao medo e à aversão que um determinado ambiente proporciona. Essas análises também se encontram no terceiro e último capítulo, na seção “Paisagens topofóbicas”.

As comparações entre *Árvore Inexplicável* e *O Senhor dos Anéis* são feitas nessas três seções, através de uma perspectiva ecocrítica, demonstrando a contribuição das literaturas de fantasia para a sociedade ao abordarem importantes questões ecológicas.

3. O SENHOR DOS ANÉIS E ÁRVORE INEXPLICÁVEL ATRAVÉS DE UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA

3.1 Animais não humanos

Aracnídeos

As aranhas estão presentes nas obras de Tolkien e Chiovatto de distintas maneiras. São disforizadas em *O Senhor dos Anéis*, através da personagem Laracna, e euforizadas em *Árvore Inexplicável*, por meio das aranhas-do-fio-de-ouro.

Conforme Chiovatto (2022), aquela que disforiza ou euforiza está relacionada à dimensão social do estereótipo, sendo que um mesmo grupo pode ser valorizado ou desvalorizado, dependendo do contexto em que está inserido.

As aranhas são usualmente disforizadas pelas obras literárias, ou seja, desvalorizadas e atreladas à malignidade, o que reflete a sua imagem perante a sociedade, que geralmente as associa a termos negativos, como repugnância e medo. Entretanto, elas são espécies que possuem um importante papel na cadeia alimentar, pois alimentam-se de insetos e pequenos animais, além de serem alimento para animais maiores, fato que pode ser observado em *Árvore Inexplicável*.

A aranha Laracna, a Grande, última filha de Ungoliant²⁰ a assolar o mundo, era uma enorme aranha que vivia faminta à espreita em seu covil localizado na estrada perigosa das Emyn Muil, no Vale Morgul. Sauron sabia onde ela estava e agradava-lhe que ela ali habitasse, com sua fúria e fome, e não se importava se ela necessitasse saciar seu apetite com os orques, pois ele tinha escravos em profusão.

Era bem semelhante a uma aranha, porém mais enorme que as grandes feras caçadoras e mais terrível que elas por causa do propósito maligno em seus olhos implacáveis. Os mesmos olhos que ele crera estarem assustados e vencidos, ali estavam eles, outra vez iluminados com luz cruel, agrupados em sua cabeça estendida. Tinha grandes chifres e por trás do pescoço curto que parecia uma haste estava o imenso corpo inchado, um vasto saco intumescido, balançando e bambeando entre as

²⁰ Aranha gigante e maligna que se une a Melkor para destruir Valinor, sendo a cruel devoradora das árvores Telperion e Laurelin, que iluminavam a cidade onde residiam os Valar.

pernas; seu grande volume era negro, borrado de marcas lívidas, mas o ventre embaixo era pálido e luminoso, e emitia fedor. As pernas eram arqueadas, com grandes juntas salientes altas sobre o lombo dela e pelos que se eriçavam como espinhos de aço, e na extremidade de cada perna havia uma garra (Tolkien, 2019c, p. 1033).

Sam a descreve como a criatura mais detestável e horrível que jamais contemplara. Após ficar preso com Frodo em seu covil, uma armadilha arquitetada por Gollum, ele se enche de coragem e a enfrenta, até que consegue enfiar sua espada de lâmina-élfica de Frodo no ventre de Laracna, que nunca conhecera tal angústia e nem imaginara que a fosse conhecer, em todos os seus anos em um mundo de crueldade.

Em oposição, as aranhas-do-fio-de-ouro possuem um papel importantíssimo para o bem na narrativa de Chiovatto, pois são elas que consomem a energia liberada pelos transbordamentos das árvores e, posteriormente, servem de alimento para os abaobis, ajudando em seu processo de cura e na preservação dessa espécie.

[...] As aranhas-do-fio-de-ouro, como algumas outras espécies, têm uma capacidade de... Não tenho um termo bom para isso. Elas se sentem atraídas pra lugares específicos onde existe um tipo de energia em abundância. Essa energia não é acessível pra gente, mas essas aranhas... É como se elas rompessem alguma coisa no... no tecido da materialidade, por assim dizer. [...] (Chiovatto, 2022, p. 110).

Elas são objeto de estudo de Miguel Floresta, que é par romântico da protagonista Diana, ele é biólogo especialista em aracnídeos.

Ele deixou o abrigo da folhagem e cruzou o mato de volta para a trilha concretada. Dessa vez, quando pousou a mochila em outro banco se aproximou de novas teias para continuar o trabalho, limpei as mãos os antebraços com álcool, além da tela do celular onde ele havia tocado, e passei a pegar os recipientes vazios e lhe entregar. E, enquanto Miguel guardava as aranhas, eu destruía as teias com um graveto comprido para, em seguida, ele apagar os resquícios com o isqueiro. Respeitamos o distanciamento social ao longo da curiosa atividade, o que só tornava aquela experiência ainda mais surreal (Chiovatto, 2022, p. 105).

São dadas como recompensa aos abaobis por seu bom comportamento, suprindo suas necessidades e fazendo com que sobrevivam.

Miguel estuda a relação entre eles e a ligação entre as aranhas e as névoas geradas nas árvores. Entendendo melhor as aranhas, ele também comprehende melhor os abaobis.

Aves

As aves também possuem destaque em ambos os livros, visto que seu papel é fundamental para que os protagonistas das narrativas consigam concluir suas missões de forma vitoriosa.

Gwaihir, o Senhor-dos-Ventos, mais veloz das Grandes Águias, salva Gandalf de Orthanc, a fortaleza de Saruman. Eles possuem um forte vínculo, sendo que Gandalf consegue obter através dele mais informações das estratégias do Inimigo.

Assim foi que, minguando o verão, veio uma noite de luar, e Gwaihir, Senhor-dos-Ventos, mais veloz das Grandes Águias, chegou a Orthanc inesperado; e me encontrou de pé no pináculo. Então falei-lhe e ele me levou embora antes que Saruman se desse conta. Eu estava longe de Isengard antes que os lobos e orques saíssem pelo portão em meu encalço (Tolkien, 2019b, p. 374).

[...] “aquele era Gwaihir, o Senhor-dos-Ventos, que me resgatou de Orthanc. Mandei-o à minha frente para vigiar o Rio e reunir novas. Sua visão é aguçada, mas ele não consegue ver tudo o que passa sob colina e árvore. Algumas coisas ele viu, e outras eu mesmo vi. Agora o Anel passou para além de meu auxílio, ou do auxílio de qualquer membro da Comitiva que partiu de Valfenda. Quase foi revelado ao Inimigo, mas escapou. Tive algum papel nisso, pois estive sentado em um lugar alto e porfiei com a Torre Sombria; e a Sombra passou. Então fiquei cansado, muito cansado; e por longo tempo caminhei em sombrio pensamento” (Tolkien, 2019c, p. 731).

Figura 5 – *Bilbo woke up with the early sun in his eyes*²¹, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-hobbit/>, 2024.

²¹ Bilbo acordou com o sol do começo da manhã em seus olhos.

Esse transporte de informações é feito também pelos pássaros em *Árvore Inexplicável*.

As araras agitam-se quando caminhões da prefeitura jogam lixo no laguinho em Interlagos, fato que revolta as personagens.

O laguinho não devia ser tão grande — era conhecido no diminutivo pelos moradores, afinal —, o que tornava a ideia de usá-lo como aterro mais absurda ainda. E pensar nisso não me fazia odiar a minha vida; me dava certo senso de propósito. Imaginei araras sobrevoando a casa, pousando na janela e informando Tiago sobre uma operação secreta da prefeitura para assorear o lago (Chiovatto, 2022, p. 35-36).

Essas araras são da espécie arara-canindé e seu berro é sinal de alerta no enredo, avisando as personagens que algum problema está ocorrendo.

Gandalf é salvo mais uma vez por Gwaihir em *O Senhor dos Anéis*, a primeira em Orthanc, conforme mencionada, e a segunda após conseguir derrotar um Balrog²² de Morgoth em Moria, no alto de Celebdil. O Senhor-dos-Ventos o encontra, ergue e leva consigo. ““Eu te carregaria”, respondeu Gwaihir, “aonde quisesses, mesmo que fosses feito de pedra.”” (Tolkien, 2019d, p. 1359)

Além disso, as águias ajudam a combater os Nazgûl na batalha no Campo de Cormallen e resgatam Frodo e Sam no Monte da Perdição.

E foi assim que Gwaihir os viu com seus olhos penetrantes e de visão longínqua, enquanto descia pelo vento impetuoso e rodopiava no ar enfrentando o grande perigo dos céus: dois pequenos vultos escuros, desamparados, de mãos dadas em um pequeno morro, enquanto o mundo estremecia embaixo deles e arfava, e rios de fogo se aproximavam. E no momento em que os divisou e desceu em mergulho ele os viu caindo, exaustos ou sufocados pelos vapores e pelo calor, ou finalmente abatidos pelo desespero, protegendo os olhos deles da morte (Tolkien, 2019d, p. 1361).

Com a ajuda das águias, os hobbits são resgatados e sobrevivem à difícil missão que lhes foi destinada, destruindo Sauron e salvando a Terra-média.

Os amigos de Diana não conseguiram encontrá-la sem a ajuda dos pássaros em *Árvore Inexplicável*.

Ela se encontra presa em um laranjal em Botucatu junto com Sabido e Yoko, que elabora um plano chamado “migalhas”, no qual espalha migalhas de pão pelos

²² Ser diabólico repleto de trevas e fogo, também chamado de “A Ruína de Durin”.

campos de laranjais, atraindo muitas aves e chamando a atenção para o local, fato que é noticiado pela imprensa e, por meio disso, leva os amigos até lá para salvá-los.

— Amaro, metade das aves de Botucatu tá rondando um laranjal. Captei referências a pão, mas tá difícil ter certeza nessa algazarra. Nunca tinha visto nada parecido... Acho difícil ser coincidência. Meu pai olhou para mim. *Pão*. Uma literal trilha de migalhas (Chiovatto, 2022, p. 258).

Os pássaros, entre eles espécies como pardais, quero-queros e sabiás, novamente auxiliam com o transporte de informações que faz com que as personagens sejam salvas.

— Se a gente sai em carreata debaixo do nariz deles, vão avisar o povo que tá no esconderijo, e daí vão perceber que recebemos a mensagem dos pássaros no laranjal e fugir antes de dar tempo de chegar lá — falei, levantando-me com um feixe nos braços. — Vai na frente. Avisa em casa (Chiovatto, 2022, p. 260).

Os bem-te-vis do Ibirapuera também merecem destaque, pois seu canto alongado faz com que Diana consiga ter uma ideia de sua localização e ela consegue fugir até o parque.

Isso se torna possível, pois como a própria Diana menciona, o canto dos pássaros não é escutado em qualquer região da cidade, que em sua maioria é formada por prédios e que deveria conter um número maior de localidades arborizadas.

[...] Estaria eu tão perto? Havia os parques a considerar. Os mais centrais não abrigariam aquela sinfonia tagarela; a poluição não os convidaria a aparecer no horário de pico, quando tudo ficava pior. A exceção talvez fossem os bem-te-vis do Ibirapuera. E seu canto alongado, tão conhecido, integrava o coro. *Bem-te-viiiiii, bem-te-viiiiii...* (Chiovatto, 2022, p. 291).

No momento do clímax e desfecho da obra, Diana percebe que possui poderes mágicos e trava uma luta contra o maligno Luciano, derrotando a ele e seus capangas. Tiago é quem descreve o momento na obra:

Diana parou a um palmo de Luciano, assustado com a erupção. Impávida, empurrou-o com força e ele se desequilibrou e caiu no chão, aos tropeços. Tanto quanto bastou para o exército de formigas ganhar terreno sobre seu corpo, vencer seus tapas alucinados no ar e fechar o cerco. Elas cobriram-no com voracidade, tomando sua forma e reduzindo-a. Fechei os olhos,

torcendo o nariz. Levou bem mais tempo do que a cena famosa com os escaravelhos de *A Múmia*, mas em essência estava caminhando para acabar bem parecido (Chiovatto, 2022, p. 305).

Capaz de controlar as árvores, fez com que as raízes os puxassem para baixo, afundando-os na terra, onde havia túneis ocos das formigas, que haviam desabado. Desse modo, os amigos conseguem obter a vitória e prosseguem sua dedicação à pesquisa em prol da preservação dos abaobis e seu mundo natural.

Mamíferos

Os mamíferos têm grande importância e são reconhecidos como companheiros leais, indispensáveis para que seja possível completar a jornada de luta pela preservação da natureza, tanto na Terra-média, especialmente com os cavalos e pôneis, quanto em São Paulo, com os abaobis.

Tom Bombadil ajudou os hobbits Frodo e Sam a libertarem Merry e Pippin do Velho Salgueiro na Floresta Velha, conversando com ele. Costumava cantarolar e estar bem-humorado, hospedou os quatro hobbits em sua casa, junto de sua esposa Fruta d'Ouro. Os dois são descritos do seguinte modo pelos hobbits:

Fosse como fosse, era grande e pesado demais para ser um hobbit, porém não alto o bastante para ser do Povo Grande, se bem que fazia barulho suficiente para ser um, pisoteando com grandes botas amarelas nas pernas grossas e irrompendo pelo capim e pelos juncos como uma vaca descendo para beber Tinha um casaco azul e uma longa barba castanha; os olhos eram azuis e brilhantes, e o rosto era vermelho como uma maçã madura, mas sulcada por uma centena de rugas de riso. Nas mãos ele levava, sobre uma grande folha, como se fosse uma bandeja, um montículo de nenúfares brancos (Tolkien, 2019b, p. 192-193).

Seus longos cabelos amarelos lhe desciam ondulados pelos ombros; seu vestido era verde, verde como juncos jovens, pontilhado de prata como contas de orvalho; e seu cinto era de ouro, em forma de uma corrente de lírios guarnevida de olhos azuis-claros de miosótis. Ao redor de seus pés, em amplos vasos de cerâmica verde e marrom, flutuavam nenúfares brancos, de forma que ela parecia entronizada no meio de uma lagoa (Tolkien, 2019b, p. 197).

Fruta revela que Tom é “Senhor das florestas, das águas e das colinas”, ele cuida do mundo natural que os cerca, possui vasto conhecimento do universo em que habita. O “Senhor” de Tom o coloca como mestre da natureza, ele preza por sua conservação e não destruição, opondo-se ao “Senhor” que se refere a Sauron, cuja intenção é dominar os povos livres da Terra-média.

Tom Bombadil é o único que não é afetado pelo Anel de Sauron ao colocá-lo, não se sente nem mesmo tentado a usá-lo e tampouco tem medo do objeto, sendo considerado um verdadeiro enigma para os leitores, visto que Tolkien não deixou uma resposta precisa ou mesmo pistas sobre o motivo deste acontecimento.

Ele possui um pônei chamado Parrudinho, que o acompanha auxiliando os hobbits no início da jornada:

Amigo de quatro patas; quase nunca o monto, sai vagando por aí, livre nas colinas. Os seus pôneis em minha casa conheceram Parrudinho; farejaram-no de noite, correram ao seu encontro. Pensei que os buscarias com palavras sábias lhes tiraria o medo. Mas agora, Parrudinho, Tom vai cavalgar. Ei! Ele vem com vocês para pô-los na estrada; para isso usa o pônei. Pois não é fácil falar com hobbits que cavalam quando se está a pé, trotando ao lado deles (Tolkien, 2019b, p. 225).

Observa-se que Parrudinho é considerado um amigo por Tom e não apenas um animal de carga. O zelo pelos animais não humanos, que são vistos como companheiros e não servos na obra Tolkien, fica evidenciado em diversos momentos da história.

Scadufax é o cavalo de Gandalf, concedido a ele pelo rei Théoden de Rohan, descrito como o melhor daquela terra, a mais preciosa de todas as montarias do rei, o chefe dos Mearas, o antepassado de sua raça sabia a fala dos Homens.

O mago afirma que ele pode ter nascido na manhã do mundo, é incansável e veloz como o vento, nem mesmo os cavalos dos nove Nazgûl são páreos para ele.

Scadufax o chamaram. De dia seu pelo reluz como prata; e à noite é como uma sombra, e ele passa sem ser visto. Leve é sua pisada! Nunca antes homem nenhum o montara, mas eu o levei e domei, e tão depressa ele me carregou que alcancei o Condado quando Frodo estava nas Colinas-dos-túmulos, apesar de ter partido de Rohan só quando ele partiu da Vila-dos-Hobbits (Tolkien, 2019b, p. 376).

Assim que Scadufax vê Gandalf relincha alto e inclina sua cabeça, ao aconchegar as narinas no mago, que o acaricia, demonstrando seu carinho ao chamá-lo de amigo e desejar que não se separem mais.

O vínculo entre eles é demasiado forte, sendo visível para os que estão ao seu redor que o apreço que Gandalf possui por Scadufax é superior ao que possui por muitos homens. Conforme o hobbit Pippin sugere:

Mas Gandalf, Mithrandir como o chamais, me pediu para ver o seu cavalo – Scadufax, uma grande montaria de Rohan e a menina dos olhos do rei, ao que me dizem, apesar de ele o ter dado a Mithrandir por seus serviços. Acho que o novo dono gosta mais do animal do que de muitos homens e, se a boa vontade dele valer de algo para esta cidade, tratareis Scadufax com toda a honra: com maior bondade do que tratastes este hobbit, se é que isso é possível (Tolkien, 2019d, p. 1108-1109).

Bill, o pônei de Samwise Gamgi, é um animal que quase sabe falar, de acordo com o próprio Sam. Ele acompanha a Comitiva do Anel até as minas de Moria, sob os cuidados de Sam, porém Gandalf não aconselha sua entrada nas minas. ““Mas não pode deixar o pobre velho Bill para trás neste lugar abandonado, Sr. Gandalf!”, exclamou Sam, irado e perturbado. “Não vou admitir isso e está falado. Depois de ele chegar até aqui e tudo o mais!”” (Tolkien, 2019b, p. 429).

Gandalf põe a mão na cabeça de Bill e, como uma bênção, diz para o pônei partir e levar consigo palavras de proteção e guia, afirmindo que ele é um animal sábio e aprendeu muita coisa em Valfenda, o lar dos elfos. “Ache o caminho para lugares onde possa encontrar capim e chegue por fim à casa de Elrond, ou aonde quer que deseje ir” (Tolkien, 2019b, p. 430).

Após a vitória dos povos livres na Guerra do Anel, Sam reencontra Bill em Bri, próxima à Vila-dos-Hobbits, considerando-se sortudo, vai emocionado encontrar o fiel amigo em sua baia. Os dois partem juntos e contentes.

Na terceira seção do presente capítulo, “Paisagens topofóbicas”, Frodo tem uma visão da terra dos Beorings em chamas. Os Beorings são homens valentes que detêm a habilidade de assumir a forma de ursos, eles vivem próximos do Vau da Carrocha, entre as Montanhas Nevoentas e Trevamata, são protetores dos seres que habitam aquela região, defendendo-os dos orques.

Beorn é o líder desse povo que, embora não seja aprofundado em *O Senhor dos Anéis*, possui um importante papel no livro que o precede, *O Hobbit*, em que Beorn hospeda treze anões em sua residência, demonstrando preocupação pela preservação do espaço natural e de suas espécies, que era cada vez mais devastado pelos orques e demais servos malignos.

Ainda sobre os mamíferos presentes com destaque na obra, sobressaem-se também os Olifantes ou Mûmaks, que são descritos por Sam em uma poesia como criaturas grandes, cinzentas, muito antigas, com o focinho em forma de cobra e enormes orelhas. Ele consegue avistá-los no caminho para Mordor, junto de Frodo e

Gollum, em uma batalha entre os homens de Gondor e de Harad, estes serviscais cruéis de Sauron.

Para seu espanto, terror e deleite perene, Sam viu um vulto vasto sair chocando-se com as árvores e vir em carreira encosta abaixo. Grande como uma casa, muito maior que uma casa lhe pareceu, uma colina movente envolta em cinza. O medo e o pasmo, quem sabe, o aumentaram aos olhos do hobbit, mas o Mûmak de Harad era de fato um animal de vasto volume, e agora seus semelhantes já não caminham na Terra-média; seus parentes que ainda vivem nos dias posteriores são somente lembranças de sua grandeza e majestade (Tolkien, 2019c, p. 948-949).

Sam observa ainda que as pernas dos olifantes são grandes feito árvores, os olhos pequenos e vermelhos, as presas se assemelham a chifres e os guerreiros de Harad, os Haradrim, jaziam sobre o seu lombo, fazendo dele uma torre de guerra.

Em *Árvore Inexplicável*, os amigos de Diana a auxiliaram na proteção dos abaobis durante sua jornada, macacos de pelagem azul que possuem a habilidade de se curar. Os irmãos Floresta são responsáveis por eles e contam com a ajuda secreta de pesquisadores em todo o Brasil. Na história, sua espécie de primatas neotropicais é nativa da Mata Atlântica e se encontra em perigo crítico de extinção. “Seria uma área ótima pra sempre, se não fossem as construtoras tentando espremer a Mata Atlântica ou cercar ela em empreendimentos imobiliários supostamente sustentáveis” (Chiovatto, 2022, p. 138).

O abaobi Sabido possui destaque por acompanhar desde o início o grupo de amigos na perigosa aventura:

Sabido pulou para o chão e correu pelo gramado até uma área florestada. Na luz matutina, sua pelagem se revelou de um cinza azulado mais vivo do que eu me lembrava. Nunca reconheci muitas plantas, mas avistei alguns ipês, um pau-brasil e uma jaboticabeira de uns quatro metros, dando fruto mesmo no mês errado. Sabido a escalou com agilidade tanto nas pernas e braços quanto na cauda comprida, e desapareceu entre as folhagens do pau-brasil. Um joão-de-barro dava pulinhos ao longo de um galho fino demais para possibilitar a circulação dos abaobis (Chiovatto, 2022, p. 172).

Outros dois abaobis merecem ser citados, são eles Dengoso, líder dos abaobis, que se sacrifica combatendo aqueles que desejavam destruir sua família, e Gulosa, a fêmea dominante, que é escolhida como a nova líder da espécie e escolhe uma nova árvore-moradia nova para que os macaquinhas possam viver em segurança.

Entre os bugios do zoológico de São Paulo, onde trabalha Mayara, há ênfase em Chico, que foi resgatado de seu habitat natural em Mariana, cidade no estado de Minas Gerais, e levado para lá. Após a tragédia ocasionada pelo rompimento da barragem pertencente a uma mineradora, considerada um dos maiores desastres ambientais do Brasil, com animais humanos e não humanos mortos e uma imensa devastação à natureza local, muitos animais não humanos foram resgatados e tiveram que se adaptar em outros locais.

Havia um novo bando de bugios no zoológico, formado com alguns indivíduos resgatados da área arrasada pelo rompimento da barragem de Mariana. O recente aumento nas taxas de febre amarela se deve à proliferação do mosquito transmissor, após a destruição de boa parte de seus predadores naturais, como peixes e sapos do rio assassinado. Os bugios eram bastante vulneráveis à doença, e os moradores das regiões onde eles habitavam tendiam a matá-los, achando que estes aumentavam a probabilidade de contágio (Chiovatto, 2022, p. 61).

Entretanto, para Chico essa readaptação não foi possível, por maiores que fossem os esforços dos biólogos no zoológico, especialmente Mayara, em zelar pelo seu bem-estar. Infelizmente, ele acaba falecendo com depressão.

[...] Por exemplo, o Chico, o bugio resgatado, tá com depressão. *Depressão*. Falam disso como uma doença humana, como se ficar triste devido aos hormônios ou a condições adversas fosse uma coisa exclusiva da nossa complexidade psicológica. Não é. O Chico interpretou o viveiro no zoológico diferente dos bugios que nasceram lá, ou de outros animais resgatados. Quando olho bem nos olhos de cada um, identifico alguma coisa lá dentro... senão uma alma no sentido religioso, ao menos uma consciência, uma individualidade. Uma forma de vida não *mais* ou *menos* evoluída do que a nossa nem *mais* ou *menos* complexa, só diferente e sem a possibilidade de intercomunicação (Chiovatto, 2022, p. 63).

A zoopoética analisa que os animais não humanos possuem sentimentos e são capazes de demonstrar suas emoções. Em um dos momentos mais tocantes da zooliteratura brasileira, tal como o da morte da cachorra Baleia em *Vidas Secas*, de Gaciliano Ramos, Carol Chiovatto descreve, através de Mayara, que Chico começa a se automutilar e mal come direito.

— E como tá o Chico, May? — indaguei, afinal. Escolha errada. A expressão dela se fechou na hora, perdendo todo o brilho. Murmurei um pedido de desculpas desajeitado. — Não, tudo bem. — Mayara soltou um suspiro resignado. — Ele começou a se automutilar de uns tempos pra cá. — Eu e minha irmã soltamos gemidos iguais ao ouvir essas palavras. — A gente não sabe mais o que tentar. Ele não se dá bem com os outros, não

se importa com o viveiro maior, come de má vontade. Muito menos do que é saudável, aliás. — E se soltarem ele? — Nati sugeriu. — Não tem chance de sobreviver sozinho. — Mayara balançou a cabeça, suspirando de novo. — É uma droga, sabe? Você ver as coisas e não conseguir fazer nada. Eu me sinto uma inútil. — Ela fungou e nós a abraçamos, uma de cada lado. — Sei que não sou. É só... tudo tão maior que a gente e tem tanta coisa errada e eu me sinto uma formiga nadando contra a correnteza... Tipo, o Chico tá no viveiro do zoológico porque algum idiota entrou no pouco de matinho que ele tinha pra morar e tentou matar ele. O idiota, coitado, fez isso porque provavelmente tava com medo de febre amarela e não muito bem informado de que providências tomar. Mas enquanto a doença tá matando só bicho e pobre o governo e a imprensa não estão nem aí. Ninguém tá nem aí. Nossa, que ódio! (Chiovatto, 2022, p. 89).

Por causa da imprudência humana, muitos “Chicos” perderam seus lares, ficaram depressivos e não resistiram. A justiça pode falhar e fatos como esse podem passar despercebidos para as pessoas, por isso é tão importante dar voz a essas vítimas de atrocidades causadas pelo homem, a fim de que, em algum momento, as providências cabíveis sejam tomadas, de fato, por aqueles que detêm poder para isso.

3.2 Paisagens topofílicas

É em *O Senhor dos Anéis* em que ocorre a jornada de Frodo Bolseiro, que sai do conforto de sua toca em Bolsão, na Vila-dos-Hobbits, parte do tranquilo Condado, um lugar que lhe traz alegria, paz e aconchego, cercado pelo verde da natureza, para viver uma aventura repleta de perigos, rumo à destruição do Um Anel na terra sombria de Mordor.

Dentro de Bolsão, Bilbo e Gandalf estavam sentados à janela aberta de um pequeno recinto que dava para o oeste, com vista para o jardim. O fim de tarde estava luminoso e pacífico. As flores brilhavam em vermelho e dourado: bocas-de-leão, girassóis e capuchinhas se espalhando pelos muros de relva e espiando pelas janelas redondas (Tolkien, 2019b, p. 69).

No início desta jornada, ele e seus amigos hobbits passam pela Floresta Velha, misteriosa e perigosa, ela guarda um velho salgueiro, que apresenta ter consciência ao prender os hobbits Merry e Pippin dentro de si, ao passo que Frodo e Sam tentam resgatá-los sem sucesso.

Eles são socorridos por Tom Bombadil, que lhes conta muitas histórias sobre os jeitos das árvores e das estranhas criaturas da Floresta, seres bons e maus, amistosos e hostis, bondosos e cruéis. Ele consegue ver os corações das árvores e seus pensamentos, suas palavras fazem isso ocorrer como uma poderosa magia, e observa que muitos deles são de repulsa aos seres que andam livres quebrando, picando e queimando as matas.

Figura 6 – *Old Man Willow*²³, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

Ele ergueu os olhos pesados e viu, inclinando-se sobre ele, um enorme salgueiro, velho e grisalho. Parecia enorme, com galhos espalhados que subiam como braços estendidos, com muitas mãos de dedos compridos, e seu tronco nodoso e torcido se abria em largas fissuras que rangiam baixinho à medida que os ramos se mexiam. (...) Atrás deles as grandes rachaduras se escancararam para recebê-los enquanto a árvore oscilava e rangia. Ergueram os olhos para as folhas cinzentas e amarelas, movendo-se devagar diante da luz e cantando. Fecharam os olhos, e então pareceu que quase conseguiam ouvir palavras, palavras serenas, dizendo algo sobre água e sono (Tolkien, 2019b, p. 189).

As árvores são poderosas e possuem papel de destaque tanto em *O Senhor dos Anéis* quanto em *Árvore Inexplicável*, seus mistérios e longevidade encantam, demonstram o respeito que a natureza emana, fato lindamente abordado por Tolkien e Chiovatto.

²³ O Velho Salgueiro.

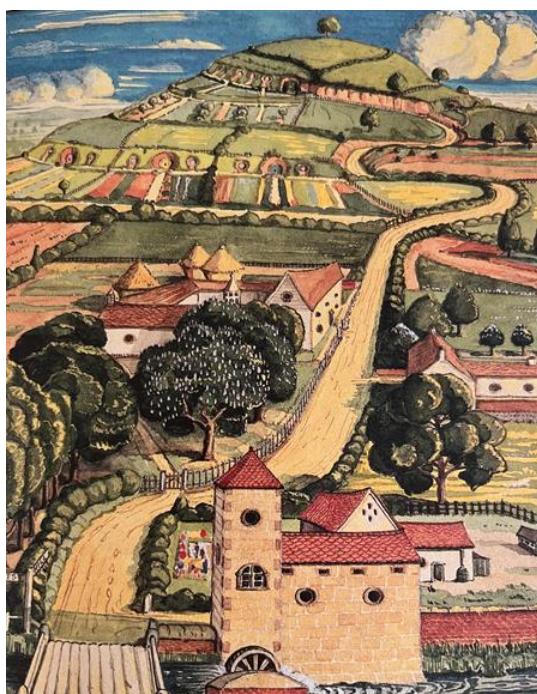
Do mesmo modo, a natureza do mundo primário clama por isso, pois ela não se cala, resiste às atrocidades humanas através dos séculos e mostra que, contra sua força, não há riqueza ou poder que possam pará-la. Seja por meio de eventos climáticos como furacões e tsunamis, seja por intermédio da escassez de alimentos, sua resposta não passa despercebida.

As paisagens nas duas obras serão analisadas sob o conceito de topofilia, criado por Tuan (2012), conforme descrito no capítulo um, ou seja, ambientes agradáveis e que transmitem segurança e conforto para os personagens no enredo, ao contrário das paisagens topofóbicas, que estão na seção que está em sequência, que serão analisados através do conceito topofóbico, de medo e aversão ao ambiente.

O Condado, lar dos hobbits, é descrito como uma terra pequena, porém bela e aconchegante, amada por seus habitantes, é cercado de árvores e jardins, há também um moinho no Água, rio que cerca o local.

A figura abaixo contém uma ilustração do Condado, feita pelo próprio J.R.R. Tolkien, que a desenhou muitas vezes até chegar ao resultado. Ela apareceu pela primeira vez em uma versão ilustrada de *O Hobbit* de 1937.

Figura 7 – *The Hill: Hobbiton-across-the-Water*²⁴, de J.R.R. Tolkien.



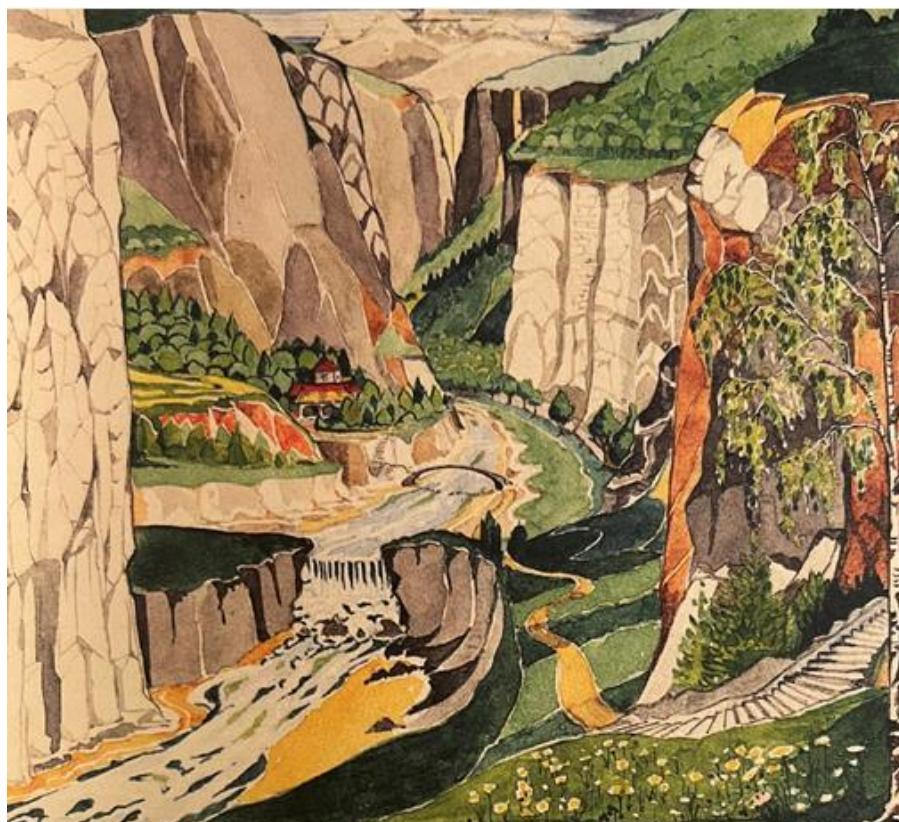
Fonte: Tolkien, 2019a.

²⁴ A Colina: Vila-dos-hobbits-defronte-ao-Água.

Valfenda, chamada de Imladris pelo povo élfico, a casa de Elrond e seus filhos Arwen²⁵, Elladan e Elrohir, é considerada a Última Casa Hospitaleira a leste do Mar. Bilbo a relata como “perfeita, não importava se você gostava de comer, de dormir, de trabalhar, de contar histórias, de cantar, ou de apenas se sentar e pensar melhor no que fazer, ou de uma mistura agradável de tudo isso” (Tolkien, 2019a, p. 327).

Nela, a Sociedade do Anel é formada e parte rumo à missão de salvar a Terra-média. O local é repleto de cachoeiras e florestas, enfatizando a importância de estar próximo à natureza, como sinônimo de levar uma vida saudável e harmoniosa, conforme prezado por Tolkien.

Figura 8 – *Rivendell*²⁶, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: Tolkien, 2019a.

²⁵ Arwen se casa com Aragorn, uma história de amor entre uma elfa e um homem, que foi inspirada por um conto da Primeira Era chamado Beren e Lúthien (incluído no livro *O Silmarillion*). Tolkien afirmou que criou Lúthien espelhada em sua própria esposa, Edith Bratt, com quem teve quatro filhos: John Francis, Michael Hilary, Christopher John e Priscilla Mary Anne.

²⁶ Valfenda.

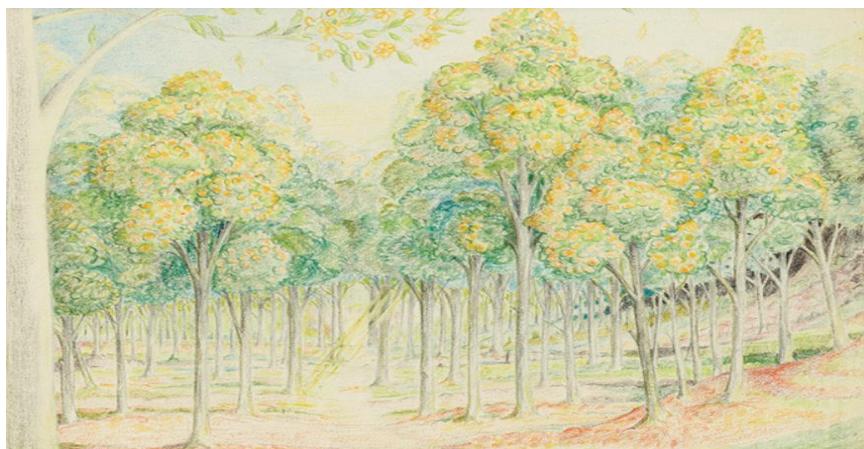
Lothlórien, também nomeada Lórien e Floresta Dourada, é o lar da senhora Galadriel e do senhor Celeborn. Na descrição da floresta, feita por Legolas, percebe-se a beleza de sua natureza, que será preservada caso o bem triunfe sobre o mal:

“Ali ficam as florestas de Lothlórien!”, disse Legolas. É a mais bela dentre todas as moradas de meu povo. Não há árvores como as árvores dessa terra. Pois no outono suas folhas não caem, mas se transformam em ouro. Só caem quando vem a primavera e o verde novo se abre, e então os ramos ficam carregados de flores amarelas; e o chão da floresta é dourado, e dourado é o teto, e suas colunas são de prata, pois a casca das árvores é lisa e cinzenta (Tolkien, 2019b, p. 475-476).

Ali, a Comitiva do Anel encontra repouso e conforto, após Gandalf deixá-los em Moria. A floresta é um espaço aberto, coberto com um gramado verde, onde cresciam dois círculos de árvores, sua grama é semeada com pequenas flores douradas em forma de estrela. Lothlórien é o coração da gente élfica na terra.

Os demais se deixaram cair na grama perfumada, mas Frodo ficou mais um tempo em pé, ainda perdido em pasmo. Parecia-lhe ter transposto uma alta janela que dava para um mundo desaparecido. Havia sobre ele uma luz para a qual sua língua não possuía nome. Tudo o que via era formoso, mas as formas pareciam ao mesmo tempo bem delineadas, como se acabassem de ser concebidas e desenhadas quando desvendara os olhos, e antigas, como se tivessem durado para sempre. Não via cores além das que conhecia, ouro e branco e azul e verde, mas eram frescas e pungentes, como se naquele momento ele as tivesse percebido pela primeira vez e feito para elas nomes novos e maravilhosos. Aqui, no inverno, nenhum coração poderia lamentar-se pelo verão ou pela primavera. Nenhum defeito, nem doença, nem deformidade era visível em qualquer coisa que crescesse na terra. Na terra de Lórien não havia nódoa (Tolkien, 2019b, p. 496).

Figura 9 – *The Forest of Lothlorien in Spring*²⁷, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

²⁷ A Floresta de Lothlórien na Primavera.

Frodo sentiu como se estivesse em uma terra onde o tempo não existia, que não mudava e de onde era possível ouvir ao longe os grandes mares. Ele avistou uma colina com enormes árvores ou uma cidade verde, com verdes torres, e desejou voar como uma ave e lá pousar. Aragorn afirma que nesta terra não existe mal, portanto poderão dormir tranquilos, sem nada temer pela primeira vez, desde que deixaram Valfenda.

Em *Árvore Inexplicável*, as paisagens topofílicas são os parques nas grandes cidades, como o Ibirapuera e o Trianon, onde a protagonista Diana consegue respirar ar puro, ter mais contato com o mundo natural e sentir alívio ao escapar da poluição provocada pelos veículos e indústrias em São Paulo.

Mas também passarinhos. Vários, numa cantoria alegre não condizente com o clima. Perto de onde meus pais e Nati moravam, eu costumava ouvir pardais de manhãzinha. Agora, àquele horário, tal música contínua era privilégio dos bairros mais deslocados, como Interlagos ou Parelheiros. Estaria eu tão perto? Havia os parques a considerar. Os mais centrais não abrigariam aquela sinfonia tagarela; a poluição não os convidaria a aparecer no horário de pico, quando tudo ficava pior [...] (Chiovatto, 2022, p. 291).

No bairro de Interlagos a protagonista também vivencia momentos de harmonia com a natureza, em que destaca que o fato de estar mais afastado das áreas de maior tráfego já faz com que ela sinta menos problemas respiratórios.

Exatos cinquenta e três minutos depois, quando cheguei à estação Autódromo sem saber aonde ir, procurei o laguinho no Google Maps e segui a rota sugerida: três quilômetros, quarenta e um minutos a pé. Logo escureceria e, quando as avenidas que separavam a estação do bairro residencial ultra-arborizado de Interlagos foram substituídas pelas casas de muros altos encimados por arame farpado e cercas elétricas, ora cobertos de trepadeiras, ora apenas um obstáculo de alvenaria, minha primeira impressão do lugar, oito meses antes, se confirmou: era uma região muito macabra para se cruzar a pé, sozinha, àquele horário (Chiovatto, 2022, p. 124).

Ela também se encanta com o laguinho do local, onde existem pica-paus, tucanos, saguis, garças, papagaios, frangos d'água, entre outros animais e é assim descrito por Miguel como “— É um viveiro. — Ele esticou a mão e puxou a folha de uma amoreira, num galho que eu não havia calculado ser possível alcançar. — Se você der sorte, um dos jacarés-de-papo-amarelo aparece pra te dar um oi” (Chiovatto, 2022, p. 30).

O portão de veículos do laguinho estava aberto, sem um vigia sequer nas imediações. Parei. Uma silhueta esguia de agasalho preto e capuz imergiu entre as árvores. Segurei o impulso de gritar “Miguel!”. Era possível que os abaobis ficassem ali, e eu não gostaria de chamar a atenção de ninguém naquela direção. Onde mais estariam, que ele pudesse chegar rápido? O berro das araras na noite em que ficamos pela primeira vez voltou à tona junto com a urgência dele em ver qual era o problema. Teria a ver com os bichinhos? Os meses de silêncio entre nós alongaram os segundos que levei para decidir se deveria segui-lo. Meus pés atravessaram a rua e me conduziram portão adentro enquanto minha mente duvidava se aquilo era o melhor a fazer. Eu me enfiei entre as árvores na direção que ele havia tomado e avancei com cautela. O lago não chegava ali, na parte alta, então eu devia estar a salvo dos jacarés. O poste recém-aceso já não me iluminava e a réstia de luz natural não duraria (Chiovatto, 2022, p. 125).

Ademais, assim como Valfenda e Lothlórien em Tolkien, Interlagos e a chácara em Parelheiros servem de refúgio aos protagonistas em Chiovatto. “— Fica em Parelheiros — ajuntou Tiago. — Seria uma área ótima pra sempre, se não fossem as construtoras tentando espremer a Mata Atlântica ou cercar ela em empreendimentos imobiliários supostamente sustentáveis” (Chiovatto, 2022, p. 138).

Nessa chácara encontra-se uma falsa-seringueira, que também serve de abrigo aos abaobis, assim como a figueira do Burle Marx serviu antes de serem descobertos.

A clareira da falsa-seringueira surgiu adiante. Parei, sem ar, ou pelo exercício ou pela magnífica visão. A árvore inexplicável ficava mágica, mas não era imensa como aquela. O ar translúcido não tinha virado furtacor, como no Ibirapuera, e sim uma cascata de verdes reluzentes, uma ondulação de vapor feito uma cortina de purpurina tão fina que só se via seu brilho, sem nenhuma partícula se destacar. Todos os trinta metros da falsaseringueira emanavam aquela estranha aura, tornando o espetáculo mais impressionante do que qualquer coisa que eu tivesse visto ao vivo [...] (Chiovatto, 2022, p. 184).

Valfenda, Lothlórien, Interlagos e Parelheiros são lugares que transmitem a paz e o aconchego, categorizados pela topofilia, não é uma coincidência que são compostos por cenários naturais.

A natureza traz a calmaria, o ar puro e a paz que as cidades repletas de violência, poluição e descaso ambiental tiram dos seres vivos em seu dia a dia, prezar por sua sobrevivência é prezar pela sobrevivência de todas as espécies.

Esses locais poluídos, que trazem sentimentos de angústia e medo para os personagens em *Árvore Inexplicável* e *O Senhor dos Anéis*, são reconhecidos como topofóbicos por Tuan e retratados a seguir.

3.3 Paisagens topofóbicas

Instigantes passagens nas obras pesquisadas demonstram o conceito de topofobia, aqui atrelado aos de apocalipse e poluição, mencionados no capítulo sobre a ecocrítica.

Quando Frodo chega ao cume de Amon Hen, ele sobe por uma escada de muitos degraus, enquanto fugia de Boromir (um dos homens da história, que é corrompido e tenta tomar o Anel de Frodo, contudo alcança sua redenção morrendo para salvar os hobbits Merry e Pippin). Naquele momento, Frodo usava o Anel para se manter invisível e durante este tempo teve muitas visões, de batalhas que se formavam sob o comando de Sauron, levando destruição e sofrimento por todo o ambiente, em todos os lugares onde havia vida e harmonia, um cenário apocalíptico.

Mas onde quer que olhasse via os sinais da guerra. As Montanhas Nevoentas pululavam como formigueiros: orques emergiam de um milhar de buracos. Sob os ramos de Trevamata havia combate mortal de Elfos, Homens e feras crueis. A terra dos Beornings estava em chamas; havia uma nuvem sobre Moria; a fumaça subia nas fronteiras de Lórien (Tolkien, 2019b, p. 562).

A Sociedade chega a um local dentro da floresta chamado de Caras Galadthon, percorrem muitas trilhas e escadarias, lâmpadas iluminam o caminho, oscilando nos ramos das árvores. Encontram-se com Galadriel e Celeborn, trajados de branco, graves e belos. Galadriel convida Frodo e Sam para olharem em seu Espelho, que mostra muitas coisas que são e outras que ainda poderão ser.

Quando Sam olha dentro da bacia de prata, preenchida com a água do riacho, tem uma visão do que pode ocorrer na Terra-média, caso Sauron vença a guerra e o mal perdure. Ele vê árvores sendo cortadas, o Velho Moinho do Condado havia desaparecido e estavam erguendo uma grande construção de tijolos, com uma chaminé de onde saía uma fumaça negra.

Os hobbits amam cultivar tudo que cresce, plantas e alimentos, o que faz com que especialmente Sam, que é jardineiro, fique consternado com a possibilidade de se tornar real o que o Espelho mostra, prevendo a destruição de tudo que é belo, no lugar da natureza limpa e verde haverá apenas a escuridão e o vazio.

As paisagens topofóbicas estão em oposição à topofilia de lugares como Condado, Valfenda, Lothlórien, Interlagos e Parelheiros, por isso é designado o termo topofóbico a eles.

Na terra sombria de Mordor habita Sauron, o Senhor Sombrio, que permanece em sua fortaleza, Barad-dûr. Ele é o maior dos serviços de Melkor, também chamado de Morgoth, a representação do mal na Terra-média, aquele que traiu Eru Ilúvatar.

Em todos os feitos de Melkor, o Morgoth, sobre Arda, em suas vastas obras e nos enganos de sua astúcia, Sauron tinha parte e só era menos maligno que seu mestre porque, por muito tempo, serviu a outro e não a si mesmo. Mas em anos que vieram depois ele ergueu-se como uma sombra de Morgoth e um fantasma de sua malícia e caminhou a segui-lo na mesma senda ruinosa rumo ao fundo do Vazio (Tolkien, 2019e, p. 59).

Stainle (2016) realça que Sauron gozava de total confiança de seu mestre, tanto que durante a guerra entre Melkor e os Valar, o próprio saiu de Angband e penetrou na Terra-média, deixando o comando da guerra nas mãos de Sauron.

Figura 10 – *Barad-dûr The Fortress of Sauron*²⁸, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

²⁸ Barad-dûr A Fortaleza de Sauron.

A língua negra foi criada por Sauron nos Anos Sombrios, tornando-se o idioma de Barad-dûr e de seus servos em Mordor. A inscrição do Anel por ele utilizado estava nessa língua e significa: “Um Anel que a todos rege, Um Anel para achá-los, Um Anel que a todos traz para na escuridão até-los” (Tolkien, 2019b, p. 102).

Do mesmo modo que em *Árvore Inexplicável* existe Luciano, o grande antagonista que se deixa dominar pela ganância e desejo de poder, em *O Senhor dos Anéis* há Sauron, descrito por Gandalf como o Senhor Sombrio, que vive na fortaleza de Barad-dûr, a Torre Sombria de Mordor, próxima ao Monte da Perdição, onde ele próprio forjou o Um Anel e apenas lá ele poderá ser destruído.

O objetivo do Senhor Sombrio era dominar os povos livres, nem que para isso tivesse que destruir toda a Terra-média, colocando-a em risco, devastando a natureza e todas as formas de vida, por ganância e poder.

Em Mordor existe a paisagem que pode ser considerada a realidade de toda a Terra-média, caso o mal triunfe, que remete ao futuro do planeta Terra, caso nada seja feito pelos governantes perante a crise climática.

Frodo e Sam observaram aquela terra odiosa com uma mistura de abominação e espanto. Entre eles e a montanha fumegante, e em volta dela ao norte e ao sul, tudo parecia arruinado e morto, um deserto queimado e estrangulado (Tolkien, 2019d, p. 1323).

Tal realidade do possível futuro na fantasia está atrelada à da realidade primária, visto que a crise climática que engloba todo o planeta, é uma questão de urgência, basta assistir as notícias diárias, as quais suscitam a reflexão sobre as atrocidades ambientais cometidas nas últimas décadas para concluir que a sobrevivência da Terra e de seus habitantes está em risco.

Chegando ao final de sua missão, os hobbits Frodo e Sam notaram os campos cultivados por escravos, as estradas que corriam para terras tributárias de onde soldados traziam novos escravos, túneis e profundos arsenais construídos pelos serviços de Mordor para a defesa do Portão Negro.

Atrás dos muros daquela terra monótona, o ar parecia gélido e sem vida, mas era sufocante. Avistaram, então, a Montanha de Fogo que despejava fumaça, Orodruin, o Monte da Perdição, o lugar que tanto buscaram alcançar para destruir o Anel.

Em toda a volta a terra se escancarava, e de fundas frestas e covas saltavam fumaça e vapores. Atrás deles a Montanha estava em convulsão. Grandes fendas abriam-se em seu flanco. Lentos rios de fogo vinham descendo na direção deles pelas longas encostas. Logo eles seriam tragados. Caía uma chuva de cinzas quentes (Tolkien, 2019d, p. 1360).

Gollum os alcançou e se lançou sobre Frodo, após este ter sido domado pelo poder do Um Anel e não ter conseguido lançá-lo nas chamas do Monte da Perdição. Os dois travam uma disputa que se encerrou com a queda de Gollum e de seu Precioso, o Anel, no fogo, destruindo o Senhor Sombrio e seu reino maligno.

Posteriormente à coroação de Aragorn como rei em Gondor e algumas despedidas, os quatro hobbits, Frodo, Sam, Merry e Pippin, retornam ao Condado e se deparam com uma situação alarmante.

O novo cenário apocalíptico é presenciado no Condado e o responsável pela devastação novamente é o mago Saruman, que após desmatar a floresta de Fangorn e poluir a região com as chaminés de Orthanc, consegue escapar e se dirige a Eriador, onde se situa o Condado, iniciando um processo de devastação em prol do “progresso” tecnológico, tal qual fizera em Isengard, conforme descrito por Barbárvore:

“Algum tempo atrás comecei a me perguntar como os Orques ousavam passar tão livremente por minhas matas”, prosseguiu ele. “Só ultimamente percebi que a culpa era de Saruman, e que há muito ele estivera espionando todos os caminhos e descobrindo meus segredos. Ele e sua gente imunda estão produzindo devastação agora. Lá nas bordas estão derrubando árvores – boas árvores. Algumas das árvores eles simplesmente abatem e deixam apodrecer — isso é injúria de Orque; mas a maioria é picada e levada para alimentar os fogos de Orthanc. Sempre há fumaça subindo de Isengard nestes dias” (Tolkien, 2019c, p. 703).

Injúria de orque refere-se ao fato de eles simplesmente deixarem as árvores apodrecerem, sem qualquer tipo de utilização. O fato de sempre haver uma fumaça em Orthanc relaciona-se diretamente à indústria que emana poluição na atmosfera através de suas chaminés.

Saruman é portador de uma mente “de metal e rodas”, como cita o ent Barbárvore. Almeja o poder acima de tudo, sem se preocupar com os seres que crescem, é um traidor sombrio corrompido pelo mal.

Nós Ents não gostamos de ser incitados; e nunca nos incitamos a não ser que nos seja óbvio que nossas árvores e nossas vidas estão em grande perigo. Isso não acontece nesta Floresta desde as guerras de Sauron e

dos Homens do Mar. Foi o serviço-órquico, a derrubada desenfreada – *rárum* –, sem nem a desculpa ruim de alimentar as fogueiras, que nos enfureceu tanto; e a traição de um vizinho, que nos deveria ter ajudado. Os Magos deveriam saber melhor: eles sabem melhor. Não há maldição em élfico, em entês ou nas línguas dos Homens suficientemente má para tal traição. Abaixo Saruman! (Tolkien, 2019c, p. 718).

Figura 11 – *Orthanc*, de J.R.R. Tolkien.



Fonte: <https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>, 2024.

Embora Tolkien seja contrário a alegorias, muitos leitores associam este momento de *O Senhor dos Anéis*, no capítulo “O Expurgo do Condado”, com o momento em que Tolkien retorna à Sarehole, onde passou sua infância. O autor confirma que, de fato, há alguma base nesta experiência, mesmo que tênue e remota. Essa informação consta no prefácio da segunda edição da obra:

A região em que vivi na infância estava sendo miseravelmente destruída antes de eu fazer dez anos, nos dias em que automóveis eram objetos raros (eu jamais vira um) e os homens ainda construíam ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal uma imagem da última decrepitude do moinho de trigo junto à sua lagoa, outrora pujante, que muito tempo atrás me parecia tão importante (Tolkien, 2019b, p. 35).

A paisagem que os hobbits encontram ao chegar no Condado é descrita da seguinte forma:

Foi uma das horas mais tristes de suas vidas. A grande chaminé se ergueu diante deles; e ao se aproximarem da velha aldeia do outro lado do Água, através de fileiras de casas novas e miseráveis de ambos os lados da estrada, viram o novo moinho em toda a sua feiura carrancuda e vil: um grande prédio de tijolos escarranchado sobre o rio, conspurcando-o com um efluente fumegante e fedorento. Em toda a extensão da Estrada de Beirágua as árvores haviam sido derrubadas uma a uma (Tolkien, 2019d, p. 1445-1446).

A destruição é tamanha que a Granja Velha fora demolida, as castanheiras haviam sumido, as ribanceiras estavam despedaçadas. Saruman providenciou que derrubassem, inclusive, a bela árvore onde eram celebradas as festas de aniversário de Bilbo.

Os hobbits enfrentaram Saruman pela salvação do Condado, que acabou sendo morto. Após anos, os amigos se encontram e despedem-se de Frodo nos Portos Cinzentos, onde também encontram Bilbo, Gandalf, Elrond e Galadriel, que embarcam com ele em uma nau branca rumo ao Oeste, onde ficam as Terras Imortais.

Em *Árvore Inexplicável*, a presença da topofobia se dá em diversos locais, nos quais se faz presente por meio de sentimentos dos personagens.

No laguinho do Parque Ibirapuera, por exemplo, a falta de empatia e conscientização de pessoas que jogam lixo e não se preocupam com a poluição e intoxicação de animais é mencionada. Vale ressaltar que o parque é tanto uma paisagem topofílica quanto topofóbica na história.

Essa passagem transparece uma parte da sociedade que não se preocupa com a natureza e as demais espécies, que parece não acreditar que também sofrerá as consequências da crise climática. O ser humano não é superior e nem está isento de sofrer com as mudanças do clima e do ambiente, que impactam na saúde, produção de alimentos, enchentes, devastações e destruições diversas.

Entrei em silêncio e me deitei. Continuava sem sono, mas pelo menos tinha algo para me distrair dos pensamentos anteriores. Fiquei imaginando um caminhão enorme despejando lixo dentro do lago do Parque Ibirapuera. O laguinho não devia ser tão grande – era conhecido no diminutivo pelos moradores, afinal –, o que tornava a ideia de usá-lo como aterro mais absurda ainda. E pensar nisso não me fazia odiar a minha vida; me dava certo senso de propósito. Imaginei araras sobrevoando a casa, pousando na janela e informando Tiago sobre uma operação secreta da prefeitura para assorear o lago. Do nada, uma legião de aranhas começou a tecer teias enormes para impedir o lixo de entrar em contato com a água, e então

árvores centenárias emergiram como *ents* de *O Senhor dos Anéis* e agarraram o caminhão e o comeram (Chiovatto, 2022, p. 35-36).

A autora menciona os *Ents* de *O Senhor dos Anéis*, os pastores-das-árvores, guardiões das florestas, criados por Tolkien para retratar a importância da preservação do meio ambiente, conforme descrito anteriormente, no capítulo dois. “Só despreza árvores quem nunca precisou andar uma hora debaixo de sol” (Chiovatto, 2022, p. 66).

O conceito ecocrítico de poluição é fortemente abordado em *Árvore Inexplicável*, visto que para a protagonista é um alívio poder caminhar por lugares verdes em uma cidade cinza e respirar um ar menos poluído. “Mas o termômetro de rua na avenida lá embaixo apontava a qualidade do ar como “moderada”, o que costumava significar “você perdeu uns dois anos de vida por respirar aqui”” (Chiovatto, 2022, p. 65). “O frio na barriga se espalhou pelo meu corpo, me dando a sensação de bem-estar de respirar um ar puro após horas soterrada por fumaça de caminhão e pneu queimado em asfalto quente na Marginal” (Chiovatto, 2022, p. 298).

O conceito de topofilia é notado nos locais em que a natureza se faz presente na obra de Chiovatto, ou seja, onde é possível respirar ar puro, com árvores e plantas. Já o de topofobia, é destacado nos locais sem arborização da cidade de São Paulo, tomados pela poluição dos veículos emissores de gases poluentes.

Vale ressaltar também o cenário apocalíptico que se passa em um laranjal, localizado na cidade de Botucatu, interior de São Paulo. Nele, a protagonista Diana é torturada pelo neurologista Luciano, que insiste em fazer testes forçados com a meta de descobrir como ela possui o dom da visão das energias liberadas pelas árvores. Esse cenário pode se equiparar a Orthanc, em Tolkien, onde experimentos são feitos para a criação de novas armas e onde ocorre a tortura de Gandalf por Saruman.

Luciano falava como se explicasse algo a um parente meio toupeira, não a uma prisioneira. Eu quis agarrar aqueles cabelos brilhantes e arrumados e bater sua cara no vidro até rachar. Quis gritar e sair correndo. Quis obter informações vitais enquanto não conseguia fugir. Eu teria cabeça para isso? (Chiovatto, 2022, p. 207).

O repentino tilintar da tranca me deu taquicardia. Estava em silêncio havia algumas horas, com certeza, então o som teve o peso de uma sentença. Era só uma senhora trazendo uma marmita de isopor com uma colher de

plástico. Quando ela foi embora, inspecionei a refeição, que consistia em arroz, feijão, couve e bife. Fitei o último item com desconfiança. Embora parecesse carne de boi da mais comum, não consegui afastar a imagem de Sabido da mente. *Carne inadequada pra consumo*. Separei-a na tampa e devorei o resto (Chiovatto, 2022, p. 214).

Sabido é mutilado no laranjal, um lugar que remete apenas a horror, no qual a destruição de animais humanos e não humanos é justificada para dar poder aos que, na verdade, deveriam estar em busca de pesquisas éticas para ajudar os abaobis.

As paisagens topofóbicas da fantasia não diferem das encontradas no mundo primário, no qual basta apenas acompanhar os noticiários para visualizá-las, seja através de desmatamentos e queimadas ilegais, seja através do tráfico de animais em extinção.

Figura 12 – *The Shire and Mordor*²⁹, de Clara Ferreira Santos.



Fonte: desenho feito por Clara Ferreira Santos, aluna do 9º ano F da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Toledo, Cerquilho/SP, 2024.

²⁹ O Condado e Mordor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao comparar duas obras de fantasia de diferentes países, em diferentes contextos históricos, visto que *O Senhor dos Anéis* teve seu primeiro volume, *A Sociedade do Anel*, publicado em 1954, enquanto *Árvore Inexplicável* foi publicada em 2022, aferiu-se que a pauta ambiental segue em alta e sem ações eficazes dos governantes mundiais.

A crise climática persiste e se intensifica a cada ano, em 2024 o estado brasileiro do Rio Grande do Sul vivenciou a maior tragédia ambiental de sua história devido às enchentes causadas pelo volume de chuva. O descaso e o negacionismo perante essa crise é fruto da ganância humana, que em sua constante busca por dinheiro e poder contribui para a falta de conscientização social no âmbito dessa temática. Ações ilegais como os desmatamentos e incêndios criminosos não são punidos, a poluição e a degradação ambiental parecem ser ignoradas no cotidiano da sociedade, fato que infelizmente leva à reflexão sobre a escassez de recursos hídricos, de alimentos e desastres ambientais cada vez mais frequentes, comprometendo o futuro das próximas gerações e, talvez, o da própria sociedade contemporânea.

Há diversos “Saurons” e “Lucianos” presentes no mundo primário, que causam devastação em prol de um “bem maior”, que na verdade beneficia apenas àqueles que desejam a dominação e o “progresso”, perpetuando o ódio e desprezando os demais seres vivos e seus habitats, objetivando a obtenção de lucro a todo custo, mesmo que seja através do sacrifício de vidas inocentes.

Conforme consta na carta de número 131, presente na edição de 2019 do livro *O Silmarillion*, Tolkien escreveu para seu amigo Milton Waldman uma longa descrição sobre seu universo mitológico no ano de 1951, na qual menciona Sauron, o Inimigo dos povos livres da Terra-média, como um ser que sempre se ocupa da dominação. “[...] sendo o Senhor da magia e das máquinas; mas o problema – de que esse mal aterrorizante pode surgir, e surge, de uma raiz aparentemente boa, o desejo de beneficiar o mundo e os demais, rapidamente e de acordo com os próprios planos do benfeitor, – é um motivo recorrente” (Tolkien, 2019e, p. 21).

Ao analisar ecocriticamente as obras dos dois autores, Tolkien e Chiovatto, é perceptível que ambos se posicionam contrários a essa forma de dominação e demonstram, através de suas obras com elementos fantasiosos, que consequências catastróficas advêm da mesma, ainda que tardias. Através de suas narrativas, trazem importantes reflexões sobre a destruição da natureza, atreladas aos atuais problemas ambientais enfrentados pela sociedade, revelando que, de modo cada vez mais nítido, a sobrevivência humana e de todas as espécies na Terra está diretamente vinculada à preservação do mundo natural. Exalta-se, portanto, o papel da literatura como meio de conscientização social para a importância de cuidar e respeitar o meio ambiente.

No primeiro capítulo foi apresentado um panorama dos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, exaltando a conscientização ecológica como fundamental na sociedade, seguido de estudos ecocriticos importantes para a compreensão da ecocrítica através de reflexões dos principais pesquisadores do tema, com destaque para o escritor britânico Greg Garrard, no qual reúne importantes análises feitas pelos mais renomados pesquisadores sobre o tema na obra *Ecocrítica*, incluindo ele próprio.

Sequencialmente, o embasamento teórico sobre ecocrítica foi ampliado através da obra *Poética e filosofia da paisagem*, do escritor francês Michel Collot, ao introduzir abordagens sobre temas como paisagem, ecologia, ecologia humana (relação homem-ambiente) e colapso ambiental. Tais conceitos também são abordados por importantes pesquisadoras brasileiras citadas, como Alpina Begossi e Ida Alves, que foi, inclusive, quem coordenou a tradução do livro de Collot no Brasil.

Ressaltam-se os conceitos de zooliteratura e zoopoética, inseridos por meio das reflexões de uma das mais renomadas pesquisadoras do assunto no mundo, a autora brasileira Maria Esther Maciel, importantes fundamentos para as análises da primeira seção do capítulo três, “Animais não humanos”. Isso posto, exaltam-se também os termos topofilia e topofobia desenvolvidos pelo geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que contribuíram para enriquecer as análises realizadas sobre as distintas maneiras de relacionamento entre os personagens e os ambientes em que se encontram, presentes nas duas seções do capítulo final, “Paisagens topofílicas” e “Paisagens topofóbicas”.

Nas análises sobre literatura de fantasia que constam na segunda seção, há o suporte de estudiosos como Brian Attebery, Edward James, Farah Mendlesohn e

J.R.R. Tolkien, que trazem importes reflexões e aprofundamentos sobre a fantasia em suas pesquisas. A obra *Rhetorics of Fantasy*, de Mendlesohn, merece destaque por estruturar o gênero fantasia em categorias dentre as quais estão inseridas as obras do *corpus*, *O Senhor dos Anéis* em fantasia imersiva e *Árvore Inexplicável* como fantasia intrusiva. Tolkien reflete sobre a sua importância ao oferecer um meio de escape, uma espécie de alívio e consolação, fazendo com que as pessoas voltem a ter uma crença de que uma realidade melhor está por vir, que é possível, apesar de tudo. Há uma breve explicação dos conceitos de eucatástrofe e mundo secundário, desenvolvidos pelo professor em seu livro *Árvore e folha*.

No segundo capítulo são realizadas reflexões sobre a relação entre fantasia e ecologia, que incluem duas breves análises de *As Crônicas de Gelo e Fogo* e *Harry Potter*, obras que se enquadram nas mesmas categorias de *O Senhor dos Anéis* e *Árvore Inexplicável*, respectivamente, com a finalidade de ampliar o repertório do leitor sobre o tema e fomentar novas pesquisas que contemplam a fantasia sob o olhar ecocritico.

Um levantamento dos principais aspectos dos enredos das obras do *corpus* é feito e descrito, a fim de contextualizar o leitor da importância que a ecologia contém em ambas para as análises ecocriticas que vêm a seguir.

O último capítulo conta com as análises das obras do *corpus* através de uma perspectiva ecocritica, que são organizadas em três seções tangentes em ambas, “Animais não humanos”, “Paisagens topofílicas” e “Paisagens topofóbicas”.

A ecocrítica, através da literatura, contribui para a discussão contemporânea sobre como viver em equilíbrio com a natureza e oferece apoio ao debate de questões ambientais a partir dos mais diversos textos, como o presente trabalho.

Conclui-se, portanto, que as críticas ao descuido com o meio ambiente são colocadas de forma contundente nas obras de J.R.R. Tolkien e Carol Chiovatto, sendo abordadas através de uma perspectiva ecocritica e possuindo relevante papel para as discussões sobre a crise climática que coloca em risco a existência dos animais humanos e não humanos na Terra.

“Tudo o que temos que decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”
(Tolkien, 2019b, p. 104).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, L. **Alta fantasia e romance heroico.** Tradução de Otavio Oliveira. In: *The Horn Book Magazine*. The Horn Book: Boston, 1971. Conferência originalmente dada em New England Round Table of Children Literature Librarians. Outubro de 1969.
- ALVES, E. E. C.; FERNANDES, I. F. de A. L. Objetivos do Desenvolvimento Sustentável: uma transformação no debate científico do desenvolvimento? **Revista Meridiano** 47, 21: e21010, p. 1-17, 2020.
- ALVES, I. Paisagem, aceleração e poesia por uma geografia das emoções. **Revista de Letras**, Fortaleza-CE, v. 1, n. 34, p. 27-38, 2015.
- ALVES, I.; ANTUNES, S. L. M. Literatura, natureza e compromisso ético: olhares ecocríticos. **Gragoatá**, Niterói-RJ, v. 28, n. 61, p. 1-8, 2023.
- ALVES, E. F. R.; SEIXAS, M. V. R. Sobre hobbits e a grande guerra: a jornada do herói comum. **Ipotesi**, Juiz de Fora-MG, v. 27, n. 1, p. 82-101, 2023.
- ATTEBERY, B. **Strategies of Fantasy**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1992.
- BATALHA, M. C. Literatura fantástica: algumas considerações teóricas. **R. Let. & Let.**, Uberlândia-MG, v. 28, n. 2, p. 481-504, 2012.
- BEGOSSI, A. Ecologia Humana: Um Enfoque Das Relações Homem-Ambiente. **Interciênciac**, Caracas (Venezuela), v. 18, n. 3, p. 121-132, 1993.
- BRUGIONI, E.; MELO, A. C. Ecocrítica(s). Literatura e Colapso Ambiental. **Remate de Males**, Campinas-SP, v. 42, n. 2, p. 254-259, 2022.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.
- CARPENTER, H. **J.R.R. Tolkien: uma biografia**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2018.
- CASAGRANDE, C.; KLAUTAU, D. G.; CUNHA, M. Z. (organização) **A subcrição de mundos: estudos sobre a literatura de J.R.R. Tolkien**. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.
- CHIOVATTO, A. C. L. **A consolidação do estereótipo da bruxa e sua ressignificação na contemporaneidade: nuances de uma alteridade disforizada**. 2022. 310 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2022.

- CHIOVATTO, C. **Árvore Inexplicável**. Rio de Janeiro: Suma, 2022.
- COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução de Ida Alves e outros. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- DICKERSON, M.; EVANS, J. **Ents, Elves, and Eriador: The Environmental Vision of J.R.R. Tolkien**. Kentucky: The University Press of Kentucky, 2006.
- GARRARD, G. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- JAMES, E.; MENDLESOHN, F. **A short history of fantasy**. Libri Publishing, 2012.
- JOVEM PAN. **Brasil concentra 76% dos incêndios na América do Sul**. Jovem Pan; 11 de setembro de 2024. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-mancha/brasil-concentra-76-dos-incendios-na-america-do-sul.html>. Acesso: 13 de setembro de 2024.
- KLAUTAU, D. G. A Natureza e o Sagrado em Tolkien. **Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora-MG, v. 18, n. 1, p. 36-51, 2015.
- KLAUTAU, D. G. **O bem e o mal na Terra-média – a filosofia de Santo Agostinho em O Senhor dos Anéis de J.R.R. Tolkien como crítica à modernidade**. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2007.
- KRONEMBERGER, D. M. P. Os desafios da construção dos indicadores ODS globais. **Revista Teoliterária**, São Paulo-SP, v. 7, n. 14, p. 253-275, 2017.
- LAFORÉ, B. **Cidade de São Paulo tem ar mais poluído do mundo pelo 2º dia consecutivo**. CNN Brasil; 10 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cidade-de-sao-paulo-tem-ar-mais-poluido-do-mundo-pelo-2o-dia-consecutivo/>. Acesso: 13 de setembro de 2024.
- LEÓN, E. L. La literatura infantil y juvenil: el nacimiento de una conciencia medioambiental. In: HENRÍQUEZ, J. M. M.; JUNQUERA, C. F.; VIGAL, J. B. (eds.). **Ecocríticas: Literatura y medio ambiente**, p. 339-367. Madri e Frankfurt: Iberoamericana e Vervuert, 2010.
- LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia (volume único)**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2024.
- LEWIS, C. S. **Sobre histórias**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- LOPES, C. C. E o filme gerou o leitor: um estudo sobre As Crônicas de Nárnia no Brasil. **Revista Ciência e Cultura**, São Paulo-SP, v. 71, n. 1, 2019.
- LOPES, R. J. Variação dialetal, profundidade cultural e tradução em O Senhor dos Anéis. **Revista Fragmentos**, Florianópolis-SC, n. 37, p. 61-73, 2009.

LOPES, R. J. **A Árvore das Estórias: uma proposta de tradução para Tree and Leaf, de J.R.R. Tolkien.** 2006. 230 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

MACIEL, M. E. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano.** São Paulo: Instante, 2023.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MAGALHÃES, H. G. D.; PINTO, F. N. P. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, Ilhéus-BA, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Guerra dos Tronos**, livro 1. São Paulo: Suma, 2019.

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Fúria dos Reis**, livro 2. São Paulo: Suma, 2019.

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Tormenta de Espadas**, livro 3. São Paulo: Suma, 2019.

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo: O Festim dos Corvos**, livro 4. São Paulo: Suma, 2019.

MARTIN, G. R. R. **As Crônicas de Gelo e Fogo: A Dança dos Dragões**, livro 5. São Paulo: Suma, 2020.

MATANGRANO, B. A. **Águias, cisnes e vermes: o imaginário animal na literatura simbolista e decadentista.** 2019. 420 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019.

MATANGRANO, B. A. Ordem vermelha: filhos da degradação, entre a alta fantasia e a distopia. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 56, e5620, 2019.

MATANGRANO, B. A.; TAVARES, E. **Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasmo.** Curitiba: Arte & Letra, 2018.

MENDLESOHN, F. **Rhetorics of Fantasy.** Middletown: Wesleyan University Press, 2008.

MENDES, M. C. No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. **Revista Anthropicenica – Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica** 1, p. 91-104, 2020.

MUNHOZ, F. **Chuvas no RS: mais de 90% das cidades gaúchas foram afetadas; veja lista.** CNN Brasil; 07 de maio de 2024, atualizado em 22 de maio de 2024.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/chuvas-no-rs-quase-80-das-cidades-gauchas-foram-afetadas-veja-lista/>. Acesso: 27 de maio de 2024.

NAVAS, D.; RAMOS, A. M. **Literatura Juvenil dos dois lados do Atlântico**. São Paulo: EDUC, 2021.

OKADO, G. H. C.; QUINELLI, L. Megatendências mundiais 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): uma reflexão preliminar sobre a “nova agenda” das Nações Unidas. **Revista Baru**, Goiânia-GO, v. 2, n. 2, p. 109-129, 2016.

RAMOS, G. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2023.

RODRIGUES, S. C. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

ROSSI, A. D. O Senhor dos Anéis, o retorno da épica e o romance histórico no contexto da pós-modernidade. **Revista Iluminart do IFSP**, Sertãozinho-SP, v. 1, n. 3, p. 136-165, 2009.

ROSSI, A. D.; STAINLE, S. (organização) **Folhas da Árvore: a ficção de Tolkien**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2021.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

SEIXAS, M. V. R. **A literatura crossover de fantasia e as temáticas fraturantes em Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban e Porém Bruxa**. 2023. 113 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2023.

SEMMELMANN, C. C. F. **Em boa companhia: a amizade em O Senhor dos Anéis**. 2017. 249 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2017.

SILVA, A. A. F. **Tropos em obras de Fantasia Urbana: uma análise de Porém Bruxa de Carol Chiovatto**. 2023. 37 f. Monografia (Bacharel em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, D. R. Leituras ecocríticas a partir das textualidades poéticas contemporâneas. **Congresso Latino-americano de gênero e religião, Anais**, São Leopoldo-RS, v. 7, gt. 9, p. 129-138, 2021.

SILVA NETO, M. P. **Diários de viagem à Terra-média: Literatura Fantástica, Ecologia e Ensino de Ciências**. 2021. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, 2021.

SISCAR, M. O que termina apenas começou: Michel Deguy e a Poética da Ecologia. **Revista eLyra**, v. 3, n. 3, p. 43-61, 2014.

STAINLE, S. **Um hobbit a menos, um hobbit a mais, será que tanto faz?** 2021. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2021.

STAINLE, S. **Gandalf: a linha na agulha de Tolkien**. 2016. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2016.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e Folha**. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit: ou lá e de volta outra vez**. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019a.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019b.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019c.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019d.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Edição de Christopher Tolkien. Tradução de Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019e.

TOLKIEN ESTATE. Site oficial. Disponível em:
<https://www.tolkienestate.com/painting/real-life/>. Acesso: 11 de janeiro de 2024.

TOLKIEN ESTATE. Site oficial. Disponível em:
<https://www.tolkienestate.com/painting/the-hobbit/>. Acesso: 11 de janeiro de 2024.

TOLKIEN ESTATE. Site oficial. Disponível em:
<https://www.tolkienestate.com/painting/the-lord-of-the-rings/>. Acesso: 11 de janeiro de 2024.

TUAN, Y. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. Geografia Humanista, p. 165-193. CRISTOFOLETI, A. (organização). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

ZYLBERKAN, M. Prefeitura de Porto Alegre foi alertada há seis anos sobre risco de falha no sistema contra enchente. Folha de São Paulo; 21 de maio de 2024. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/05/prefeitura-de-porto-alegre-foi-alertada-ha-seis-anos-sobre-risco-de-falha-no-sistema-contra-enchente.shtml>. Acesso: 27 de maio de 2024.

APÊNDICE

Entrevista com a autora Carol Chiovatto, realizada em 10/04/2024.

Patrícia – Carol, você é considerada uma das vozes mais talentosas da literatura fantástica brasileira, tendo sido finalista do prêmio Jabuti de 2021 na categoria Romance de Entretenimento com a novela *Senciente Nível 5* (2020) e vencedora do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica 2020 na categoria História Longa de Fantasia com seu romance de estreia, a fantasia urbana *Porém Bruxa* (2019). Gostaria de saber como foi o início de sua trajetória como escritora e quais foram as principais influências durante esse processo.

Carol – Falar do início de uma trajetória é sempre difícil porque é o tipo de coisa que a gente só consegue ver depois de muito tempo olhando para trás pra perceber qual foi de fato o início. Desde que eu era criança, desde que eu sou alfabetizada, eu gosto de criar histórias. Eu fazia livrinho com folha de sulfite. E fazia desenhinho, fazia capa e escrevia, exatamente como os livros ilustrados que a gente pegava na biblioteca da escola. Isso foi um momento 1, que eu acho que mostrava desde cedo a minha relação com os livros. Eu tenho um momento 2, quando virei muito fã de Agatha Christie e comecei a escrever coisas que hoje eu entendo como *fanfics* simplificadas de Agatha Christie. Eu escrevi histórias policiais, inclusive com personagens com nome em inglês, imitando o *modus operandi* de Agatha Christie, de construir um mistério e ter uma resolução no final, o detetive expondo o que descobriu. Isso foi um outro momento. Aí eu tinha uns 11, 12 anos e na verdade era uma *fanfic* de Agatha Christie com o 007, porque eu assistia filmes do 007 com o meu pai. Então tinha cenas de ação, alguns detetives recorrentes e tal. Era uma época que eu estava lendo bastante coisa policial, aí assisti no cinema tanto *Harry Potter* quanto *O Senhor dos Anéis*. E foi a minha porta de entrada para o universo do fantástico. Então foi quando comecei a escrever histórias que hoje eu entendo como “alta fantasia”, na época eu não sabia o que era isso, mas eram histórias que me interessavam, e criei um universo que eu diria que é uma *fanfic* de *Harry Potter*

com *O Senhor dos Anéis*, que se chamava *Cidade dos Nobres*. Esse cenário, eu realoquei para o universo de *Porém Bruxa*, num contexto completamente diferente do que era originalmente, mas foi o primeiro livro que escrevi que era muito longo, que tinha mais um formato de livro mesmo, no sentido de ser um romance mais comprido, e que escrevi em folha de fichário em vez de tentar fazer o formatinho do livro. Então esse foi um terceiro momento. Era uma série, tinha vários livros, várias personagens, várias camadas de histórias bem políticas e com aventura. O quarto momento, que eu acho que foi o definitivo, foi quando criei uma fantasia histórica passada no Brasil colonial. Originalmente ia ser uma história de bruxas passada na França ou na Itália. Só que saiu um edital de criação literária da Fundação Biblioteca Nacional, e daí eu quis concorrer a esse edital, e tinha um item que não lembro exatamente o termo, mas falava sobre justificativa da relevância no cenário ou no contexto sociopolítico brasileiro. Quando cheguei nessa parte, eu pensei... não tem! [risos] Conversei com uma amiga minha que é historiadora e pedi dicas para estudar a história, pesquisar sobre bruxas no Brasil colonial, porque eu queria fazer um romance histórico fantástico que fosse nesse período, assim conseguiria ter essa justificativa. Eu não passei nesse edital, mas esse livro existe. Ainda está inédito porque é realmente muito grande, exigiu muita pesquisa e acredito que para lançá-lo eu precisava ser uma escritora com nome maior. Vai sair um dia. Demorei muitos anos escrevendo esse romance, mesmo enquanto pesquisava muito. Foi também quando me descobri como pesquisadora acadêmica, porque eu lia livros inteiros só para descobrir coisas de ambientação mesmo. E nesse momento foi quando terminei um livro e falei... Caramba, eu acho que posso publicar. Eu tinha 20 para 21, 22 anos, foi quando comecei também a frequentar a cena da literatura fantástica em São Paulo. Na época, envolvia mais editoras e autores independentes. Eu diria que foi esse o começo, porque depois todas as coisas foram consequências desses quatro momentos.

Patrícia – Poderia contar mais sobre a sua relação com as obras de fantasia e destacar qual a sua importância ao tratar de temas que refletem em nossa sociedade?

Carol – Como eu falei, a minha relação com a fantasia começou bem através de filmes, em vez de livros. Claro que depois fui ler os livros, mas foi assistindo *O*

Senhor dos Anéis e *Harry Potter*, que saíram no mesmo ano, 2001, o primeiro de cada série, e fiquei muito encantada. Já tinha visto na vida histórias fantásticas, claro, mas essas foram as primeiras que eu falei, caramba, queria ter escrito isso. E uma coisa que eu gostava muito dessas histórias, e que ao longo da minha adolescência, quando eu fui procurando mais, eu fui descobrindo em relação ao fantástico, que também me ajudou a ir para a ficção científica depois, conforme eu fui conhecendo mais coisas, é o quanto, apesar de ser em universos fantásticos, que falam de outros lugares, de outras épocas, às vezes de lugares que não existem, ainda assim, estamos sempre falando do presente, ou do presente no contexto de produção da obra, no caso das obras mais antigas, estamos falando de problemas muito caros à sociedade, de questões bastante universais, como amor, amizade, guerra, mas também das relações humanas. Sempre é muito interessante pra mim o quanto a fantasia tem essa capacidade de jogar um holofote sobre uma questão muito atual, só que com um certo distanciamento, porque, afinal de contas, ela põe uma “roupinha”. Então parece que estou falando de problema político, mas olha, é mágico, então eu acho que às vezes isso pode ser um pouco mais confortável. Não é exatamente confortável, mas pode ser mais interessante quando algum problema é muito próximo e dói muito trabalhar ele num texto político, num texto jornalístico, discutir isso na fantasia. Pelo menos é o que eu faço na minha fantasia. Eu acho que ela tem esse poder. Além do mais, a fantasia, como um gênero de entretenimento por excelência, ela tem essa capacidade de abraçar o leitor no momento em que ele quer se divertir, então é um momento em que ele está mais aberto a olhar outras vivências, outras existências e a refletir sobre elas, porque é um momento que a pessoa tira pra ela, quando consome algum produto de entretenimento. Nesse momento, é importante fazer uma defesa do entretenimento em geral, e eu vou focar principalmente na fantasia, que é a minha área, porque a gente vive numa sociedade que é muito pautada no cristianismo, historicamente pautada no cristianismo, e no capitalismo, e são duas grandes instituições que culpam muito o prazer. No caso do cristianismo, é culpar o prazer no sentido da culpa mesmo. Mas no caso do capitalismo, parece que você não pode fazer nada que não seja produtivo, então se vai ler tem que ser para aprender alguma coisa, tem que ler para estudar. Eu acho sempre uma questão de resistência você tirar um tempo para você e se divertir com esse tempo, e fazer alguma coisa que é só para você, que não necessariamente serve para te transformar em uma pessoa com mais habilidades. A

fantasia faz isso, sim, só que sem essa pretensão, sem esse gesso de ser uma imposição, de que isso tem que me trazer efeitos x e y, isso tem que me ensinar coisas x. Então é sim uma proposta de discussão, de mudar o olhar, de mudar a vivência e se divertir ao mesmo tempo. Eu acho que a fantasia nos permite viver muitas vidas. O autor George Martin tem uma frase famosa que é: quem não lê vive uma vida só e quem lê vive milhares de vidas, potencialmente. Eu acho que tem um pouco disso e mais, porque permite experiências que a gente não tem como viver, porque, enfim, existe mágica em mundos fantásticos.

Patrícia – Em seu romance mais recente, *Árvore Inexplicável* (2022), você criou com maestria uma história que se passa na cidade de São Paulo e trata de diversos assuntos importantes, entre eles o da preservação do meio ambiente e suas espécies. Fiquei encantada com a maneira que a ecocrítica marca presença em seu texto, destacando situações em que os personagens claramente sentem alívio ao se aproximarem de uma área verde em uma cidade tomada pela poluição. Ademais, você também menciona desastres ambientais que ocorreram no Brasil, como a tragédia ambiental em Mariana (MG), considerada a maior da história do país. Você acredita que, após tantos desastres e com a evidência de uma crise climática, ações mais eficazes finalmente serão tomadas em benefício do meio ambiente?

Carol – Eu gostaria de acreditar que a gente vai tomar ações mais eficazes em relação ao meio ambiente, em relação a essas coisas que são importantes. E existem milhões de pequenas iniciativas, mas, infelizmente, o nosso mundo é construído de forma que algumas pouquíssimas pessoas têm muito poder sobre tudo o que acontece. Então várias dessas iniciativas, por melhores que sejam, acabam não chegando a lugar algum, porque você tem bilionários que fazem questão de tornar as coisas piores em nome de um lucro, de um dinheiro que eles não precisam. Então, infelizmente, eu gostaria de ser mais otimista, mas... Eu gosto de acreditar nas possibilidades, mas não consigo enxergar como a gente poderia manter o nosso sistema econômico atual e, ao mesmo tempo, tomar medidas eficazes o suficiente a tempo. Se a gente mudasse tudo... Especialmente porque eu acompanho documentários e livros de biólogos e pesquisadores. Eu gosto muito do David Attenborough, um britânico idosinho muito fofo, que faz muitos documentários

de conscientização e tem um documentário de partir o coração sobre a longa carreira dele e como era o mundo e as coisas que mudaram. Ele continua sendo otimista no discurso dele, mas é muito duro enxergar o que a humanidade foi capaz de fazer com a Terra em cem anos. E acompanhar o que aconteceu no Brasil durante os últimos anos foi devastador, porque em pouco tempo uma coisa que já estava difícil, que não estava sob controle, desandou completamente e eu realmente não sei o que pensar disso. Gosto de ter esperança, e meus livros são esperançosos nos finais. Não sei se estou tentando achar soluções, como diria Ursula Le Guin, uma autora de quem sou muito fã. Ela fala de escritores de fantasia e ficção científica como realistas de uma realidade maior, e eu acho que é isso. Olhar mundos, olhar, criar outras possibilidades e mostrar que podem existir outros caminhos além dos que a gente está tomando atualmente. Infelizmente, não vejo acontecer. O que eu vejo mais são as bancadas governistas cederem em questões fundamentais à direita em troca de governabilidade.

Patrícia – Árvore Inexplicável também ressalta a importância do incentivo à pesquisa e ciência, de fundamental importância para a compreensão e proteção das espécies. Temos personagens como o Miguel, um biólogo especialista em aracnologia, e a Mayara, médica veterinária que trabalha no zoológico de São Paulo. Eles contribuem durante toda a trajetória da protagonista Diana, que é historiadora e vai se inteirando aos poucos do que está acontecendo ao seu redor. Como foi o processo de construção desses personagens?

Carol – A construção das minhas personagens pesquisadoras segue um pouco a construção de todas as minhas personagens. Eu sempre vou de um microcosmo para um macrocosmo. Então, aquele nosso pequeno universo ao nosso redor e como isso cria ondulações que afetam e são afetadas pelo grande universo ao nosso redor, aquelas coisas sobre as quais nós, meros indivíduos, não temos nenhum poder. No caso dessas personagens, em específico, eu tinha algumas ideias que queria discutir. Algumas delas têm muito a ver mesmo com o governo anterior e os constantes ataques feitos à ciência, à pesquisa e à educação em geral, na forma de cortes sucessivos de verba das agências fomentadoras e das instituições federais em geral. Então, isso prejudicou muita gente. Eu acompanhei a

trajetória de várias pessoas totalmente desesperançadas. Foi um momento que teve um grande problema na UERJ, que teve, inclusive, alguns suicídios de docentes e discentes. Então, isso me tocou muito, de uma forma que ainda me toca. Eu não tinha como deixar de falar sobre isso no livro. E, nessa situação toda, mesmo as áreas de pesquisa que foram preservadas tinham que ser vistas como úteis, tinham que ser áreas úteis, entre muitas aspas. Então, obviamente, as ciências humanas são as primeiras a serem atacadas e a sofrerem esses cortes. Então, por isso que eu botei a minha protagonista como uma historiadora. Aqueles que sabem história, sabem que ela está fadada a se repetir, infelizmente. Mas também essa importância de você ter um conhecimento e de não esquecer. Então, também tem o fato de eu ter posto a pandemia como um registro, porque a literatura também tem essa função de discutir, mostrar como é a sociedade do seu tempo. Então, eu queria deixar registrado um pouco como foi esse período da nossa vida, esse desespero que tomava todos os cantos. O Miguel e a Mayara foram um pouco mais específicos, porque usei os conhecimentos deles a partir de algumas pesquisas que vinham de duas frentes. Uma delas era o meu marido, que está trabalhando com zoopoéticas e ecocrítica na literatura, e ele está falando muita coisa sobre manifestos em relação ao direito de animais, em relação ao meio ambiente em geral. E muitas dessas leituras me interessaram muito e trouxeram temas que me deixaram pensando muito, eu queria trabalhar esses temas todos. A questão das aranhas, a questão dos macaquinhas, tem uma questão também dessa preservação ambiental, de todas essas coisas que eu estava discutindo. Quanto à Mayara, ali teve dois momentos. Um desses momentos foi essa consciência de entrar, falar sobre o Universo Animal, falar sobre a inteligência animal, e aprender sobre isso, e querer trabalhar isso de alguma forma. E uma das minhas melhores amigas, que também foi consultora do livro, é veterinária. E ela é pesquisadora no Instituto Adolfo Lutz. E a especialidade dela são símios. Ela não trabalha exatamente a maior parte do tempo com animais vivos, mas trabalha... E fala muito sobre a questão da inteligência, sobre os macacos como... muito próximos da gente mesmo. Eu já tinha escrito o livro, mas quando estava revisando, na edição, antes de mandar a versão final para a editora, foi publicado no Brasil o livro do Frans de Waal pela editora Zahar, chamado *Somos inteligentes o bastante para saber quão inteligentes são os animais?* Então pedi para a editora, eles me mandaram e devorei o livro. E daí boa parte das coisas que envolvem os abaobis, das discussões, das explicações da Mayara, algumas das

explicações do Tiago e do Miguel têm a ver com coisas que aprendi com esse livro. Porque, nossa, me abriu muitos horizontes. Então toda a pesquisa permeou também como pensam essas personagens, mas também, obviamente, minhas opiniões pessoais enquanto acadêmica, dentro de um contexto no qual a educação estava sendo tão atacada.

Patrícia – Por falar em pesquisa, você é doutora em Letras pela USP e a Diana, protagonista de Árvore *Inexplicável*, também se forma na Universidade de São Paulo, em História. Conte sobre o seu percurso acadêmico, as pesquisas que realizou e como elas impactaram em sua carreira como escritora.

Carol – O meu percurso acadêmico é um pouco errático. Eu comecei a faculdade de Direito na PUC, muito por insistência do meu pai, e eu acabei largando o Direito depois de trabalhar com isso. Em parte, porque eu não tinha dinheiro para pagar a PUC, então tivemos questões financeiras aí. Mas em parte porque descobri que, por mais que eu gostasse de estudar Direito – gostava muito, amava a faculdade – não gostei de trabalhar nessa área. Então larguei, fui fazer publicidade, fui para a área de Comunicação. E fiz na Faculdade das Américas, uma faculdade muito pequena que eu podia pagar na época trabalhando, então isso foi um determinante para mim. Eu tinha sido muito educada pelo meu pai para prestar Direito. Então apesar de eu ser muito, muito, muito nerd e ter ido muito bem nos meus vestibulares como treineira, não passei na FUVEST. Passei para segunda fase, mas não da segunda fase na USP. Isso tinha me dado uma ideia de que a USP era um lugar inacessível. Que é uma ideia muito difundida no nosso imaginário: a USP como um lugar inacessível. Depois de um tempinho que eu tinha me formado, essa minha amiga que é veterinária, pesquisadora, tinha falado: Carol, você gosta tanto de pesquisar, você tá fazendo essa pesquisa para escrever seu livro, acho que você tinha que fazer um mestrado. Vai fazer na USP. E eu falei, não, mas na USP, imagina? Que absurdo. Não imagina que eu vou conseguir. Eu tinha muito essa ideia. Então conheci meu marido, que na época estava começando o mestrado na USP. Eu o conheci na Bienal de São Paulo em 2012. Quando eu vi que ele estava fazendo mestrado, comecei a conversar com ele, puxar assunto, perguntar como era. Fui conhecer a USP e ele me encorajou muito a escrever para um professor da universidade. Eu queria ir, na época, na área de semiótica, porque eu vi que, mesmo

que a semiótica de Letras não seja a mesma da Comunicação, havia uma conversa e uma possibilidade, uma porta para mim. Eu escrevi para um professor da semiótica, o professor Ivã Carlos Lopes, perguntando se eu poderia ser ouvinte, e foi ele o responsável por me mostrar que a USP, na verdade, não tinha portas fechadas, ela tinha as portas abertíssimas, se você souber que pode escrever para um professor, conversar e pedir ajuda. Eu pude assistir a aula como ouvinte e fiquei encantada, me encantei com os meus colegas, todo mundo disponível, muito aberto, e assim conheci a minha orientadora também, que é semioticista, mas da área do inglês na USP. Fiz matérias como aluno especial, que é uma modalidade na qual a gente pode se inscrever mesmo sem estar vinculado a um mestrado ou a um doutorado, então é como funcionaria se fosse um curso livre. Enquanto eu fazia essas matérias como aluno especial, li a bibliografia básica de Letras do primeiro ano e estudei também as bibliografias da prova do mestrado em inglês. Foi uma carga muito intensa de leitura, mas gostei muito, e foi aí que mudei de área. Eu percebi que havia algumas ligações com outras coisas que eu fazia antes. Eu percebi, por exemplo, que tinha sempre um foco grande, na minha ficção, em questões de gênero, e isso se manteve tanto no meu mestrado quanto no meu doutorado, e continua aparecendo na minha ficção. Então aconteceu que a minha vida acadêmica alimenta a minha ficção e a minha ficção acaba orientando um pouco as coisas que quero fazer na minha vida acadêmica. Elas acabaram virando irmãs.

Patrícia – Em minha dissertação, abordo a importância da ecocrítica na atualidade através das análises de seu livro, *Árvore Inexplicável*, e de *O Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Fiquei feliz quando fui surpreendida pela parte de sua história em que a Diana imagina os Ents de Tolkien comendo o caminhão que despejava lixo no lago do Parque Ibirapuera. Aliás, achei essa passagem genial! Você também é uma admiradora de Tolkien?

Carol – Eu sou admiradora do Tolkien, sim. Acho muito difícil gostar de fantasia e não ter pelo menos uma relação com Tolkien, embora às vezes esteja na moda ser um pouco *hater*. Eu acho que o *hater* não é com o Tolkien em si, mas com o fato de que algumas pessoas pensam que a fantasia é só fazer *fanfic* do Tolkien, só que sem todo o trabalho linguístico dele e todo o trabalho de construção cosmogônica.

Sem ele, não haveria a fantasia que conhecemos hoje. Então, sim, de certa forma eu... Claro que eu tenho uma relação, como eu falei nas outras perguntas, né? No começo, quando comecei a escrever fantasia, fazia *fanfic* de *Senhor dos Anéis* com *Harry Potter*.

Patrícia – Poderia falar mais sobre como a obra de Tolkien continua influenciando a fantasia contemporânea e, se for o caso, como ela teve impacto em sua escrita?

Carol – Eu acho que uma das principais influências do Tolkien é na fantasia contemporânea. Bom, é o simples fato de existir fantasia, da forma como a gente entende hoje, mas também o fato de levar a fantasia a sério, porque existia uma tendência a diminuir a fantasia, reduzindo-a apenas a algo para o público infantil, o que de modo algum, para mim, diminui a fantasia. Ser destinada ao público infantil não é uma coisa que deveria diminuir a sua importância, mas, infelizmente, para algumas pessoas diminui. Eu acho que entender que aquilo tem uma capacidade de tocar as pessoas, de falar sobre vários assuntos e de levar a sério esses vários assuntos, é uma coisa que me interessa, sabe? Que vale a pena manter como uma algo que começou com alguém que era um professor, linguista, que sentou e falou “vou escrever uma história de um passado num outro mundo e vai ter seres mágicos.” Essa seriedade e essa vontade de discutir assuntos sérios através dessa lente do fantástico é e sempre será uma influência.

Patrícia – Em Árvore Inexplicável você realça, através da personagem Mayara, que os animais possuem sentimentos e, inclusive, podem desenvolver depressão, como acontece com o bugio Chico, o que remete a outro importante conceito presente na obra além da ecocrítica, que é o de zooliteratura. Para você, como pode ser descrita a importância de incentivar o respeito às outras espécies?

Carol – A questão da zooliteratura, para mim, é interessante como trabalho literário mesmo, porque a literatura tem uma capacidade de nos mostrar olhares que a gente não teria como ter de outra maneira. Eu acho que é um pouco redutor dizer: nossa, a literatura ensina. Às vezes as pessoas usam essa capacidade didática como uma

forma de diminuir a fantasia, mas na verdade eu acho que a literatura pode nos causar uma capacidade empática, porque ela nos permite viver uma experiência que a gente não tem necessariamente. Conversar e ler esses autores que usei para pesquisar me fez entender muitas coisas e me fez pensar muitas coisas que eu queria compartilhar, e por isso eu trouxe essas questões. Respeitar outras espécies, a questão animal, para mim, virou uma questão a partir do momento que meu marido começou a pesquisar sobre isso e começou a conversar comigo sobre as ideias que ele estava lendo e comecei a ler também. A gente começou a debater e decidimos virar vegetarianos. E isso começou a entrar em questão porque parece que quando as pessoas têm um pet, um animalzinho de estimação que elas amam muito e elas tratam como filho, elas esquecem, muitas delas, que aquela criatura, aquele ser é um animal. É quase como se esse animal fosse um humano e, ao humanizar essa criatura, às vezes a gente perde de vista que aquela criatura é um animal, um animal não humano, porque animais somos todos, né? E, no momento em que a gente individualiza aquele pet que a gente ama, é como se ele fosse mais que os outros animais. E claro, na relação afetiva, de certa forma, ele é mais, ele significa mais para a gente, ele é parte da nossa vida. Só que se a gente olhar em volta, os animais têm sentimentos, os animais raciocinam, embora de modo diferente. É sempre muito interessante você ver corvos brincando, estou falando de corvos porque eu estou vendo um parzinho de corvos aqui na minha janela, e vejo eles brincando, eles de fato brincando. Às vezes a gente vê pessoas falando, “ah, é instinto, é não sei o quê”, e então você vai ler pesquisas sobre inteligência de corvos, inteligência de golfinhos, inteligência de diversos tipos de macacos, e você vai descobrindo que são essas as inteligências com as quais nós humanos conseguimos nos relacionar até certo ponto, então conseguimos enxergar essa inteligência, mas quando paramos para olhar e observar, de qualquer forma, são formas de inteligência e de existir que não deveriam ser subjugadas à gente, mas são, e são pela forma como a gente se apoderou do mundo, esse nosso complexo de adão.

Patrícia – Outro assunto abordado em *Árvore Inexplicável* é a ganância humana, que leva profissionais a agirem de modo antiético, realizando experimentos científicos ilegais em seres humanos e não humanos, corrompendo-se pela busca de dinheiro e poder. Com o decorrer da história,

os leitores descobrem que essas pesquisas são financiadas por um importante deputado, que estaria acima de qualquer suspeita. Como, infelizmente, não temos poderes mágicos como os da Diana, de que modo você acredita que as pessoas comuns podem realizar alguma mudança e fazer a diferença contra esses indivíduos que sabemos que existem em nossa realidade?

Carol – Pessoas comuns têm as mudanças pequenas no dia a dia, porque é muito fácil a gente apontar o dedo para os outros, para essas grandes pessoas que têm grandes poderes na esfera pública, apontar a corrupção, e continuar fazer coisas erradas porque é mais fácil. Mas, por outro lado, eu acho que para mudar a esfera pública não tem muito jeito: é acompanhar um pouco o cenário político e votar direito. Ver se pelo menos o deputado vai em todas as sessões, como ele vota. E escolher direito em quem vamos votar, em vez de votar só na legenda. A gente sabe o poder que a legenda teve depois do que aconteceu nos últimos anos no país e a forma como todos esses governos têm se comportado, né? A gente tem visto uma ascensão da extrema direita no mundo todo e, infelizmente essa forma de pensar o governo não leva em conta a pluralidade de existências, né? Então isso acaba piorando a vida da população de modos que a gente nem sempre prevê, e um governo atrapalha ou ajuda muito mais a nossa vida do que a gente se dá conta no nosso pequeno dia a dia. Acompanhar o cenário político e tentar votar da melhor maneira possível, eu acho que é fundamental.

Patrícia – **Para encerrarmos, gostaria que mencionasse quais são os seus planos para o futuro e se possui um novo romance em vista. Confesso que já estou ansiosa por um nova história de Carol Chiovatto.**

Carol – Eu sempre tenho um novo romance em vista. Isso não é uma questão para mim, eu não tenho crise de criatividade, eu não tenho branco. Estou sempre escrevendo. No momento atual estou editando *Porém Bruxa 2*, estou escrevendo um romance novo num mundo alternativo, mas aí um pouquinho mais para o lado da ficção científica. *Soft sci-fi*, não o *hard sci-fi*. O *soft*, no caso, é muito mais empenhado em falar de sociedade do que do detalhezinho da tecnologia. Estou também com três romances na gaveta, duas fantasias históricas, uma fantasia urbana YA, e uma distopia em andamento que estou publicando pela minha

newsletter para assinantes. Tenho uma outra distopia, que está na gaveta agora, mas que vou tirar de lá em algum momento. Basicamente tenho livros para publicar prontos ou em vias de ficar prontos até 2030, e não estou exagerando. Ah, é, mais duas fantasias históricas, sendo que uma eu estou escrevendo em inglês. Então, Pati, se você quer ler livros meus, pode ficar tranquila porque terão muitos!

Patrícia – Que maravilha Carol, isso me deixa realmente feliz. Agradeço muito pelo tempo disponibilizado para a realização dessa entrevista e pela gentileza com que sempre atende os seus leitores. Você, além de uma escritora tão talentosa, também é uma pessoa incrível. Parabéns pelas conquistas, você é merecedora de todo sucesso!